

Priscila Augusta Ferreira Campos

**MULHERES TORCEDORAS DO CRUZEIRO
ESPORTE CLUBE PRESENTES NO MINEIRÃO**

Belo Horizonte
2010

Priscila Augusta Ferreira Campos

MULHERES TORCEDORAS DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE PRESENTES NO MINEIRÃO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer.

Orientador Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Belo Horizonte
2010

C198m Campos, Priscila Augusta Ferreira
2010 Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão.
[manuscrito] / Priscila Augusta Ferreira Campos – 2010.
142f., enc.: il.

Orientadora: Silvio Ricardo da Silva
Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 115-122

1. Futebol - torcedores - Teses. 2. Mulheres – Teses. 3. Lazer - Teses. I. Silva,
Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

**Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e
Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.**



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Mestrado em Lazer
Área Interdisciplinar

PARECER

A Comissão Examinadora da Defesa de Dissertação do aluno **Priscila Augusta Ferreira Campos** intitulada: **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão** após análise do material apresentado, da exposição oral realizada pela candidata e das respostas às arguições, os Membros da Banca consideraram aprovada a dissertação.

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner (UFRGS)

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ/UFMG)

Belo Horizonte, 15 de março de 2010.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento especial, de cumprimento de mais uma etapa pessoal e profissional, gostaria de agradecer aquelas pessoas que estiveram diretamente envolvidas nesta dissertação, bem como aquelas que fizeram parte da minha caminhada.

A Deus e aos meus Santos por estarem sempre presentes guiando os meus passos e me trazendo coisas boas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, pela orientação séria e competente, com quem muito aprendi durante esse tempo.

À Profa. Dra. Ludmila Mourão por aceitar o convite para a participação na banca de qualificação do projeto de mestrado.

À Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner e ao Prof. Dr. Victor Andrade de Melo por aceitarem o convite para comporem a banca avaliadora da dissertação e pelas preciosas contribuições acadêmicas propiciadas por esse encontro.

Ao Cruzeiro Esporte Clube, em nome do seu Diretor de Tecnologia e Informática, Aristóteles Loredó, por ter me concedido o apoio logístico para a realização desta pesquisa.

Ao Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) pelo apoio e trocas de conhecimento. Em especial: Luiz Gustavo, Marcos (Marquin), Thiago José (TJ), Tiago Felipe (Shortin), Felipe (Tio Phil), André (Andrezão), Débora, Ananda, Gibson (Melzinho), Yuri, por terem comprado a minha ideia e se disponibilizado para contar as mulheres presentes no Mineirão!

Agradecimento mais do que especial aos gefutenses Tio Phil, Andrezão, TJ e Luiz (Luizin), por terem me acompanhado durante a aplicação dos formulários *sangue nus óio* e à gefutense Izabela, pela transcrição das entrevistas.

Ao meu pai, Paulo, pelos momentos metafísicos, chistes e espetáculos variados. À minha mãe, Edna, pelas conversas, conselhos e cumplicidade. E a

ambos, pelo apoio, por terem tornado esta conquista possível, por sempre acreditarem em mim e também por duvidarem de mim em alguns momentos.

À Jéssica e à Alice, irmãs presentes mesmo na minha ausência. Que durante todo esse processo vêm procurando compreender o que é isso que eu faço com tanta dedicação.

À Luli, querida vira-lata, que, na reta final, mostrava-me que a vida não era só escrever dissertação.

Ao meu namorado, Silvio, pelo amor, cumplicidade e carinho.

À Cândida, por vir me mostrando que flexibilidade não é sinônimo de fraqueza ou falta de personalidade, mas sim, que cada situação, por mais delicada e frágil que seja, possui sempre dois lados...

À Wanda, secretária do CENEX da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, pela educação, profissionalismo e seu sorriso.

À Giovana, Girgily, pela amizade.

Ao Sr. Lima, cruzeirense, pelo minucioso trabalho de revisão.

Aos meus familiares, pelo apoio.

E, em especial, às torcedoras cruzeirenses que estão presentes no Mineirão vibrando e torcendo pelo Cruzeiro. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

*Eu não sei se vem de Deus
Do céu ficar azul
Ou virá dos olhos teus
Essa cor que azuleja o dia?
Se acaso anoitecer
Do céu perder o azul
Entre o mar e o entardecer
Alga-marinha vá na maresia
Buscar ali um cheiro de azul
Essa cor não sai de mim
Bate e finca pé
A sangue de rei
Até o sol nascer amarelinho
Queimando mansinho
Cedinho, cedinho, cedinho
Corre e vá dizer pro meu benzinho
Um dizer assim:
O amor é azulzinho
Até o sol nascer amarelinho
Queimando mansinho
Cedinho, cedinho, cedinho
Corre e vá dizer pro meu benzinho
Um dizer assim:
O amor é azulzinho*

(Azul, Djavan)

RESUMO

Nesta dissertação buscou-se conhecer o perfil sociológico das mulheres torcedoras da equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube, presentes no estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão –, Belo Horizonte/MG, e a relação estabelecida por elas com o Clube e com o estádio. A pesquisa definiu-se como exploratória descritiva. Para traçar o perfil sociológico, foram aplicados 443 formulários e, para compreender a relação com o Clube e com o estádio, foram realizadas 14 entrevistas semiestruturadas. Os dados encontrados no formulário apontam que esse grupo social é formado por um elevado número de mulheres que adotam a ida ao estádio como uma opção de lazer. Elas variam em idade, formação profissional, local de residência, condições econômicas e formas de se relacionar com o Cruzeiro. Ao dar voz às que estão sempre presentes no estádio, apontou-se que a família, principalmente o pai, tem grande influência na escolha por esse clube. As falas das torcedoras, bem como as análises, ajudam a demonstrar o quão (in-)tensa é a relação da torcedora com o estádio. Ao mesmo tempo em que buscam o seu espaço, acabam reforçando normas sociais existentes. Ao adotar como referência a forma de torcer masculina, as mulheres acabam reforçando uma visão unívoca do que é ser uma torcedora dificultando a sua apropriação e inserção legítima nesse espaço e desconsiderando que existem várias formas de torcer e de manifestar o pertencimento clubístico.

Palavras-chave: mulher, torcedora, futebol, lazer

ABSTRACT

This dissertation searched for the sociological profile of female supporters of the Cruzeiro Esporte Clube football team who watch football matches at Governador Magalhães Pinto Stadium – known as Mineirão. It also searched for the relationship established by these supporters with the team and the stadium. The research performed in this dissertation can be described as an exploratory descriptive study. In order to delineate the previously mentioned sociological profile 443 questionnaires were given. Furthermore, due to the comprehension of the relationship of the female supporters with the team and the stadium 14 half-structured interviews were done. The data produced by the questionnaires indicate that this social group is formed by an elevated number of women who adopt going to the stadium as an option of leisure. These women vary on age, professional qualifications, residence, wealth status and the way to interact with Cruzeiro. By hearing these women who are always present at the stadium it was possible to discover that the family – mainly the father – has a great influence in the decision to support this specific football team. The female supporters' speeches as well as the other analysis help to demonstrate how intense the relation between the mentioned supporters and the stadium is. Meanwhile, these women search for their space and end reinforcing existent social norms. By adopting the men way of football-supporting, these female supporters reinforce stereotypes and jeopardize their legitimacy in the insertion and appropriation in the football area.

Key-words: woman, female supporter, football, leisure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 Lista de Figuras

Figura 1 –	Mapa de setorização do Mineirão	17
Figura 2 –	Distribuição de Belo Horizonte por regionais	49

2 Lista de Gráficos

Gráfico 1 –	Distribuição por cursos	45
Gráfico 2 –	Número de mulheres que vão ao Mineirão pela primeira vez distribuído por décadas	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Idade (anos) distribuída por faixa etária (anos)	41
Tabela 2 –	Distribuição do estado civil em porcentagem	42
Tabela 3 –	Nível de escolaridade distribuído por faixa etária	43
Tabela 4 –	Distribuição da ocupação profissional por faixa etária	46
Tabela 5 –	Valores de rendimento distribuídos por faixa do salário mínimo	47
Tabela 6 –	Distribuição da faixa de rendimento por faixa etária	48
Tabela 7 –	Distribuição das moradias pelas regionais de Belo Horizonte	53
Tabela 8 –	Pessoa de referência no domicílio distribuída pela faixa etária	54
Tabela 9 –	Frequência com que costuma ir ao Mineirão assistir aos jogos do Cruzeiro	57
Tabela 10 –	O tipo de jogo a que costuma vir assistir	58
Tabela 11 –	Distribuição dos outros motivos que fazem com que as torcedoras vão ao Mineirão	58
Tabela 12 –	Motivos que fizeram escolher tal jogo para irem à primeira vez ao Mineirão	59
Tabela 13 –	Forma principal pela qual você obtém notícias do Cruzeiro ..	60
Tabela 14 –	Distribuição por pessoas que vão ao estádio junto à torcedora	61
Tabela 15 –	Meio de transporte utilizado para ir para o estádio	62
Tabela 16 –	Meio de transporte utilizado para voltar do estádio	62
Tabela 17 –	Distribuição da faixa etária com que foi a primeira vez ao Mineirão	63
Tabela 18 –	Distribuição da idade por frequência	126
Tabela 19 –	Estado civil por faixa etária	128
Tabela 20 –	Curso de graduação	129

LISTA DE SIGLAS

1	CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico	2
2	UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	2
3	GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas	3
4	COEP – Comitê de Ética em Pesquisa	14
5	IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	14
6	IDH – Índice de Desenvolvimento Humano	50
7	PIB – Produto Interno Bruto	50
8	EDT – Estatuto de Defesa do Torcedor	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	01
1.1	Preleção	01
1.2	Objetivos	09
1.2.1	Objetivo geral	09
1.2.2	Objetivos específicos	09
1.3	Justificativa	10
1.4	A tática de jogo	13
1.4.1	Sujeitos da pesquisa	16
1.4.2	Referencial teórico	16
1.4.3	Coleta de informações	16
1.5	A escalação do <i>time</i>	19
2	AS MULHERES NO PAÍS DO FUTEBOL	20
2.1	O pertencimento clubístico	33
2.2	Quem são as torcedoras?	35
3	IDA A CAMPO: O PERFIL SOCIOLÓGICO DAS TORCEDORAS	37
3.1	Algumas observações sobre o campo	37
3.2	Sobre o perfil das torcedoras cruzeirenses presentes no Mineirão	40
3.2.1	Parâmetros socioeconômicos	40
3.2.2	Relação com o Cruzeiro	55
3.2.3	Relação com o Mineirão.....	61

4	COMPREENDENDO AS TORCEDORAS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	66
4.1	Relação com o Cruzeiro	71
4.2	A relação com o Mineirão	90
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
	REFERÊNCIAS	115
	APÊNDICES	123

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo introdutório fez-se, no subitem *Preleção*, uma breve apresentação da trajetória pessoal e acadêmica da autora da dissertação em relação ao futebol e como as experiências vividas contribuíram para a escolha do tema estudado. Na sequência, apresenta-se e delimita-se o problema de pesquisa, contextualizando-o como um fenômeno social e buscando um maior entendimento dessa questão. Posteriormente, apresenta-se a *Tática de jogo*, isto é, os recursos e as fontes utilizadas para a coleta das informações que ajudarão a responder o problema levantado. Por fim, na *A escalação do time* é relatada a forma como os demais capítulos da dissertação serão engendrados.

1.1 Preleção¹

A escolha do objeto deste estudo, isto é, as mulheres que torcem pela equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube² e que frequentam o Estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão³ – em dias de jogo dessa equipe, surgiu da vivência pessoal e da experiência acadêmica da autora da dissertação em torno do futebol.

Pessoalmente, a autora da dissertação é cruzeirense, torcedora, desde 1996. Na verdade, essa data foi a que ela oficializou *desde que se entende por*

¹ Tipo de discurso ou conferência didática. Na linguagem do futebol, o termo refere-se à conversa com o grupo de jogadores antes da partida. Isso serve para motivá-los, fornecer detalhes sobre o jogo e concentrá-los para o trabalho.

² A partir desse momento, passar-se-á a denominar tanto o clube quanto a equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube apenas de *Cruzeiro*.

³ O Estádio Governador Magalhães Pinto está situado na região da Pampulha, na cidade de Belo Horizonte/MG. E, a partir desse momento, será chamado no texto da forma como nós, mineiros e mineiras, o chamamos, Mineirão.

gente, pois, hoje, acredita que é cruzeirense desde antes... É também frequentadora do Mineirão desde julho de 1997, quando foi pela primeira vez ao estádio, no dia de seu aniversário, assistir à partida da semifinal da Copa Libertadores da América⁴, Cruzeiro *versus* Club Social y Deportivo Colo Colo⁵. Era noite, o Mineirão estava cheio, os jogadores do Cruzeiro entraram em campo anunciados por muitos fogos de artifício, e a torcida os saudava fazendo a maior festa nas arquibancadas, cantando e apoiando o time rumo à fase final dessa competição⁶. Desde então, as idas assíduas ao Mineirão para assistir aos jogos do Cruzeiro passou a fazer parte de seus momentos de lazer. E lá se vão treze anos...

Academicamente, o futebol, mais especificamente a preparação física dos jogadores, foi um dos motivos que a fez optar pelo Curso de Educação Física.

Durante a graduação, houve a oportunidade de ser bolsista, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq –, no Laboratório de Fisiologia do Exercício da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG –, por dois anos e meio. Essa bolsa possibilitou, entre outras oportunidades, as idas à Toca da Raposa I e II⁷ para realizar testes físicos nos jogadores das categorias de base e do time profissional, a vivência do universo do futebol em relação aos símbolos e mitos que permeiam o alto rendimento e o espetáculo esportivo (*status*, cobrança de resultados, transformação do jogador em mercadoria entre outros) e a experiência de estar tão próxima e ao mesmo tempo tão afastada dos seus ídolos. Esse último fator fez a autora desta dissertação perceber que a sua relação com o Clube e com o estádio estava alterada. Já não estava indo ao

⁴ A Copa Libertadores da América ou Taça Libertadores da América (atualmente denominada Copa Santander Libertadores, devido à exigência do patrocinador da competição) é a principal competição de futebol realizada no continente Sul-americano.

⁵ Club Social y Deportivo Colo Colo, popularmente conhecido por Colo Colo, é um time chileno, sediado na cidade de Santiago.

⁶ O Cruzeiro, nesse ano, sagrou-se campeão da Libertadores, no jogo realizado contra a equipe Sporting Cristal, do Peru. A autora estava no estádio, pela segunda vez, comemorando o seu primeiro título, de muitos que viriam.

⁷ Toca da Raposa é o nome do local onde a equipe do Cruzeiro treina e se concentra para os dias de jogo, sendo que, na Toca I, estão localizados os times das categorias de base e, na Toca II, o time profissional.

Mineirão com tanta frequência, já não expressava tão abertamente o seu torcer e começava a pensar que era um absurdo os jogadores terem todas as condições de trabalho (uniforme, pagamento em dia, alimentação, assistência médica entre outros) e não *renderem* dentro de campo; chegou a vaiá-los nessa ocasião. Mas a torcida com alguns de seus cantos continuava emocionando-a.

Ao final do período de bolsa (já afastada das suas manifestações do torcer e insatisfeita com o *ethos*⁸ do alto rendimento), matriculou-se na disciplina optativa *Futebol e Cultura*. Resolveu, nessa época, que queria ser uma estudiosa do futebol e, por meio dele, circular pelos vários campos do conhecimento. Nessa disciplina, houve a oportunidade de aprender e se conscientizar sobre outros temas que permeiam o futebol: crenças, mitos e superstições; violência; relações sociais; pertencimento clubístico; torcidas; relações de gênero; enfim, o que existe para além das distâncias máximas de 90m x 120m.

Esses temas agradaram a ela e, no mesmo período, ela ingressou no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – GEFuT –, que tem por objetivo pesquisar temas correlatos ao futebol e às torcidas. Assim, o pertencimento clubístico, (este entendido como a assunção do conjunto dos símbolos e identidades que distinguem um clube, uma torcida em detrimento de outro ou outra) e a relação de gênero, especificamente no que diz respeito à mulher dentro do espaço do futebol, passaram a fazer parte do seu percurso acadêmico.

Nessa perspectiva, das ciências humanas e sociais, percebeu que o futebol também move vários estudos na comunidade acadêmica, que o observa sobre outro viés, ou seja, como um fenômeno sociocultural. Assim, é aceito o fato de que o futebol é uma prática social e, como tal, expressa as características e contradições da sociedade brasileira, por meio de uma série de dramatizações. (DaMATTA et al., 1982, 1994; DAÓLIO, 1997). De acordo com DaMatta (1982, p.29), “[...] um dos traços essenciais do drama é a sua capacidade de chamar a

⁸ De acordo com Marcondes (2007, p.9), *ethos* significa o “[...] conjunto de costumes, hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura”.

atenção, revelar, representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em estado de latência ou de virtualidade num dado sistema social”.

Sabe-se que o futebol, para grande parte da população brasileira, é um referencial de lazer, tanto na possibilidade do jogo quanto da assistência, e manifesta-se como uma linguagem da sociedade. Como tal, está presente no cotidiano de homens e mulheres, adultos e crianças, jovens e idosos via expressões, consumo de mercadorias relacionadas ao espetáculo futebolístico, transmissão de valores e normas sociais ou ainda na rede de sociabilidade e significados que se cria a partir do jogo, como pode ser observado na fala de Gomes e Faria (2005).

Insere-se nos diversos espaços sociais, mesclando práticas de consumo, de compensação social (transmitindo valores e normas sociais) e de persuasão, de contestação, de desordem/ordem, de conflitos e, também, de vivência lúdica, do âmbito da festa, do encontro etc. Como prática que participa do jogo mais amplo das relações sociais, ao mesmo tempo em que revela aspectos da sociedade brasileira, o futebol comporta tensões, conflitos, redes de sociabilidade e significados que vão além da bola no pé (GOMES, FARIA, 2005, p.71).

Nesse contexto, o futebol engloba as contradições da sociedade brasileira. Parafraseando Melo e Alves Júnior (2003), o futebol não é somente instante de alienação, embora também o possa ser. Não é somente momento de resistência, embora também o seja. O futebol é um fenômeno social múltiplo e polissêmico. Os autores utilizam essa expressão para se referirem ao lazer enquanto um fenômeno sociocultural. Segundo os autores citados,

[...] os momentos de lazer não são somente mecanicamente determinados pelas condições econômicas, mas não se pode deixar de perceber tais influências. Não são somente instantes de alienação, embora também o possam ser. Não são somente momentos de resistência, embora também o sejam. O lazer é um fenômeno social bastante múltiplo e polissêmico (MELO; ALVES JÚNIOR, 2003, p.10).

O lazer é uma prática social e cultural relacionada às diferentes dimensões da sociedade e pode ser entendido como possibilidade de produção de cultura dos sujeitos por meio da vivência lúdica de diferentes conteúdos culturais interrelacionados às ações, ao tempo e ao espaço-lugar (WERNECK, 2003); e também como tempo disponível no qual o indivíduo tem a opção de escolher uma atividade cultural (prática ou contemplativa) que lhe proporciona uma sensação de liberdade e de prazer (MARCELLINO, 2007).

O lazer tornou-se um importante fenômeno social ao longo dos séculos XIX e XX e foi gerado a partir das tensões entre a demanda das classes trabalhadoras e o sistema vigente. A luta pelo reconhecimento do direito ao lazer como um dos direitos humanos inalienáveis fez com que a Constituição Federal, em seu Capítulo II, art. 6º, dispusesse que “[...] são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988).

Dessa forma, o lazer passou a ser tratado no conjunto de medidas políticas necessárias à melhoria da qualidade de vida de todos (PINTO, 2006).

No entanto, embora o lazer seja um direito constitucional, algumas são as barreiras para sua vivência e fruição. Dentre essas barreiras, destacam-se: os fatores econômicos – caracterizados pela disponibilidade de tempo e oportunidades de acesso à educação para e pelo lazer; a faixa etária – as crianças e os idosos são os mais prejudicados, devido à pouca possibilidade de espaços e ao teor das atividades; as relações de gênero – as mulheres são mais desfavorecidas devido à dupla jornada de trabalho e também pela diferença do uso do tempo e dos equipamentos de lazer entre homens e mulheres (MARCELLINO, 2006).

O futebol, enquanto possibilidade de lazer, não ocorre somente dentro das quatro linhas que delimitam o campo, na disputa entre duas equipes. Se for levado em consideração o âmbito da festa, do encontro, das redes de sociabilidade, nas

arquibancadas uma grande quantidade de pessoas contribui para a realização e a beleza desse espetáculo esportivo.

Essas pessoas podem ser denominadas espectadores ou torcedores. De acordo com Reis (1998, p.6), o espectador de futebol “[...] é todo indivíduo que assiste aos espetáculos esportivos [enquanto o torcedor é o] indivíduo que, além de ser espectador com preferência por algum clube, é torcedor dele, e que manifesta essa predileção no decorrer dos jogos”.

Essa autora ainda subdivide o torcedor em duas categorias: torcedor uniformizado e torcedor organizado. O torcedor uniformizado é aquele “[...] que usa a camisa de sua equipe, demonstrando assim sua predileção por um time de futebol [já o torcedor organizado é aquele que] faz parte de uma facção torcedora, que tem uma estrutura organizacional independente do clube pelo qual torce” (REIS, 1998, p.6).

Pode-se ainda acrescentar a essas categorias o torcedor comum, representado pela pessoa que vai ao estádio torcer pelo seu time, mas que não usa nenhum símbolo que distinga o seu time.

Outro estudioso do assunto, Hilário Franco Júnior, define o termo *torcer* como sendo o “[...] ato de manifestar adesão entusiasmada à trajetória esportiva de um clube” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.292).

Sabe-se que os torcedores, independentemente de sua categoria, não vão ao estádio para assistir a um jogo qualquer, mas para ver e torcer pelo time que representa o seu clube e o que esperam é que os (seus) atletas representem satisfatoriamente o (seu) clube (DAMO, 1998), por meio da vitória.

Dentre esses torcedores que frequentam os estádios de futebol, as mulheres têm ganhado destaque, já que cada vez mais elas vêm participando da construção desse espetáculo, tornando-o uma atividade de lazer e contribuindo para a construção de valores e (re-)significados do futebol (COSTA, 2007). No entanto, essa incorporação apresenta alguns obstáculos e preconceitos, entre os quais, a dificuldade de legitimação da mulher como cidadã que é capaz de ter um pertencimento clubístico e interessar-se pelo jogo de futebol, compreendendo-o

em seus aspectos técnico-tático, econômico, social, político e cultural. Esse quadro sucede pela construção histórica em torno do futebol e da imagem da mulher (e do homem) na sociedade.

Segundo Dunning (1992) e Dunning e Maguire (1997), o futebol é considerado um esporte para *macho*, por trazer *valores masculinos* de confronto, violência, competição, virilidade, força e coragem, diferente da imagem de frágil e delicada (que era) construída para a mulher.

No entanto, a história silenciada das mulheres também foi marcada por movimentos por melhores condições de vida e conquistas de direitos. Havia poucas vozes, tais como Olympe de Gouges (PULEO, 1993) e Wollstonecraft (1998), que questionavam a universalidade dos direitos dos homens e lutavam pelo direito das mulheres de participarem igualmente aos homens da vida política, econômica e social do mundo ocidental. Essas vozes ganharam mais força com o movimento sufragista⁹ no final do século XIX¹⁰.

No final do século XX, período que, entre outros fatos, apresentou uma crise de paradigmas na escrita histórica, houve uma busca por outros objetos de estudo, o que deu uma visibilidade às mulheres, tornando-as sujeitos da história. Emergiram, então, os estudos de gênero. Gênero pode ser entendido como uma categoria de análise que tenta explicar a persistência das desigualdades entre mulheres e homens e as diferenças hierárquicas e de poder que os distinguem, bem como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995).

Essas diferenças no acesso às vivências que mulheres e homens experimentam na sociedade são frutos da construção de papéis sociais atribuídos a cada um dos sexos. Tal construção se deu – e ainda se dá – como se fosse de forma *natural*, por meio de discursos, ditados, provérbios, cantos, representações

⁹ O movimento sufragista teve como objetivo principal o direito de a mulher votar e ser votada. Entretanto, a busca de outros direitos também estava em voga: direito à propriedade, à educação, ao trabalho e ao governo democrático (BONNICI, 2007).

¹⁰ Para maiores informações consultar: GONÇALVES, Andréa L. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

gráficas e silenciamentos dos sujeitos. De acordo com Louro (1997), isso não se refere apenas às características sexuais, mas a tudo o “[...] que se diz ou pensa sobre elas, tudo o que se representa, valoriza ou desvaloriza que, efetivamente, constitui o feminino e o masculino numa dada sociedade e num dado contexto histórico” (LOURO, 1997, p.68).

Segundo Louro (1997), ao longo dos tempos, as diferentes comunidades, por meio de suas instituições e práticas, construíram modos diversos de conceber e lidar com o tempo e o espaço, instituíram o tempo do trabalho e o tempo do lazer, o espaço público e o espaço privado, além de apontarem as formas adequadas para cada pessoa ocupar esses tempos e espaços. Essas concepções e práticas foram e são apreendidas e interiorizadas, tornando-se, aparentemente, *naturais*.

A *naturalização* do dia a dia se dá pelo fato de os sujeitos incorporarem uma determinada estrutura social, influenciando em seu modo de sentir, pensar e agir, de tal forma que se tornem propensos a confirmá-la e reproduzi-la, mesmo que nem sempre de modo consciente. Em seus estudos sobre esse fenômeno, o sociólogo francês Pierre Bourdieu chamou-o de *habitus*, afirmando que tal incorporação, repetida de forma indefinida, faz com que o passado se perpetue.

Assim, a visão dominante é vista como natural, normal, inevitável, enfim, na ordem das coisas (BOURDIEU, 1995). Cabe ao dominante determinar o que fazer, o que sentir, de qual modo agir, que espaços ocupar. O autor também afirma que o dominado tende a contribuir para a sua dominação ao aceitar tacitamente os limites que lhe são impostos reproduzindo um discurso que não é seu, mas que foi incorporado. Dentro dessa lógica, a mulher teve seus espaços definidos e o seu lazer limitado.

Conforme Mourão (1998), às vezes de forma consensual, à mulher é proibido frequentar alguns espaços, e as que o fazem têm que enfrentar o ônus do preconceito e das opiniões contrárias, tanto por parte dos homens, como também das próprias mulheres. Assim, é possível, então, levantar questionamentos sobre quem são as mulheres que *não* se enquadram na ordem das coisas, frequentando

o estádio de futebol. Compreender quem são essas mulheres que adentram esse universo tido como masculino é muito importante para ampliar o olhar sobre o futebol, suas características e contradições, entendendo como as relações de gênero se constituem nesse espaço.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Este estudo tem como objetivo analisar as mulheres torcedoras da equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube, presentes no estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão –, Belo Horizonte/MG, e a relação estabelecida por elas com o clube e com o estádio.

1.2.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos, elencam-se os seguintes:

- traçar o perfil socioeconômico das mulheres torcedoras do Cruzeiro que frequentam o Mineirão;
- compreender a relação estabelecida das mulheres torcedoras do Cruzeiro com o Mineirão;
- compreender a relação das mulheres torcedoras do Cruzeiro com o seu clube.

1.3 Justificativa

A presença da mulher no futebol está marcada em vários espaços. Entre eles, pode-se citar as crônicas de Coelho Neto¹¹, de Nelson Rodrigues¹² e de Luiz Fernando Veríssimo¹³, a poesia da torcedora Anna Amélia¹⁴, as fontes iconográficas que testemunham sua presença nos *matches* do início do século XX, o cinema, os noticiários da atualidade e os artigos em *blogs*. Contudo, no campo acadêmico, percebe-se que ainda são poucos os trabalhos que investigam a presença ou a ausência das mulheres na história dos esportes. Nesse limitado referencial teórico (limitado em quantidade, mas não em qualidade), grande parte dos trabalhos acadêmicos refere-se à mulher enquanto esportista (GOELLNER, 2000; MOURÃO, 1998 entre outros) ou, especificamente, enquanto atleta de futebol (MOURA, 2003 entre outros), sendo poucos os que procuram compreender a mulher enquanto torcedora e as relações e tensões que se estabelecem por trás disso.

Os questionamentos (e as possíveis respostas) desse estudo contribuirão para perceber se as mulheres que torcem por uma equipe de futebol e frequentam o estádio estão realmente fora da ordem das coisas colaborando para uma ruptura ou se elas, de alguma forma, estão perpetuando essa ordem. Em outras palavras, se elas são autônomas na sua escolha – se vão ao estádio por vontade e desejo próprios – ou se são dependentes da vontade de alguém para exercerem a sua vontade.

¹¹ Coelho Neto foi um dos primeiros cronistas a utilizar o termo *torcedoras* e a descrever essa presença no estádio de futebol.

¹² Nelson Rodrigues, ao longo dos seus livros *A sombra das chuteiras imortais* e *A pátria em chuteiras*, apresenta a memorável personagem da *narina de cadáver*.

¹³ Já Luiz Fernando Veríssimo dedica um capítulo do seu livro *A eterna privação do zagueiro absoluto* com crônicas sobre a presença das mulheres no universo masculino do futebol.

¹⁴ Anna Amélia era uma torcedora, frequentadora do Estádio das Laranjeiras e que nutria um amor por um goleiro do Fluminense, Marcos Carneiro de Mendonça, para ela, um deus grego. Dessa admiração, nasceu o poema *O salto*. Para a leitura do poema, consultar MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia do carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Corroborar-se Marcellino (2006) ao afirmar que as mulheres devem lutar pela conquista da igualdade ao tempo do lazer, “[...] até mesmo para vivê-lo a dois, mas é fundamental que essa vivência signifique escolha conjunta do que, como e onde fazer, e não apenas submissão ou concessão” (MARCELLINO, 2006, p.35).

Além disso, este trabalho poderá se tornar um referencial para as políticas públicas de lazer para as mulheres (principalmente) no que diz respeito ao futebol. As políticas públicas não devem ser elaboradas somente por meio das ideias dos governantes e no interior de seus gabinetes e, sim, referenciadas em demandas públicas e em dados que, ao serem analisados, podem servir de subsídios.

Em relação às políticas públicas para as mulheres, muito já foi feito, mas pode-se avançar. O lazer é um direito constitucional, e a assistência a um jogo de futebol é uma das formas de vivenciá-lo. No entanto, devido ao longo silenciamento da história da mulher, que se deu pela ausência de documentação sobre suas demandas e necessidades e pela dominação masculina da imprensa brasileira, a maioria dos registros sobre as mulheres aparecem sob o viés do homem (MOURÃO, 1998).

De acordo com Beauvoir (1982), não podemos esquecer as histórias que constituem o nosso presente e devemos nos lembrar de que, no passado, toda a história foi feita pelos homens. Nesse sentido, o homem é parte e ao mesmo tempo juiz da história contada, até então, sobre as mulheres.

Com isso, as políticas públicas que contemplem a mulher enquanto cidadã, com direitos, deveres e desejos, ainda estão em construção¹⁵. De acordo com Scott (2005), o direito à cidadania foi negado às mulheres, pois os afazeres atribuídos ao seu sexo – deveres domésticos e cuidados com as crianças – eram tidos como impedimentos a sua participação política.

¹⁵ Um ganho nesse campo é a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, em 2003, que objetiva estabelecer políticas públicas que contribuam para a melhoria da vida das mulheres brasileiras. Para maior conhecimento sobre essa Secretaria, consultar: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sepm/>.

Dessa forma, no desejo e na necessidade da construção de políticas públicas pelas mulheres e para as mulheres, direitos importantes são descuidados devido à vontade de suprir todas as necessidades ao mesmo tempo.

Um exemplo disso é o II Plano Nacional de Políticas para Mulheres¹⁶, que tem como objetivo ampliar e aprofundar o campo de atuação do governo federal nas políticas públicas para as mulheres para diminuir a desigualdade de gênero e raça/etnia. Entre as áreas de abrangência do documento, verifica-se a preocupação com o mundo do trabalho, com a saúde, com a segurança e com os direitos morais, civis, sexuais e políticos das mulheres.

Entretanto, é necessário destacar que nesse documento de extrema importância o tema lazer só é abordado, explicitamente, para as mulheres encarceradas. Parte-se do princípio de que as mulheres não-cárceles têm o seu lazer garantido pela Constituição Federal de 1988. No entanto, será que o lazer dessas mulheres é garantido mesmo? Será que os estádios de futebol no Brasil oferecem condições de infraestrutura, segurança e respeito para que as mulheres os frequentem?

Com base nesses expostos, não dá para acreditar que “[...] as coisas mudam apenas sob a influência dos negócios e da publicidade” (LOVISOLO, SOARES, BARTHOLO, 2006, p.177). Esses fatores contribuem, sim, para a mudança, mas eles também cooperam para a manutenção da ordem, de acordo com o interesse dominante. (In-)felizmente, muitas vezes, as mudanças no comportamento humano ocorrem via leis e decretos que fazem cumprir as reivindicações de grupos sociais, daí a necessidade de políticas públicas adequadas a todos os segmentos da população, já que as estruturas sociais e culturais não são mudadas de uma hora para a outra, mesmo que por meio de decretos.

¹⁶ Para maior aprofundamento, consultar: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008. 204p. Disponível em: http://200.130.7.5/spmu/docs/II_PNPM.pdf.

Dessa forma, o entendimento de todas as questões ora levantadas é importante para compreender a presença da mulher nos estádios, enquanto cidadã que faz parte de uma rede de sociabilidade gerada por um pertencimento clubístico, e também para a formulação de políticas públicas na área do lazer e do esporte que possibilitem um acesso diversificado de tal segmento da população a esse bem cultural que faz parte da identidade de brasileiras e brasileiros.

1.4 A tática de jogo

Esta pesquisa, apoiada em Tripodi, Fellin e Meyer (1975), definiu-se como exploratória descritiva. Esse tipo de estudo tem como objetivo descrever de forma mais ampla determinado fenômeno, enunciando questões para investigações futuras. Para isso, uma variedade de procedimentos pode ser usada para a coleta de informações sobre o fenômeno estudado, recorrendo tanto às descrições quantitativas quanto às qualitativas.

No que tange as descrições quantitativas, menos atenção é dada à relação exata entre as variáveis e aos cálculos amostrais. Dessa forma, os procedimentos estatísticos de validação de valores não carecem ser utilizados (TRIPODI, FELLIN, MEYER, 1975). Nesse estudo, o instrumento de pesquisa utilizado para mensurar os dados quantitativos que se referem ao perfil sociológico das torcedoras foi o formulário (APÊNDICE A).

Segundo Goode (1969, p.172), formulário é o nome dado ao instrumento de pesquisa, “[...] geralmente usado para designar uma coleção de questões que são perguntadas e anotadas por um entrevistador numa situação face a face com outra pessoa”.

O formulário utilizado no presente estudo foi construído pela própria pesquisadora que se ateve a três eixos de análise: perfil sociológico da torcedora, relação da torcedora com o Mineirão e com o Cruzeiro. No que se refere ao perfil

sociológico das torcedoras, as perguntas foram elaboradas tomando como base os instrumentos de captação de informação utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e disponíveis em seu sítio eletrônico. Já no que tange a relação das torcedoras com o Mineirão e com o Clube, as perguntas foram criadas de modo a responderem o problema proposto por essa pesquisa. A primeira versão do formulário foi testada no estádio seguindo os procedimentos da coleta de informações para que se verificassem quais perguntas e possibilidades de resposta estavam ou não de acordo. Posteriormente foram feitas as alterações necessárias até chegar à versão utilizada nesse estudo.

Já a abordagem qualitativa serve para um melhor detalhamento e aprofundamento das informações coletadas em determinado contexto (TRIPODI, FELLIN, MEYER, 1975). Lüdke e André (1986) complementam esse argumento propondo que nessa abordagem haja maior ênfase na busca do significado que as pessoas dão ao fenômeno estudado, bem como a forma com que ele se manifesta nas interações cotidianas. Assim, neste estudo, a perspectiva das participantes foi capturada por meio de entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE B).

A utilização da entrevista semiestruturada deve-se ao fato de as perguntas estarem previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permitir que este realize explorações não previstas anteriormente, com a finalidade de um maior aprofundamento sobre um tema e de maior liberdade para o entrevistado dissertar sobre aspectos que considerar relevantes em sua opinião (LÜDKE, ANDRÉ, 1986; NEGRINI, 1999).

Isso permite às torcedoras rememorar alguns “[...] casos que aconteceram no dia ‘tal’, lembrar com quem assistiram aos jogos, lembrar de alguém que não mais faz parte do cotidiano, lembrar de lugares onde comemorou e lembrar como era o bairro, a cidade ou o país” (SILVA, 2001, p.25) de forma a subsidiar a compreensão do problema estudado.

Sendo assim, as perguntas da entrevista também foram elaboradas pela própria pesquisadora visando o aprofundamento das questões propostas no formulário, de modo que se conseguisse captar os detalhes da relação da

torcedora com o estádio e com o Clube buscando responder as questões centrais desse estudo.

Para o desenvolvimento metodológico desse estudo, utilizou-se de um rigoroso quadro teórico que orientou tanto a coleta quanto a análise dos dados. Com isso, este estudo passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – COEP – da UFMG (ETIC 204/09) e respeitou todas as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução n. 196 de 1996) envolvendo pesquisa com seres humanos.

Além disso, para a tabulação e análise dos dados dos formulários, utilizou-se o pacote estatístico SPSS para Windows, versão 15.0. Esse *software* permite gerar relatórios tabulados e gráficos geralmente utilizados na realização de análises descritivas.

Já as entrevistas semiestruturadas, depois de transcritas, foram analisadas sob a luz da técnica de análise de conteúdo. De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo pode ser considerada como

[...] conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não) (BARDIN, 1977, p.38).

De acordo com Franco (2008, p.10), esse é um procedimento de pesquisa de suma importância que reconhece o “[...] papel ativo do sujeito na produção do conhecimento”.

Ainda de acordo com essa autora, as mensagens, ponto de partida da análise de conteúdo “[...] expressam as representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento” (FRANCO, 2008, p.12).

1.4.1 Sujeitos da pesquisa

Participaram desse estudo mulheres cruzeirenses, com idade acima de 18 anos, presentes no estádio Mineirão nos dias de jogos da equipe do Cruzeiro, na cidade de Belo Horizonte/MG.

Por se tratar de uma população grande e flutuante, de cujo total de mulheres no estádio não há registro, não se teve condições de determinar uma amostra exata. Houve a tentativa de mensurar a quantidade de mulheres presentes no estádio por meio da contagem manual de homens e mulheres espalhados em determinados locais na arquibancada e, depois, a quantidade de mulheres que passavam pela catraca do estádio, a fim de conseguir dados suficientes para se recorrer ao cálculo amostral. Não sendo satisfatórios os resultados, a quantidade de mulheres participantes do estudo deu-se por conveniência, respeitando as características do estudo e os prazos estipulados.

1.4.2 Referencial teórico

Para a sustentação teórica deste trabalho utilizaram-se artigos, teses, dissertações e livros que discutem a temática do futebol, no âmbito da torcida, do pertencimento clubístico e do lazer. Também consultaram-se materiais sobre a temática de gênero, na busca de uma melhor compreensão dos papéis atribuídos à mulher na sociedade ao longo dos tempos. Embora utilizando fontes históricas, preponderantemente, de outros estados, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, procurou-se trazer essa discussão para dentro do contexto de Belo Horizonte/MG.

1.4.3 Coleta de informações

As coletas de informações foram realizadas em duas etapas distintas.

Em um primeiro momento, aplicou-se o formulário socioeconômico para traçar o perfil sociológico das torcedoras. Para isso, durante o período de 1º de março de 2009 a 16 de agosto de 2009, a equipe de pesquisa esteve presente em 13 jogos, sendo cinco pelo módulo A do Campeonato Mineiro (1ª fase da competição, quartas de final e final) e oito pelo Campeonato Brasileiro série A¹⁷ (1º turno).

Para a aplicação desse formulário, a equipe de pesquisa composta por cinco pessoas dirigiu-se ao Mineirão duas horas antes do horário estipulado para o início das partidas que o Cruzeiro jogava como clube mandante, a fim de conseguirem as credenciais concedidas pelo Cruzeiro que davam acesso aos setores da arquibancada do anel superior do Mineirão: setor especial, setor CEMIG¹⁸, setor cidade e setor lagoa, como se vê na figura 1.



Figura 1 – Mapa de setorização do Mineirão

Fonte – Administração de Estádios do Estado de Minas Gerais. Disponível em < http://www.ademg.mg.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=75&Itemid=81 >

¹⁷ As competições serão chamadas de Campeonato Mineiro e Campeonato Brasileiro, respectivamente.

¹⁸ Embora esse setor chame CEMIG, grande parte do público frequentador do Mineirão o conhece como setor central. Assim, faz-se a opção de chamá-lo ao longo do texto como é reconhecido: setor central.

Cada membro da equipe de pesquisa, já em seu respectivo setor do estádio, tinha que cumprir uma quantidade de formulários com base em dois parâmetros: divisão de torcedores proposta por Reis (1998) e uma correlação estatística feita pelo IBGE sobre o público que frequenta estádios de futebol, citado por Nicácio e colaboradores (2009)¹⁹. Assim, cada pesquisador(a) preenchia, em média, nove formulários por jogo distribuídos da seguinte forma: quatro torcedoras comuns, quatro torcedoras uniformizadas e/ou torcedoras organizadas e uma torcedora idosa²⁰, perfazendo, ao fim do período, um total de 443 formulários.

Os formulários foram aplicados nas torcedoras, no Mineirão, antes do início do jogo do Cruzeiro, no momento em que elas já estivessem acomodadas em seus lugares. A partir das respostas dadas, algumas torcedoras foram convidadas para o segundo momento do estudo que ocorreu no período de maio a agosto do mesmo ano.

Nessa etapa, foi realizada entrevista semiestruturada com as torcedoras com o intuito de compreender a sua relação com o Cruzeiro e com o Mineirão.

Para fazer parte dessa etapa da pesquisa, a torcedora teria que se considerar sempre presente no estádio em dias de jogos do Cruzeiro, morar na cidade de Belo Horizonte e se disponibilizar a conceder a entrevista.

As entrevistas foram previamente agendadas e realizadas em um local marcado pelas próprias torcedoras, perfazendo um total de 14 entrevistas.

¹⁹ Segundo os autores, o IBGE calcula que o público que frequenta estádios, excluindo-se crianças, para uma amostra de 15 torcedores por partida, seria: sete homens adultos, três mulheres, três idosos acima de 60 anos e dois portadores de necessidades especiais.

²⁰ Foram consideradas torcedoras idosas as mulheres acima de 60 anos, tomando como referência o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003).

1.5 A escalação do time

O *time* escalado é composto por cinco capítulos. O *Capítulo 1 – Introdução* veio sendo apresentado até o presente momento. Os outros capítulos serão apresentados a partir de agora.

O *Capítulo 2 – As mulheres no país do futebol* traz um breve histórico da inserção das mulheres no espaço público e da forma como foi construída a sua história como torcedora de futebol e a sua entrada nesse espaço. Afinal, a relação entre mulher e futebol é (in-)tensa, construída socioculturalmente. Todavia, nem todas as pessoas sabem dessa construção ou a reconhecem.

No *Capítulo 3 – Ida a campo: o perfil sociológico das torcedoras* são apresentados os dados dos formulários, buscando-se construir o perfil sociológico das mulheres torcedoras do Cruzeiro e frequentadoras do Mineirão expondo uma primeira compreensão da relação delas com o clube e com o estádio.

No *Capítulo 4 – Dando voz às torcedoras: análise das entrevistas* é trazido ao o texto o que foi encontrado nas entrevistas, buscando-se aprofundar-se na relação das torcedoras com o Clube e com o estádio.

Por fim, *Considerações Finais* traz uma síntese dos resultados alcançados pela pesquisa e uma reflexão sobre a repercussão que a sua aplicação pode trazer para as políticas públicas, na área de esporte e lazer, para as mulheres.

2 AS MULHERES NO PAÍS DO FUTEBOL

A vida cotidiana é fruto de um longo, conflitivo e complexo processo histórico e social. Portanto, para compreender as situações que ocorrem cotidianamente, é indispensável considerar que essas situações ocorrem em determinado ambiente (situações, espaços temporais específicos) e no bojo de certos campos de interação pessoal e institucional que, por sua vez, são mediados por modalidades técnicas de construção e transmissão de mensagens, cada vez mais complexas, nos dias atuais (FRANCO, 2008, p.34).

Para a compreensão da inserção das mulheres no espaço público e de como foi construída a sua história como torcedora de futebol partir-se-á de um período localizado entre final do século XIX e início do século XX, conhecido na história do Brasil como *Belle-Époque*.

A *Belle-Époque*, ou Belos Tempos, de acordo com Sevcenko (1998), pode ser considerado o período no qual foram introduzidos no Brasil

[...] novos padrões de consumo instigados por uma nascente, mas agressiva onda publicitária, além desse extraordinário dínamo cultural representado pela interação entre as modernas revistas ilustradas, a difusão das práticas desportivas, a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais e, por último, mas não menos importante, a popularização do cinema (SEVCENKO, 1998, p.37).

Há de se pontuar também que, nessa época, havia a ideia de inserir o Brasil no contexto da modernização, formando elites com pensamento científico-cosmopolita. Além da mudança do regime político brasileiro, do Império para a República, houve a integração do País aos novos termos da gestão internacional do capitalismo. Enfim, eram tempos de prosperidade na ordem econômica global que buscava o progresso (SEVCENKO, 1998).

Essa transformação ocorreu principalmente nas cidades, as quais iam adquirindo uma paisagem mais urbana via imigrantes e representantes da elite

que mudavam do campo para a cidade. Assim, as cidades iam trocando sua aparência paroquial para uma atmosfera cosmopolita e metropolitana (MALUF, MOTT, 1998).

Essa nova dinâmica social propiciou uma série de mudanças no comportamento feminino (e masculino). No entanto, além das modificações, mantiveram-se alguns costumes. Nesse sentido, fortes eram os discursos que buscavam uma corrosão da ordem social e quebra dos costumes via inovação da rotina das mulheres. Entretanto, mais fortes eram os discursos que cristalizavam determinados tipos de comportamentos femininos, convertendo-os em rígidos papéis sociais. Estes eram cunhados pela Igreja, por conservadores, por médicos, por juristas e legitimados pelo Estado, por meio dos códigos civis, os quais regiam o modo como esposas e maridos deveriam ser representados e julgados socialmente. Tratava-se de papéis sociais complementares, porém sem igualdade em direitos (MALUF, MOTT, 1998).

Assim, nesse contexto, cabia à mulher a identidade social de esposa, mãe e dona de casa. Ao marido, prover a manutenção da família. De maneira ainda mais detalhada, reservava-se à mulher o espaço da casa, caracterizado pelo trabalho doméstico, escondido e vergonhoso, monótono que constava da criação dos filhos, de levar o lixo para fora, de arrumar, passar, cozinhar, cuidar do marido. E ao homem se destinava o espaço da rua, do público, do descontínuo; trabalhos que marcavam a ruptura do curso comum da vida, da produção intelectual, econômica e o tempo do lazer (BOURDIEU, 1995; MALUF, MOTT, 1998; DeSOUZA, BALDWIN, ROSA, 2000).

Com a crescente industrialização e urbanização das cidades, a mulher, aos poucos foi ocupando o espaço público (DeSOUZA, BALDWIN, ROSA, 2000). Nesse tempo de nascimento da modernidade e de rompimento com o arcaico, segundo Mourão (2000), a mulher brasileira iniciou o seu processo de inserção no espaço público, buscando o conhecimento e reconhecimento dos seus direitos, principalmente os trabalhistas, jurídicos e políticos, pois, segundo Moura (2003),

no I Congresso Feminino Brasileiro, realizado em 1922, não foi encontrada nenhuma referência ao lazer das mulheres.

De acordo com Sevcenko (1992, p.50), na São Paulo do início dos anos 1920, as mulheres definitivamente “[...] ganhavam o espaço público. Elas estavam por toda parte, a qualquer hora”. Desde as operárias, passando pelas tecelãs e chegando às moças e mulheres de família, todas elas tinham seus horários para estarem na rua e seu trajeto a ser seguido. Ainda, segundo este autor, “[...] o centro da cidade [de São Paulo] recendia a perfume e o frufu das saias comunicava os fluxos das marés femininas indo e vindo” (SEVCENKO, 1992, p.51). Isso era fruto, além da urbanização e da industrialização, da atitude esportiva que se iniciava, atitude essa que contribui para a mudança nos hábitos e trajes femininos, transformando-se

[...] numa reformulação profunda da experiência de vida. Repudiando tudo quanto é artificial e postiço, tudo que embaraça os movimentos e sufoca a natureza, ela faz convergirem a exterioridade latejante dos sentidos em liberdade e a profundidade dos instintos chamados a flor da pele (SEVCENKO, 1992, p.52).

Esse processo de entrada na vida pública da cidade também ocorreu em Belo Horizonte²¹. Nos primeiros anos de existência, os moradores dessa nova capital não tinham o costume de sair à rua e um dos motivos é que os espaços para o divertimento ainda estavam em construção. Segundo Holanda (1995), citado por Rodrigues (2006), pouco a pouco os velhos laços caseiros foram sendo libertados.

E essa liberdade se fazia sentir nos espaços públicos das cidades, tornados locais de sensações e relações que não poderiam ser

²¹ Belo Horizonte foi uma cidade planejada para ser a sede da capital de Minas Gerais e foi inaugurada em dezembro de 1897. Seus planejadores tinham o ideal republicano, isto é, ruptura com o passado agrário e escravocrata (simbolizado pela até então capital Ouro Preto) e início de um novo tempo que preconizava a modernização. O mito do progresso e o desejo universal de modernizar as cidades constituíam o pensamento principal da época. Com isso, era preciso criar uma capital que fosse o centro político-administrativo capaz de congregar suas elites, garantindo a ordem interna e preservando a autonomia do Estado perante a nação (RODRIGUES, 2001).

experimentadas na ordem familiar moralmente rígida e cujo centro de gravidade se sobrepunha aos domínios rurais (HOLANDA²² citado por RODRIGUES, 2006, p.34)

Dessa forma, lentamente Belo Horizonte vai cedendo aos poucos ao espírito moderno e aos valores cosmopolitas do início do século, sendo influenciada pelas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo que, por sua vez, também eram influenciadas pela Europa.

A rua passa a exercer mais influência sobre os seus habitantes, em contraposição às formas de lazer doméstico identificadas com passado ouro-pretano. [...] A sociedade nascente da Capital, buscava hábitos e costumes das metrópoles, que ofereciam a referência da modernidade imaginada para cidade, cuja maior expressão era Paris (RODRIGUES, 2001, p.6).

No entanto, a inserção da mulher no espaço público teve um preço... De acordo com Maluf e Mott (1998), elas deveriam saber se comportar apresentando um ar de seriedade que impunha respeito e, quando acompanhadas da figura masculina, apenas a do marido, pai ou irmão, era permitida, pois, em caso contrário, a mulher poderia ser (mal) *falada*.

Assim, essa entrada aconteceu (e ainda acontece) com parcimônia e não é hegemônica, visto que, em alguns campos, sua presença causa estranhamentos. Entretanto, não se pode desconsiderar a tensão que existe nesse processo. Em um contexto de desigualdades nada é concedido, mas conquistado, mesmo que não haja uma reivindicação ou um movimento formal para isso. É um amplo processo de negociações e disputas, ora veladas ora explícitas.

Um desses lugares que isso ocorre é no campo esportivo. De acordo com Dunning (1992, p.390), o “[...] desporto, tradicionalmente [é] uma das mais importantes áreas reservadas masculinas, e por esse motivo de potencial importância para o funcionamento de estruturas patriarcais”.

²² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Dessa forma, o esporte é um dos responsáveis por difundir, afirmar e confirmar o *ethos* masculino. O homem deveria ser forte, combativo, corajoso, guerreiro, enfim, teria que seguir as normas e expressões da virilidade. Nessa perspectiva, o ideal feminino é representado como tímido, frágil, dependente e submisso (DUNNING, 1992; DUNNING, MAGUIRE, 1997). As atividades físicas adequadas à mulher eram aquelas que tinham como princípio básico a manutenção da saúde e a prevenção de doenças do aparelho reprodutivo, como também para o embelezamento do corpo feminino (GOELLNER, 2000).

Ainda, segundo Dunning e Maguire (1997), as mulheres que tentaram entrar nesse campo tinham que jogar como cavalheiros, porém se comportar como damas. Isto é, durante as partidas, dentro de campo, deveriam mostrar força, coragem, vontade de vencer. Fora desse ambiente, porém, deveriam se comportar com os padrões de feminilidade da época esperados para uma mulher: educação, serenidade, delicadeza e vaidade.

De acordo com Goellner (2000, p.143),

[...] feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos à vigilâncias e inibições que são internalizadas a partir de uma submissão ao “outro”. Sendo que esse “outro” abstrato, coletivo e socialmente imposto.

Isso ocorre porque “[...] todos os desporto são, por natureza, competitivos e, por isso, possibilitam a emergência da agressão” (DUNNING, 1992, p.394). E, esse comportamento agressivo não era esperado das mulheres.

Entretanto, em alguns esportes, os ditos *desportos de confronto* (DUNNING, 1992), a agressão e a violência ocorrem como o elemento central dessas modalidades, mesmo que de forma ritualizada²³, como é o caso do rugby, do boxe e do futebol entre outros.

²³ De acordo com Norbert Elias, ao longo do processo civilizador pelo qual passou a sociedade ocidental, houve uma diminuição da tolerância à violência manifesta. Com isso, diminuíram as guerras e os confrontos sanguinários, passando a população, pelo menos as elites, a ter um maior autocontrole de seus atos, via regras sociais. Dessa forma, o esporte surge como uma

No caso específico, o futebol, fenômeno moderno, foi desenvolvido nas *public schools* da Inglaterra em meados do século XIX e, enquanto esporte, carrega todos os valores atribuídos ao esporte. Sendo assim, é considerado um esporte de confronto, no qual há um combate civilizado capaz de gerar um equilíbrio entre tensão e excitação e também uma importante fonte de validação da masculinidade: força, violência e virilidade (DUNNING, MAGUIRE, 1997).

Alguns estudos demonstrados por Melo (2000) e Franco Júnior (2007), dentre outros, apontam que o futebol chegou ao Brasil via colégios jesuítas, especialmente o de São Luis, em Itu/SP, entre 1880 e 1890. Nesse mesmo período, alunos dos colégios confessionais e laicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul também praticavam o futebol.

Além disso, há indícios de que marinheiros ingleses jogavam futebol nas praias brasileiras durante seus momentos de folga desde 1878. E, ademais, funcionários ingleses que moravam no Brasil, em função de trabalharem em filiais das matrizes inglesas, tinham no futebol um espaço de vivência durante seus respectivos tempos livres.

No entanto, nessa época ainda não havia no Brasil um campo esportivo relacionado ao futebol. Uma melhor organização dessa prática foi feita pelo seu mito²⁴ fundador Charles Miller, em 1894, em São Paulo. Foi a partir dele que a história oficial do futebol no Brasil passou a ser contada.

No Rio de Janeiro, então capital da República, o futebol surgiu em 1901, por intermédio de Oscar Cox e, em Belo Horizonte, em 1904, por Victor Serpa. Embora as diferenças de data e as particularidades de cada localidade, algumas semelhanças unem essas três histórias. Os três mitos fundadores – Charles Miller,

representação civilizada da guerra, no qual há um nível de aceitação, ritualização e controle da violência física. Para maiores esclarecimentos, consultar: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

²⁴ O mito pode ser entendido como uma verdade percebida sem exigências de comprovações. A crença é o principal critério de adesão ao mito que serve como uma forma espontânea de o ser humano se localizar no mundo (ARANHA, MARTINS, 1993). No caso do mito fundador Charles Miller – e dos outros que o seguem –, pode-se dizer que a essa pessoa foi atribuída a paternidade do futebol brasileiro e essa ideia é passada de geração em geração e valorizada pela tradição, sem haver o questionamento do que era feito anteriormente.

Oscar Cox e Victor Serpa – eram filhos de membros da elite econômica do País e tiveram a vivência do futebol durante seus estudos na Europa. Ao regressarem para o Brasil, trouxeram o conhecimento adquirido sobre esse novo esporte, símbolo da modernidade e da civilidade, e o apresentaram aos seus amigos. Logo o futebol foi incorporado pela elite de suas localidades, tornando-se um jogo jovem, elitista, oligárquico, excludente e masculino (PEREIRA, 2000; FRANCO JÚNIOR, 2007; RIBEIRO, 2007).

Nesse final de século XIX e início de século XX, nos quais predominava o pensamento higienista²⁵, o futebol foi considerado uma prática saudável, responsável pela formação da vitalidade física e moral da juventude: disciplina, decisão, iniciativa, coragem e solidariedade. Além disso, privilegiava a coordenação do movimento em detrimento da força. Assim, logo se transformou em uma atividade nobre, útil na promoção da higiene e da saúde sendo incorporada às aulas de educação física dos meninos nas escolas da elite (PEREIRA, 2000).

Nesse universo masculino, as mulheres ficaram limitadas à assistência. Aliás, apoiar nos bastidores sempre se constituiu como prática legitimamente feminina. Assim, contribuir para a exacerbação emocional do jogo é um campo do qual as mulheres nunca foram dispensadas (BRASÃO, 2004).

No espaço concedido às mulheres, a sua presença, embora vá se reconfigurando ao longo do tempo, se manteve regular e constante. No espaço da arquibancada, a mulher aparece como um elemento discreto que fornece brilho e orna a festa esportiva, sendo uma incentivadora dos clubes e dos *sportsmen*. Esse caráter decorativo da presença feminina pode ser percebido em alguns estudos, entre os quais, Pereira (2000), cujo tema abordado foi a origem do

²⁵ O pensamento higienista expressou-se no Brasil no século XIX e perdurou até início do século XX sendo um dos responsáveis pela mudança na mentalidade das pessoas e nas suas práticas. Legitimado pelo conhecimento anátomo-fisiológico e seguindo alguns preceitos médicos, reconhecia um “[...] novo estilo de vida ‘atlético’, [...], ‘espontaneamente disciplinado’ e ‘saudável’” (PAIVA, 2003, p.69).

futebol na cidade do Rio de Janeiro; Ribeiro (2007), a origem do futebol em Belo Horizonte e Moura (2003), o futebol feminino.

Na cidade do Rio de Janeiro, com a criação dos clubes de futebol a partir de 1901, as partidas eram dedicadas ao melhor da sociedade carioca: cavalheiros e moças da mais fina sociedade frequentavam esses eventos. Em 1907, a Liga Suburbana de Football atraía grande assistência “[...] contando com a presença de muitas senhoras e cavalheiros que atestavam o sucesso da iniciativa” (PEREIRA, 2000, p.69).

Dessa forma, no contexto carioca, o futebol transformou-se em evento da moda, tornando-se um grande encontro social. De acordo com Pereira (2000), as arquibancadas pareciam salão de festas: cavalheiros distintos e senhoritas com vestidos claros compunham o ambiente formado pelas mais seletas famílias da sociedade fluminense.

Nos jornais dessa época, a presença feminina nas arquibancadas ganhava destaque. Como ilustra Pereira (2000, p.76), “[...] presença assídua nas arquibancadas durante os campeonatos, as ‘gentis *demoiselles*’ aumentavam o brilhantismo da festa e davam a nota alegre ao certâmen, torcendo ativamente e fazendo dos *sportmen* seus ídolos maiores”.

Paralelamente, em Belo Horizonte, até 1904, não existia a prática do futebol. Em seu projeto arquitetônico e urbanístico, porém, havia alguns espaços destinados à prática esportiva do turfe e do ciclismo. Além disso, existiam pequenas competições dessas modalidades esportivas destinadas ao público masculino. A presença das mulheres restringia-se à platéia ou então à prática recreativa dessas modalidades (RIBEIRO, 2007).

Em 1904, assim que o futebol foi apresentado à nova sociedade que se formava nessa localidade, logo foi incorporado por “[...] um grupo social mais restrito e que gozava de algum prestígio na cidade” (RIBEIRO, 2007, p.52), afinal era um símbolo de modernidade que chegava. E, poucos meses depois, havia sido criada a primeira liga de futebol na nova capital disputada em modestos

grounds e no Prado Mineiro²⁶. De acordo com Ribeiro (2007, p.53), “[...] os jogos já possuíam um público assistente: distintos *sportsmen* e as gentis *sportswomen*.”

Segundo esse autor, a morte de Victor Serpa – mito fundador do futebol em Belo Horizonte e um de seus entusiastas – trouxe um esfriamento no avanço do futebol. Grande parte dos clubes fundados entre 1904 e 1907 foi fechada. Os jornais pouco anunciavam sobre esse esporte, até que, em 1908, o futebol retornou ao cenário belo-horizontino sendo apropriado de forma mais consistente pelos estudantes acadêmicos e ginasiais pertencentes à elite da cidade (RIBEIRO, 2007).

Conforme Ribeiro (2007), no período compreendido entre 1908 e 1912, surgiram vários clubes, dos quais alguns permanecem até os dias atuais. O futebol firmou-se devido a alguns fatores: aumento do número de jogos, tanto municipais quanto intermunicipais e interestaduais, da quantidade de notas no jornal destinadas a comentar/divulgar/anunciar a modalidade; criação e apropriação de uma linguagem própria e presença de um público assistente, tornando-se um divertimento capaz de congrega a elite da capital mineira, exigindo um vestuário e uma postura adequadas.

Sobre o público assistente, a imprensa mineira procurava valorizar uma parcela elegante da população presente nesses eventos. Os jornais belo-horizontinos do início do século XX também valorizavam a presença feminina nas arquibancadas. “As archibancadas achavam-se repletas do que há de mais selecto em nosso meio social e as gentis senhorinhas que alli se viam, muito concorreram para dar uma nota elegante e alegre ao ‘*match*’” (RIBEIRO, 2007, p.79).

Percebe-se que, nesse contexto, mesmo no espaço resumido das arquibancadas, algumas mulheres, principalmente as que tinham espírito esportivo, procuravam inserir-se no cenário futebolístico exclusivo dos homens.

²⁶ Construído em 1906, o Prado Mineiro foi projetado para ser um novo espaço de divertimento da cidade referente à prática esportiva do turfe, contendo até arquibancada: uma central que abrigaria os sócios e outra para os espectadores. Com o declínio da popularidade dessa prática, o espaço tornou-se palco dos jogos realizados entre as equipes de *football* (RODRIGUES, 2006).

Mesmo que a essa presença estivesse habitualmente associada à questão do flerte. De acordo com Moura (2003)

[...] flertar com os jovens das arquibancadas e tratar os próprios jogadores como objeto de desejo poderiam apontar um certo posicionamento diferente do habitual, que vê as mulheres, ainda hoje, como passivas perante a sociedade e o futebol (MOURA, 2003, p.21).

Dessa forma, o universo futebolístico dentro do papel social atribuído à mulher, em um primeiro momento, era o de incentivadora dos clubes e dos *sportsmen*. Ainda, segundo Moura (2003, p.32), “[...] somente no final dos anos 10 do século XX, é que houve uma disseminação dos conhecimentos sobre o futebol por parte de todas as mulheres”, já que, até então, era privilégio da elite burguesa.

Essa alteração do comportamento tanto das mulheres quanto dos redatores dos jornais pode ser ilustrada pela coluna intitulada *Às Torcedoras*, vinculada no periódico *O Foot-Ball*, de 1917, publicado em Belo Horizonte, na qual apresenta um emblemático texto sobre a representação construída, naquele momento, da presença feminina nos *matches* de *foot-ball*. Em um trecho do artigo lê-se:

[...] não ha emoção mais grata ao foot-baller do que pelejar com a pelota sob os olhares de uma donzella que “torça” duplamente: Para si e para seu club. Felizmente, Bello Horizonte ja tem um numero consideravel de “torcedoras”, que comprehendem o foot ball, que nos momentos de angustia deixam escapar uma interjeição que exprime a afflicção, o soffrimento de verem o “goal” de sua sympathia perigando (O FOOT-BALL, Belo Horizonte, 1917, p.2).

O futebol não era um esporte desconhecido e estranho no universo de lazer das mulheres. Sair de casa, ir para a rua, para o jogo e, assim, ter a possibilidade de convívio, de se colocar além da fronteira do permitido era, de acordo com Moura (2003. p.35), “[...] barganhar atitudes e posições com o universo futebolístico masculino.” Desde que acompanhada dessa figura masculina para não ser mal vista e nem mal falada perante a sociedade...

Ao longo das décadas, houve uma mudança do público que frequenta os estádios. A assistência não está mais exclusiva aos homens e mulheres da elite, os outros extratos da população também passaram a frequentar esse espaço de lazer, com a finalidade de torcer pelo time ao qual pertencem.

O futebol passaria de um esporte de elite para a elite, assistido por senhores circunspectos e damas vestidas a rigor, para um esporte do povo, visto e compartilhado por grupos considerados marginais (WITTER, 1982, p.1.639).

Em Belo Horizonte, concomitantemente a mudança do público assistente, mudavam-se também os locais onde o futebol era praticado. À medida que os times da capital mineira iam se consolidando, os *grounds* transformavam-se em modestos estádios. No final da década de 1940, o futebol já era o esporte mais popular da capital mineira. Aproximava-se a Copa do Mundo de 1950 e, para fazer parte da maior festa do futebol, Belo Horizonte necessitava de um espaço mais adequado. Assim, em 1948, foi iniciada a obra para a construção do Estádio Independência e, às vésperas da Copa do Mundo de 1950, ele foi inaugurado com capacidade para 30 mil pessoas (LIMA, 2004).

Entretanto, o Estádio Independência não bastou. Faltava na cidade um estádio capaz de receber um público numeroso e que alavancasse o futebol em Minas Gerais, de modo que pudesse rivalizar com Rio de Janeiro e São Paulo e evitar o êxodo de jogadores mineiros para essas duas localidades. Com isso, em 1959, foi criado o projeto para a construção do Estádio Minas Gerais. Em 1965, o projeto foi concluído e a cidade passou a contar com o segundo maior estádio de futebol do mundo, com capacidade para 130 mil pessoas! O estádio Governador Magalhães Pinto – o Mineirão –, nome pelo qual passou a ser oficialmente conhecido – e popularmente reconhecido, respectivamente – tornou-se referência no cenário mundial e foi palco de importantes jogos (SANTOS, 2005).

A presença feminina também foi registrada nessa nova opção de lazer da população mineira.

Duas características do novo estádio atraíam a presença feminina: segurança e conforto. A mulher mineira, que sempre acompanhou os jogos futebolísticos realizados na capital, tinha, agora, um estádio que permitia sua presença sem os conhecidos problemas dos outros estádios de Belo Horizonte (SANTOS, 2005).

E logo na inauguração do Estádio Minas Gerais, houve uma nota de jornal sobre a presença da mulher.

E as mulheres em campo? Que coisa boa é ter mulher em campo. Com suas calças compridas, seus gritos inofensivos, feminis, e, sobretudo, beleza, que não faltou em nenhum momento. Vieram dar colorido que faltava em campo de futebol (CAJAIBA²⁷, 1965, citado por SANTOS, 2005).

De acordo com Lima (2004), nos tempos do Estádio Independência, não era comum haver mulheres *de família* em campo. Um dos motivos era a falta de adequação dos banheiros, além de o estádio de futebol ser considerado um reduto masculino. Entretanto, era comum, nessa época, a presença das donas dos *rendez-vous* que desfilavam discretamente pelas arquibancadas dos estádios com suas garotas recentemente contratadas, a fim de mostrar o “[...] novo material que chegara durante a semana, como maldosamente diziam naquela ocasião” (LIMA, 2004, p.58).

Com isso, as mulheres *de família* passaram a frequentar o estádio com maior frequência, a partir da inauguração do Mineirão, “[...] que passou, até, a ser chamado de verdadeira passarela, com as mulheres desfilando modas” (LIMA, 2004, p.48).

No entanto, no final da década de 1970, em Belo Horizonte, observou-se uma diminuição do público nos estádios, principalmente do público feminino. De acordo com os dados da Administração de Estado de Minas Gerais, entre os anos de 1974 a 1978, observou-se um decréscimo em valores percentuais e absolutos desse público; sendo que a maior participação constava do ano de 1968. O

²⁷ CAJAÍBA, Jacob. Ainda estou de porre inaugural. *Revista Foto Esporte*, Belo Horizonte, n.º 10, set. 1965.

redator do relatório atribui essa queda aos palavrões que passaram a ser ditos no estádio (ADMINISTRAÇÃO DO ESTÁDIO MINAS GERAIS, 1979).

Segundo os dados apresentados no relatório da Administração do Estádio Minas Gerais sobre o Mineirão,

[...] o público feminino – “uma das atrações do ‘Mineirão’” – está decrescendo em percentual e em números totais. De 12,3% em 74; caiu para 10,55% em 75; reduzindo-se para 10,25% em 76; chegou a 10% em 77 e, em 78, caiu para 8,3%, com um público de 130.041. O recorde de público feminino pertence ao ano de 1968, quando chegou 323.195 pessoas, no percentual de 16,1%. Seria o ‘Palavrão’ – cuja licenciosidade aumenta consideravelmente nos Estádios – um dos fatores maiores do decréscimo? A justificativa é aceitável. O torcedor, lamentavelmente, ainda não se conscientizou de que também os seus familiares podem vir ao campo. O estádio é de todos (ADMINISTRAÇÃO DO ESTÁDIO MINAS GERAIS, 1979, p.8).

O recorrente uso de palavrão somado às mudanças que o torcer vinha assumindo nos estádios devido ao surgimento das torcidas organizadas²⁸ fez com que houvesse uma diminuição do público em geral, mais notadamente da presença feminina nos estádios, já que estes passaram a não oferecer condições adequadas ao convívio social.

Verifica-se, por meio desses discursos ao longo dos anos, que o papel social atribuído à mulher no contexto do futebol foi o de incentivadoras dos clubes e dos jogadores de sua preferência, além de serem consideradas ornamentos da prática esportiva masculina com sua assistência. Na época, porém, em que não

²⁸ De acordo com Toledo (2002), no final dos anos 1960 e início de 1970, foi observada uma nova forma de torcer: a das torcidas organizadas. Essas torcidas podem ser consideradas instituições autônomas aos clubes dos quais manifestam o seu torcer, reivindicando resultados, qualidade dos profissionais que representam sua equipe, *fazendo pressão* tanto nos jogos quanto nos treinos. São formadas, em sua maioria, por jovens que, por meio delas, realizam a sua rede de sociabilidade com gestos, ações e atitudes, muitas vezes, reprováveis pelo domínio público. Essa forma de torcer ganhou respaldo nos torcedores advindos, principalmente, das camadas populares. Ainda vale ressaltar que essas instituições surgiram “[...] num contexto mais amplo de valorização das instituições populares num período em que os direitos políticos e a cidadania estavam cercados pelo então regime militar” (TOLEDO, 2002, p.230). Para maiores informações, recorrer também a CESAR, Benedito T. *Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo*. 1981. 205f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

havia um pertencimento clubístico latente será que todas as mulheres que frequentavam o estádio iam apenas com esse interesse? Será que elas não se importavam com a dinâmica do jogo? Ou será que os seus conhecimentos sobre a dinâmica do jogo não poderiam ser expressos? Será que ainda hoje é assim?

2.1 O pertencimento clubístico

O pertencimento clubístico pode ser entendido como uma das formas de identidade social²⁹ a qual é formada pela relação estabelecida entre os torcedores e suas equipes. Isso corresponde a códigos, valores e atitudes que dizem sobre quem somos.

Esse pertencimento, em um nível simbólico, forma a ideia de uma coletividade exclusiva como a casa ou a família. Uma coletividade com laços de simpatia, sangue e amor que se escolhe voluntariamente entre tantas agremiações clubísticas. Sendo assim, torcer por um clube de futebol e transformá-lo como clube do coração é uma escolha individual, personalizada, pessoal e subjetiva mesmo que vários fatores externos como família, parceiro(a), mídia, entre outros, tentem influenciar (DaMATTA, 1994).

Nesse sentido, segundo Freitas (2005), pode-se inferir que o futebol induz as pessoas a fazerem parte de uma comunidade, que os significados, os gostos, as práticas e as obrigações são compartilhadas.

A paixão clubística transcende o próprio futebol, uma vez que pessoas com escassa ou nenhuma prática nesse esporte se dizem torcedores fanáticos. O que varia é a importância e o significado assumidos pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada um (DAMO, 1998).

²⁹ Uma das formas de identidade social é pautada nos laços de sangue, isto é, a família. O sangue é transmissor de qualidades físicas e morais de um indivíduo. O passado familiar pode ser detectado no sangue, qualificando o parentesco (GOLDENBERG, 2004).

De acordo com Damo (1998), cada clube tem a sua origem e a sua história marcada por grandes conquistas e derrotas inesquecíveis que habitam a memória do torcedor. Esses fatos remetem a uma determinada época, local e personagens, dos quais o torcedor faz parte. Ele é o responsável por recriar a trajetória do clube de acordo com a sua própria visão de mundo e recontá-la, tornando-se também parte dessa história.

Segundo Mattos (1997), as histórias de futebol narradas pessoalmente, de forma sublime, passadas de geração em geração, fazem com que as pessoas tenham vontade de recordarem-nas um dia. Geralmente são pais justificando para os filhos o motivo de escolher determinado clube, a lembrança de jogos históricos, de gols espetaculares ou atletas brilhantes. Essas narrativas não se esgotam no consumo imediato. Assim, quanto maior as emoções, os conflitos, as tradições e as excitações proporcionadas pelos clubes aos torcedores e às torcedoras, maior a quantidade de filiados tal agremiação terá.

Os comportamentos dos torcedores em relação aos símbolos que os identificam com os clubes sugerem um paralelo com a representação de nação que, nesse caso, pode ser entendida como uma *comunidade de sentimento*. Nesse local, a pessoa deixa de ser indivíduo e passa a integrar uma totalidade, tornando-se um ser coletivo e assumindo papéis dentro da torcida. Em tal contexto, a noção de indivíduo deixa de ter sentido (DAMO, 1998).

O estádio de futebol também contribui para sedimentar esses valores, uma vez que, nesse pedaço, se desenvolve uma rede de sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços de sangue (MAGNANI, 1996).

Segundo Magnani (1996), esses espaços de encontro mantêm uma lógica: nem sempre os frequentadores se conhecem, mas se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida, enfim, um modo de ser.

2.2 Quem são as torcedoras?

De acordo com Costa (2007), embora a presença das mulheres tenha aumentado nos estádios, elas sofrem dificuldades para expressar o seu torcer. Uma das dificuldades que as mulheres encontram para torcer é que, além de terem que se firmar perante os homens, precisam também se valorizar diante das próprias mulheres. Frente aos homens, têm que passar pelo seu crivo para serem aceitas tendo que provar que compreendem o futebol, via *comentários inteligentes* e o domínio da regra do impedimento, já que esta é um dos fatores de distinção entre as que compreendem ou não o futebol (GUEDES, 2006). Diante das próprias mulheres, é necessário fazer a distinção entre o tipo de torcedora que se pretende ser reconhecida, já que cada uma tem um *status*.

Costa (2007) descreve três tipos de torcedoras: as verdadeiramente interessadas no futebol que sabem conversar sobre o assunto e não olham para os jogadores; as *narinas de cadáver*, referência à definição de Nelson Rodrigues àquelas que não sabem nem o que é a bola e as Marias-chuteiras que, *a priori*, não têm interesse pelo jogo, apenas pelos jogadores, tornando-se uma figura mal vista.

Stahlberg (2009) acrescenta a essa classificação as torcedoras de modinha, aquelas que torcem pelo clube quando estes estão em boa fase nas competições, mas não procuram se manter informadas sobre o time.

Nessa busca pela legitimidade, as torcedoras tendem a se afirmar tentando se afastarem das torcedoras de modinha ou das Marias-chuteiras apagando

[...] qualquer marca que remeta a essa malvista figura e aos atributos a ela relacionados, evitando, entre outras posturas, manifestar o interesse despertado pelo físico dos jogadores, já que se trata de uma atitude freqüentemente compreendida como um reforço da hipótese da falta de competência feminina, no que diz respeito a comentários mais “sérios”, ou seja, relativos ao desempenho técnico dos atletas e tático das equipes (COSTA, 2007, p.17).

O que as torcedoras não levam em consideração é que, na necessidade de se diferenciarem, há o processo de classificações e, como consequência, a normalização de algo. Essa fixação é uma forma sutil de manifestação do poder e contribui para que hierarquias sejam mantidas, colaborando para a ordem das coisas (SILVA, 2000).

Nesse sentido, reforça a necessidade de compreender melhor quem são as mulheres torcedoras que frequentam o estádio de futebol e torcem por um time, para não correr o risco de estereotipá-las.

Aliás, de acordo com Mary Del Priori, citada por Moura (2003, p.7), “na história do Brasil, a imagem da mulher vem surgindo sob a luz de estereótipos, o que fornece uma enfadada ilusão de imobilidade. Tais estereótipos buscam negar o papel histórico da mulher na constituição da sociedade brasileira”.

Após a contextualização histórica e social da construção do papel da mulher enquanto torcedora, no capítulo seguinte será apresentado o resultado das incursões a campo, traçando o perfil sociológico das mulheres torcedoras do Cruzeiro presentes no Mineirão. Em nenhum momento houve a intenção de homogeneizá-las e estratificá-las estatisticamente, mas, sim, conhecer esse conjunto heterogêneo de mulheres presentes nesse espaço e dar voz a elas, localizando-as socialmente.

3 IDA A CAMPO: O PERFIL SOCIOLÓGICO DAS TORCEDORAS

Durante as idas a campo, isto é, às arquibancadas do Mineirão, conheceu-se um número muito vasto de mulheres presentes nesse espaço. Afinal, foram 443 formulários preenchidos. Embora a paixão clubística fosse única, demonstrada em maior ou menor intensidade, os dados pessoais eram diversos. Desse modo, para que haja a unidade *torcedoras do Cruzeiro* presentes no Mineirão, os dados foram agrupados de maneira a mostrar representatividade.

Antes de apresentar o perfil das torcedoras propriamente ditas, fazem-se algumas considerações sobre as incursões a campo.

3.1 Algumas observações sobre o campo

Como dito anteriormente, os dados foram coletados em duas competições diferentes: Campeonato Mineiro e Campeonato Brasileiro. A partir da análise, a participação da torcida durante essas duas competições chamou a atenção. O total de público pagante do Campeonato Mineiro foi menor do que o do Brasileiro, média de 8.379³⁰ e 16.045 respectivamente.

Observou-se que o comportamento da torcida pré-jogo foi diferente nas duas competições. Tanto no Campeonato Mineiro quanto no Campeonato Brasileiro, os jogos majoritariamente eram disputados sábados ou domingos à tarde³¹. No Campeonato Mineiro, porém, os torcedores e as torcedoras chegavam

³⁰ A média calculada para o Campeonato Mineiro exclui o jogo da final Cruzeiro vs. Atlético-MG, pelo total de público nessa partida, 47.489 pagantes, ser maior que o somatório de todos os outros jogos, o que superestimaria a média total.

³¹ É importante salientar que, no primeiro turno, a maior parte dos jogos do Cruzeiro em Belo Horizonte, foi realizada nos finais de semana, devido à equipe estar disputando a Copa Libertadores durante a semana.

proximamente ao horário de início da partida, talvez por serem jogos mais vazios, fato que dificultava o trabalho da equipe de pesquisa. Além disso, o anel superior do Mineirão só operava com três setores: especial, central e cidade. Os dados apontaram que a presença de grupos familiares, nas mais diversas combinações (pai, 6,7%; mãe, 6,1%; relacionamento afetivo, 50,3%; filha, 13,9%; filho, 24,2%; irmãs, 8,5% e irmãos, 9,1%) foi maior nessa competição³². Percebe-se que, para grande parte das torcedoras do Cruzeiro presentes no estádio, o Campeonato Mineiro é algo mais caseiro, sendo um programa que favorece os vínculos familiares.

Já no Campeonato Brasileiro, como a expectativa de público era maior, os quatro setores do anel superior do Mineirão foram abertos. Por serem jogos de maior expressão com os times do cenário nacional, os torcedores e as torcedoras chegavam mais cedo para garantirem o seu lugar no estádio. De acordo com os dados analisados, a presença de grupos familiares foi menor nessa competição (pai, 5,0%; mãe, 2,5%; relacionamento afetivo, 44,2%; filha, 13,3%; filho, 19,1%; irmãs, 5,8% e irmãos, 4,7%). No entanto, a presença de mulheres que iam sozinhas ao estádio, bem como a quantidade de mulheres que foram acompanhadas de amigas, amigos e outros conhecidos foram maiores (7,6%; 9,1%; 16,9% e 32,0%, respectivamente).

Independentemente da competição, nos jogos realizados à noite, a equipe teve maior dificuldade em preencher os nove formulários por pesquisador(a), pois, embora houvesse mulheres presentes no estádio, estas se encontravam em menor quantidade.

Por ser mulher, a pesquisadora não teve muitos impedimentos para abordar as torcedoras que, em sua grande maioria, foram favoráveis à participação no estudo. O mesmo não ocorreu com os homens da equipe de pesquisa que obtiveram alguns *nãos* por parte das torcedoras como resposta ao desejo de prestar informações, sendo que um deles teve que mostrar o documento que

³² A companhia para ir ao campo foi somada individualmente, sendo que uma opção não excluiu a outra, daí o somatório ultrapassar 100%.

comprovava o seu vínculo com a instituição de ensino à qual o estudo pertence. A partir disso, os pesquisadores observaram que, nesses casos, o resultado era mais satisfatório quando se dirigiam, primeiramente, aos acompanhantes como se pedissem licença para conversar com a *mulher deles* e, uma vez que os acompanhantes aceitavam e se orgulhavam de terem *suas mulheres* contribuindo com o *seu Clube* via pesquisa, incentivavam-nas a responderem as perguntas. Na maioria dos casos, elas aceitavam, mesmo que fosse contra o seu desejo inicial aparente.

Outra situação recorrente com toda equipe de pesquisa foi que muitas torcedoras, assim que tinham conhecimento do objetivo do estudo, pediram para que fizéssemos as perguntas do formulário para a figura masculina que as acompanhavam, alegando que eram ruins para guardar nome de jogador, datas e que não sabiam falar sobre o Cruzeiro, isto é, elas não se sentiam competentes para darem a sua opinião sobre esse assunto. Entretanto, no momento em que as torcedoras se dispunham a tentar, percebiam que não era nada difícil, pelo contrário, uma vez que as perguntas se referiam sobre a relação delas com o Clube e com o estádio e isso elas sabiam responder, em sua maioria.

Ao viver essa situação, recorda-se de Bourdieu (1995) em uma de suas afirmações.

A competência socialmente reconhecida a um agente determina sua propensão a adquirir a competência técnica correspondente e, por isso, suas chances de possuí-la. E isso ocorre principalmente através da tendência [...] de atribuir a si mesmo essa competência. Observa-se assim, de modo geral, que as mulheres tendem menos do que os homens a se atribuir as competências legítimas. [...] [as mulheres] exprimiam o seu desejo de ceder a seu companheiro de visita o encargo de responder em seu lugar; renúncia que não se dá sem ansiedade, como testemunham os olhares que as esposas dóceis lançam alternadamente ao marido e ao pesquisador durante todo o tempo da entrevista (BOURDIEU, 1995, p.147).

De fato, a relação entre várias mulheres e seus acompanhantes era tensa, pois, ao mesmo tempo em que eram incentivadas por eles para participarem,

sofriam ao longo do processo interferências em tom de chacota questionando o seu conhecimento sobre o futebol e a legitimidade de sua participação no estudo. Contraditória e concomitantemente, elas recorriam aos acompanhantes para que eles as ajudassem em algumas questões, especialmente a que se referia sobre data ou o jogo em que foi ao Mineirão pela primeira vez, sendo que, em alguns casos, essa estreia não se deu com a companhia ali presente.

3.2 Sobre o perfil das torcedoras cruzeirenses presentes no Mineirão

Embora haja um discurso vinculado por parte da mídia de que a presença da mulher no estádio aumentou, pouco se sabe sobre quem são essas mulheres. Dessa forma, torna-se mais difícil realizar ações e/ou políticas públicas que as contemplem, bem como incluí-las como consumidoras desse espetáculo esportivo chamado futebol.

Nesse sentido, ao procurar traçar o perfil das torcedoras cruzeirenses presentes no Mineirão, a análise dos itens do formulário será feita em três blocos: parâmetros socioeconômicos, relação com o Cruzeiro e relação com o Mineirão.

3.2.1 Parâmetros socioeconômicos

Ao analisar a idade das torcedoras abordadas pelo estudo, verificou-se que houve representantes de cada idade desde os 18 até os 69 anos. Após essa idade, houve espaçamentos na sequência dos anos, sendo que a idade máxima encontrada foi 84 anos (APÊNDICE C). Com isso, pode-se aferir que a presença da mulher no estádio é constante e que não há uma idade específica para adotar a ida ao Mineirão como uma opção de lazer.

Para melhor visualizar essa e outras análises, porém, as idades foram agrupadas por faixa etária, ficando assim distribuídas: 18-39 anos, 40-59 anos e acima de 60 anos. Dessa forma, em relação à faixa etária das cruzeirenses participantes da pesquisa, observa-se que há uma predominância de mulheres com idade variando entre 18 a 39 anos, conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1
Idade (anos) distribuída por faixa etária (anos)

Faixa etária (anos)	%
18 – 39	60,0
40 – 59	31,4
acima de 60	8,6

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

No que diz respeito às uniões matrimoniais, os dados apontam que a maioria das torcedoras (44,8%) presentes no Mineirão são solteiras, como aponta a tabela 2. Comparando o estado civil dentro de cada faixa etária, tem-se que o maior percentual de mulheres solteiras (65,3%) encontra-se na faixa de 18 a 39 anos; na faixa dos 40 aos 59 anos o que predomina são as mulheres casadas (63,3%) e, na faixa etária acima dos 60 anos, há uma maior quantidade de mulheres viúvas (42,1%), conforme apêndice D.

Tabela 2
Distribuição do estado civil em porcentagem

Estado civil	%
solteira	44,8
casada	40,7
viúva	6,1
divorciada	6,8
outra	1,6

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

NOTA – Dentro da categoria *outra* houve 1,5% de mulheres amaziadas e 0,5% de separadas.

Levando-se em consideração o total de formulários, o nível de escolarização das torcedoras é alto, uma vez que 32,7% têm o ensino superior completo, 28,9%, o ensino médio completo e 16,5% estão em curso no ensino superior.

Todavia, analisando o nível de escolaridade em função da faixa etária, pode-se observar como o grau de instrução das mulheres aumentou ao longo dos tempos (tabela 3). Tal processo é fruto da inserção das mulheres no mercado de trabalho, o que lhes exigia certa qualificação, via maior escolaridade (BASSANEZI, 2007). Como se observa na tabela 3, somente 0,8% das mulheres entre 18 e 39 anos têm apenas o ensino fundamental I completo, valor ínfimo se comparado aos 23,7% das mulheres acima de 60 anos que têm essa escolaridade, consequência de uma época em que estudar era para poucos e que a escolarização das mulheres não era bem visto.

Tabela 3
Nível de escolaridade distribuído por faixa etária

Faixa etária (anos)	Nível de escolaridade	%
18 – 39	fundamental I completo	0,8
	fundamental II completo	2,6
	ensino médio completo	33,8
	ensino médio incompleto	3,0
	ensino médio profissionalizante	5,3
	superior completo	28,2
	superior incompleto	25,9
	não alfabetizada	0,4
40 – 59	fundamental I completo	2,9
	fundamental II completo	5,8
	fundamental II incompleto	4,3
	ensino médio completo	20,9
	ensino médio incompleto	1,4
	ensino médio profissionalizante	11,5
	ensino médio magistério	2,9
	superior completo	46,8
	superior incompleto	2,9
	não alfabetizada	0,7
acima de 60	fundamental I completo	23,7
	fundamental II completo	10,5
	fundamental II incompleto	5,3
	ensino médio completo*	23,7
	ensino médio incompleto*	5,3
	ensino médio profissionalizante	5,3
	ensino médio magistério	13,2
	superior completo*	13,2

* Devido às várias nomeclaturas que os cursos primários e secundários sofreram ao longo dos anos, pode ser que alguns desses valores estejam expressos para mais ou para menos.

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

NOTA – Os formulários validados para cada faixa etária foram: 18 – 39; 266; 40 – 59, 139 e acima de 60, 38 formulários.

Outro dado relevante é a formação no magistério por parte das torcedoras acima de 60 anos. De acordo com Bassanezi (2007), na década de 1950, houve um aumento nos níveis de escolaridade das mulheres, principalmente as da classe média. Como o magistério era um curso muito próximo do papel de *mãe*, era o mais procurado pelas moças. No entanto, estar formada não significava exercer a profissão, uma vez que muitas moças “[...] contentavam-se apenas com o prestígio do diploma e a chamada ‘cultura geral’ adquirida na escola normal” (BASSANEZI, 2007, p.625). Ainda, segundo essa autora, nessa época, não era valorizado para as mulheres o ensino profissionalizante, como era para os homens, uma vez que ainda havia uma distinção social feita entre o feminino e o masculino e os papéis e capacidades sociais atribuídos a cada sexo. Independentemente disso, as mulheres estavam na escola adquirindo *cultura* o que poderia mudar a sua forma de perceber a realidade na qual estava inserida. Dessa forma, para se manter a ordem das coisas, foi criado um discurso de que

[...] um certo nível cultural é necessário à jovem para que “saiba conversar” e agradar os rapazes assim como é útil para o governo de uma casa e a educação dos filhos, entretanto os rapazes evitam as garotas muito inteligentes e a “mulher culta” tem menos chances de se casar e de ser feliz no casamento (BASSANEZI, 2007, p.626).

Das torcedoras que estão cursando ou já concluíram o ensino superior, as especialidades são muito amplas. Ao todo foram cadastrados 50 cursos. A maior parte (5,4%) pertence ao curso de pedagogia, modalidade historicamente feminina; em seguida, têm-se administração (5,2%) e direito (5,0%), como mostra o gráfico¹. Somando os pequenos percentuais de mulheres que cursam as áreas duras do conhecimento ou outro curso predominantemente masculino³³, o valor encontrado corresponde a 5,6%. Assim, se individualmente são poucas as

³³ Para essa análise foram computados os cursos de ciências contábeis, comércio exterior, habilitação de oficiais – Polícia Militar de Minas Gerais, economia, engenharia de agrimensura, engenharia ambiental, engenharia civil, engenharia de minas, engenharia de produção, física, gastronomia, geologia, matemática, química, sistema da informação.

mulheres presentes nessas áreas, coletivamente elas têm representatividade (APÊNDICE E).

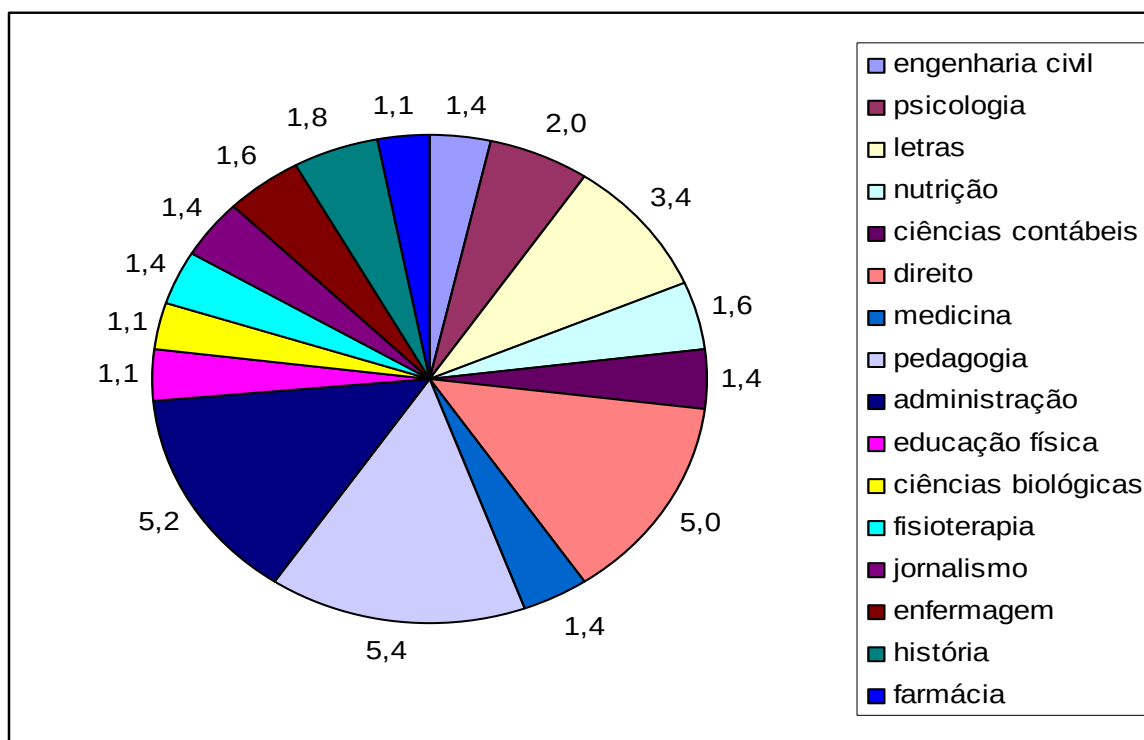


Gráfico 1 – Distribuição por cursos

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

NOTA – Para essa análise, optou-se por ilustrar os cursos que tinham mais de 1% das torcedoras. Com isso, o total não fecha em 100%. A tabela completa encontra-se no apêndice E.

Do total de torcedoras 69,1% têm ocupação profissional, sendo que, em todas as faixas etárias, há maior porcentagem de mulheres ocupadas do que desocupadas, como mostra a tabela 4. Esses números corroboram os dados da Síntese de Indicadores 1998-2008 apresentados pelo IBGE (2009). As informações contidas na Síntese apontam que, nesses 10 anos, houve um aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho em todo o País.

Tabela 4
Distribuição da ocupação profissional por faixa etária

Faixa etária (anos)	Ocupação profissional	%
18 - 39	sim	70,3
	não	29,7
40 - 59	sim	71,2
	não	28,8
acima de 60	sim	52,6
	não	47,4

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

NOTA – Os formulários validados para cada faixa etária foram: 18 – 39; 266; 40 – 59, 139 e acima de 60, 38 formulários.

As ocupações relatadas pelas cruzeirenses presentes no Mineirão são as mais diversas. Chama a atenção, no entanto, que as maiores concentrações de ocupações foram assim representadas: 7,4% exercem a função de secretária ou auxiliar administrativo; 7,2% são professoras; 5,4% são funcionárias públicas; 4,3% exercem a função de vendedora/auxiliar de vendas/balconista e apenas 3,3% responderam que são proprietárias de algum estabelecimento ou comerciantes. O que se percebe com esses dados é que, embora estejam no mercado de trabalho e com alta escolaridade, suas profissões situam-se no setor de serviços e são poucas as mulheres empregadoras. Esses dados acompanham a tendência apontada pelo IBGE (2009) que verificou que, em todo o Brasil, mesmo com maior escolaridade em relação aos homens, a proporção de mulheres dirigentes ainda é inferior à dos homens (4,4% e 5,9%, respectivamente).

Em relação à renda, observou-se que, no total de formulários, a maioria das mulheres (19,9%) contava com uma renda média entre um e dois salários mínimos³⁴, seguido por 16,9% que tinham uma renda entre dois e três salários mínimos. Apenas 2,3% das mulheres ganhavam mais do que 20 salários mínimos. É o que se vê na tabela 5.

³⁴ Computou-se o valor de referência do salário mínimo equivalente a R\$450,00.

Tabela 5
Valores de rendimento distribuídos por faixa do salário mínimo

Salário mínimo (R\$)	%
1,00 a 225,00	1,4
226,00 a 450,00	7,7
451,00 a 900,00	19,9
901,00 a 1350,00	16,9
1351,00 a 2250,00	12,9
2251,00 a 4500,00	12,9
4501,00 a 9000,00	5,2
9001,00 ou mais	2,3
sem rendimento	20,1
N.I.	0,9

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

Quando os valores de rendimento foram distribuídos pela faixa etária, pode-se observar melhor o comportamento dessa variável. Observa-se que a faixa etária dos 18 aos 39 anos corresponde ao início de carreira profissional, pois a maioria (35,0%) recebe até dois salários mínimos e apenas 8,3% ganham entre cinco e 10 salários mínimos. A faixa entre 40 a 59 anos apresenta o ápice da vida financeira dessas torcedoras, já que reduz pela metade o percentual das que vivem com até dois salários mínimos (16,5%) e a maioria (23,0%) se encontra na faixa de rendimento entre cinco a 10 salários mínimos. Na faixa etária acima de 60 anos, observa-se um decréscimo no rendimento, uma vez que aumenta o percentual das que vivem com até dois salários mínimos (31,6%) e diminui as que vivem com cinco a 10 salários mínimos (7,9%). Nessa faixa de idade, a maior concentração de mulheres encontra-se na faixa de rendimento entre dois e três salários mínimos, conforme mostra a tabela 6.

Tabela 6
Distribuição da faixa de rendimento por faixa etária

Faixa etária (anos)	Faixa de rendimento (R\$)	%
18 – 39	1,00 a 225,00	1,9
	226,00 a 450,00	9,0
	451,00 a 900,00	24,1
	901,00 a 1350,00	16,5
	1351,00 a 2250,00	11,7
	2251,00 a 4500,00	8,3
	4501,00 a 9000,00	1,9
	9001,00 ou mais	1,1
	sem rendimento	24,4
	N.I.	1,1
40 – 59	1,00 a 225,00	0,7
	226,00 a 450,00	3,6
	451,00 a 900,00	12,2
	901,00 a 1350,00	15,8
	1351,00 a 2250,00	13,7
	2251,00 a 4500,00	23,0
	4501,00 a 9000,00	12,2
	9001,00 ou mais	5,0
	sem rendimento	12,9
	N.I.	0,7
acima de 60	226,00 a 450,00	13,2
	451,00 a 900,00	18,4
	901,00 a 1350,00	23,7
	1351,00 a 2250,00	18,4
	2251,00 a 4500,00	7,9
	4501,00 a 9000,00	2,6
	sem rendimento	15,8

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

NOTA – Os formulários validados para cada faixa etária foram: 18 – 39; 266; 40 – 59, 139 e acima de 60, 38 formulários.

No que se refere ao local de moradia, para as torcedoras que têm domicílio em Belo Horizonte, as análises foram feitas pelas regionais da cidade, conforme ilustrado na figura 2.

A saber, desde 1983, como forma de descentralização administrativa, o município de Belo Horizonte está dividido em nove administrações regionais (Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova) que se subdividem em bairros³⁵. Isso permite um melhor atendimento ao público e a execução de obras de pequeno porte, além de outras atividades. As administrações regionais foram agrupadas de acordo com posição geográfica e a história de ocupação de cada região. Assim, cada uma apresenta características próprias que serão brevemente mostradas, a seguir, com os dados fornecidos pela Prefeitura de Belo Horizonte e pelo Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento (2000).



Figura 2 – Distribuição de Belo Horizonte por regionais

Fonte – <www.pbh.gov.br>

³⁵ Para saber quais bairros compõem cada regional, acessar <www.mapa-brasil.com/m_belo_bairros-regionais.htm>.

Barreiro – polo que integra Belo Horizonte a alguns municípios vizinhos, tem intensa atividade comercial, industrial e de serviços. Além disso, conta com diversas áreas verdes e nascentes. O símbolo da região, o Cristo Redentor, localizado no bairro Milionários, funciona como um mirante do qual se avistam algumas serras que cercam a região. O IDH³⁶ é 0,787; e a renda *per capita*³⁷ é de R\$ 254,06.

Centro-Sul – nessa região estão concentradas as principais atividades culturais, política e econômica da cidade. Parte dessa região está contida dentro dos traçados projetados para Belo Horizonte. Tem elevado padrão de ocupação e grande contraste social, pois em meio a luxuosos prédios, encontram-se as principais favelas da cidade. Entre outros, compõe essa região os bairros Savassi, Belvedere, Mangabeiras. O IDH é alto, 0,914 e chega a ser comparado a alguns países europeus. A renda *per capita* é de R\$ 1.584,28.

Leste – região que teve sua origem como residência dos operários da comissão construtora da Nova Capital, devido à proximidade com o centro da cidade. Essa região é conhecida pela produção cultural de músicos que compõem o Clube da Esquina. É formada, entre outros, pelos bairros Santa Tereza e Floresta. O IDH é 0,837 e renda *per capita*, R\$ 491,20.

Nordeste – região que teve participação fundamental na industrialização do município, com as fábricas têxteis nos anos 30. Apresenta grande diferença no poder aquisitivo, entre os bairros mais antigos e mais próximos do centro e os bairros mais novos e mais afastados. Pertencem a essa regional os bairros Renascença, Ipiranga e Cidade Nova. O IDH é 0,826 e renda *per capita*, R\$ 429,02.

Noroeste – região mais antiga da capital. Nela localizam-se os bairros tradicionais surgidos no entorno da cidade planejada. Sua ocupação iniciou-se

³⁶ O IDH, Índice de Desenvolvimento Humano, serve para avaliar o nível de desenvolvimento de países, cidades e regiões. Seu valor é expresso entre 0 (baixo) e 1 (alto). Para o cálculo, são levados em consideração a expectativa vida, o nível de escolaridade e o PIB (Produto Interno Bruto).

³⁷ Em 2000, quando esses dados foram coletados, o salário mínimo era de R\$151,00.

com a fundação da capital quando, paralelamente ao planejamento do centro da cidade, foi formada uma região de operários e da boemia. É formado, entre outros, pelos bairros Caiçara, Padre Eustáquio e Coração Eucarístico. O IDH é 0,835 e renda *per capita*, R\$ 472,43.

Norte – iniciou-se como um povoado afastado do projeto urbano da nova capital. A partir de 1930, intensificou-se a ocupação, devido ao grande crescimento demográfico da cidade que se expandia. Assim começou a surgir a ideia das vilas operárias, soluções adotadas para a questão habitacional, pois os lotes de tamanhos reduzidos tinham menor preço. Atualmente, tem o maior número de domicílios do tipo conjunto habitacional para baixa renda, promovido pelo poder público. Nela estão contidos tanto os bairros com boa infraestrutura urbana e população de bom poder aquisitivo quanto bairros e vilas que oferecem aos seus moradores condições mínimas de moradia e população carente. É composta pelos bairros o Planalto, Tupi e Guarani. O IDH é 0,787 e a renda *per capita*, R\$ 274,90.

Oeste – região que não faz limite com outros municípios, ainda é uma área em expansão urbana, sendo que alguns de seus bairros tornaram-se um prolongamento da região Centro-Sul. Como exemplo, os bairros Buritis, Gameleira e Prado. O IDH é 0,853 e a renda *per capita*, R\$ 634,71.

Pampulha – ícone da modernidade arquitetônica em Belo Horizonte nos anos de 1940. A região foi idealizada por Juscelino Kubitschek. O conjunto arquitetônico que compõe a região foi projetado por Oscar Niemeyer. Em meio a ruas arborizadas, nela está situada a Lagoa da Pampulha, o Mineirão e o aeroporto. Têm como bairros Bandeirantes, Ouro Preto, Campus da UFMG entre outros. O IDH é 0,870 e a renda *per capita*, R\$ 680,15.

Venda Nova – distrito contemporâneo ao distrito do Curral del Rey (local onde foi construída a cidade de Belo Horizonte). Começou a ser povoado por tropeiros que traziam gados e mercadoria. Posteriormente, a ocupação das terras da região se deu por pequenas fazendas, sítios e chácaras. O distrito foi anexado a Belo Horizonte em 1948. No final da década de 1950 e princípio da década de

1960, houve grande loteamento sem nenhuma infraestrutura. Esse fato foi um dos principais fatores da explosão demográfica da região. Venda Nova passou de um lugar calmo, tranquilo, para uma cidade-dormitório, com os benefícios e problemas característicos dos grandes centros urbanos. Como exemplos, o bairro Céu Azul, Serra Verde e Copacabana. O IDH da região é 0,788 e a renda *per capita*, R\$ 268,89.

De posse desse conhecimento e com base na tabela 7 que se refere à distribuição das moradias pelas regionais de Belo Horizonte relacionando com os índices, verifica-se que há uma distribuição semelhante de torcedoras no estádio que moram na regional Centro-Sul (12,9%) e na regional Noroeste (13,1%). Entretanto a região Centro-Sul apresenta o melhor IDH e a região Noroeste está em quinto lugar. Dessa forma, constata-se que as torcedoras com melhor poder aquisitivo estão menos presentes no estádio. As regiões que têm um menor IDH e uma menor renda *per capita* (Barreiro, Norte e Venda Nova) são as que menos apresentam torcedoras presentes no Mineirão. Embora este estudo reconheça que relacionar esses dados é de suma importância para saber o porquê de as mulheres com maior poder aquisitivo não estarem presentes no estádio, as análises mais aprofundadas ficarão para estudos futuros.

Tabela 7
Distribuição das moradias pelas regionais de Belo Horizonte

Regionais	IDH ³⁸	Renda per capita (R\$) ³⁹	Torcedoras no Mineirão (%)
Centro-Sul	0,914	1584,00	12,9
Pampulha	0,870	680,00	6,5
Oeste	0,853	634,00	8,1
Leste	0,837	491,00	6,8
Noroeste	0,835	472,00	13,1
Nordeste	0,826	429,00	8,8
Venda Nova	0,788	268,00	5,2
Norte	0,787	274,00	2,3
Barreiro	0,787	254,00	3,2
N.A.	-	-	33,2

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

Dos 33% de mulheres que não moram em Belo Horizonte, 52,7% tem habitação na região metropolitana da cidade, 41,8% nas cidades do interior do estado de Minas Gerais e 1,4% em outros países e estavam em Belo Horizonte passando férias em casa de parentes.

No que tange à pessoa de referência no domicílio, isto é, à pessoa responsável pelo domicílio, popularmente conhecido como chefe da casa, o total dos dados apontam que 62,8% das mulheres não se consideram a pessoa de referência do domicílio, 15,1% divide a responsabilidade com alguém e 22,1% são a pessoa de referência no domicílio.

Por fim, analisando os dados sobre a pessoa de referência no domicílio distribuídos pela faixa etária, verifica-se que, entre as mulheres de 18 – 39 anos, há uma predominância de elas não serem a referência no domicílio. Se olhar à luz do fator faixa de rendimento, pode-se deduzir que essas mulheres, por não terem, em sua maioria, um salário que lhes possibilite sustentar um domicílio, não são

³⁸ Dados da PNUD (2000).

³⁹ Dados da PNUD (2000).

consideradas a chefe de casa. Das mulheres que se encontram na faixa etária 40 – 59, 28,8% afirmaram ser a pessoa de referência no domicílio e 22,3% dividem essa responsabilidade com outra pessoa, geralmente, o cônjuge. É nessa faixa etária que se encontram as maiores faixas de rendimento entre as mulheres. Dessa forma, permite-se que elas sustentem uma moradia ou dividam o sustento com alguém. Já no grupo das mulheres acima de 60 anos, 63,2% declararam ser a pessoa de referência em seu domicílio. Embora o rendimento nessa faixa etária não seja muito alto (lembrando que a maioria vive com valores entre dois e três salários mínimos), elas, em sua maioria, já têm uma vida estabilizada, com renda e outro fator a ser levado em consideração é que muitas são viúvas, tornando-se a referência da casa (tabela 8). De acordo com o IBGE (2009), no período entre 1998 – 2008, houve um aumento significativo no número de mulheres na condição de pessoa de referência no domicílio, como também se viu um crescimento da proporção das mulheres declaradas como pessoa de referência, apesar da presença de um cônjuge.

Tabela 8
Pessoa de referência no domicílio distribuída pela faixa etária

Faixa etária (anos)	Pessoa de referência	%
18 - 39	sim	12,8
	eu e alguém	12,8
	não	74,4
40 - 59	sim	28,8
	eu e alguém	22,3
	não	48,9
Acima de 60	sim	63,2
	eu e alguém	5,3
	não	31,6

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

NOTA – Os formulários validados para cada faixa etária foram: 18 – 39; 266; 40 – 59, 139 e acima de 60, 38 formulários.

Após essa exposição do perfil socioeconômico das torcedoras são apresentados os dados referentes à sua relação com o Cruzeiro.

3.2.2 Relação com o Cruzeiro

De acordo com as categorias propostas por Reis (1998), classificam-se as mulheres de acordo com o tipo de torcedoras: uniformizada, comum ou pertencente a alguma torcida organizada e também se eram a titular ou não do programa de relacionamentos *Cartão 5 Estrelas* e do programa *Sócio do Futebol*.

Os valores encontrados revelam que, do total, apenas 10% das mulheres eram as titulares do *Cartão 5 Estrelas*. No entanto, quando o Cruzeiro extinguiu esse cartão, em 30 de junho de 2009, e implantou o programa *Sócio do Futebol*, o número de mulheres titulares aumentou para 32,5%.

O programa do *Cartão 5 Estrelas* visava a fidelização do(a) torcedor(a) cruzeirense via benefícios e comodidade. Os(as) participantes desse programa tinham como vantagem nos jogos realizados no Mineirão em que o Cruzeiro fosse o time mandante poder comprar os ingressos via internet ou celular, sem precisar enfrentar filas, frequentar bilheterias e nem desembolsar dinheiro no momento da compra. E ainda podiam comprar outro ingresso com 50% de desconto. O *Cartão 5 Estrelas* também acumulava pontos que poderiam ser trocados por prêmios ou outros benefícios, tais como a camisa do Cruzeiro, uma visita a Toca da Raposa II, bem como viajar junto com o time.

Dessa forma, muitos homens eram os titulares do cartão e compravam o outro ingresso para seus filhos, filhas, esposas, namoradas ou outras pessoas pela metade do preço.

Quando o Cruzeiro adotou o programa *Sócio do Futebol*, o pacote passou a oferecer outras vantagens, dentre as quais, o acesso para cada jogo que tenha o Cruzeiro como time mandante, realizado durante o mês, em Belo Horizonte. Entretanto, cada cartão só fornece direito a um único ingresso. Assim, muitas das mulheres que sempre estavam presentes no estádio, mas tinham seu ingresso

subsidiado pelo *Cartão 5 Estrelas*, tiveram que fazer o seu cartão de *Sócio do Futebol*.

Somente 2% das mulheres pertencem a alguma torcida organizada, confirmando que esse grupamento é majoritariamente masculino.

Por fim, 63,3% das cruzeirenses presentes no estádio estão uniformizadas com alguma camisa que remeta ao Cruzeiro. De acordo com Franco Júnior (2007, p.321), “[...] a camisa é a heráldica plebéia”, isto é, ela é o conjunto simbólico de tudo aquilo que o clube representa. Nela estão contidas as cores do clube, o escudo que não por acaso se localiza ao lado esquerdo do peito e a história de conquistas e vitórias.

Em relação à frequência com que as mulheres costumam ir ao Mineirão assistir aos jogos do Cruzeiro, 31% afirmou ir frequentemente, 27,6% ia raramente, 26,5% ia sempre e 14,9% estava indo ao Mineirão pela primeira vez. Realizando o somatório entre as que vão frequentemente e as que sempre vão, há um elevado número de mulheres que adotam a ida ao estádio como uma opção de lazer.

Observando essa distribuição por faixa etária, verifica-se que, embora no estádio haja predomínio das mulheres entre 18 a 39 anos, elas são as que mais raramente vão ao estádio, logo há uma rotatividade muito grande desse público. As que pertencem à faixa etária 40–59 afirmaram ir mais frequentemente ao estádio. No entanto, é na faixa etária acima de 60 anos que se encontra o público mais fiel ao Cruzeiro, com 31,6% garantindo estar sempre presente no estádio quando o Cruzeiro está jogando. É o que está mostrado na tabela 9.

Tabela 9

Frequência com que costuma ir ao Mineirão assistir aos jogos do Cruzeiro

Faixa etária (anos)	Frequência de ida ao Mineirão	%
18 – 39	1a vez	15,0
	raramente	29,7
	frequentemente	30,5
	sempre	24,8
40 – 59	1a vez	13,8
	raramente	23,9
	frequentemente	34,1
	sempre	28,3
acima de 60	1a vez	18,4
	raramente	26,3
	frequentemente	23,7
	sempre	31,6

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

NOTA: Os formulários validados para cada faixa etária foram: 18 – 39; 266; 40 – 59, 139 e acima de 60, 38 formulários.

Quando perguntadas sobre qual o tipo de jogo a que costumavam ir, no total de formulários, 45,9% disseram ir a qualquer jogo, bastava o Cruzeiro estar em campo para que fossem ao Mineirão; 18,0% afirmaram só ir a jogos que não são muito cheios e 12,5% relataram ir aos mais importantes da temporada, como se vê na tabela 10. Dado relevante foi encontrado na categoria *outro*, uma vez que desse total, 5,8% relataram ir a todos os jogos do Cruzeiro, exceto o clássico, conforme a tabela 11.

Tabela 10
O tipo de jogo a que costuma vir assistir

Tipos de jogos	%
os que não são muito cheios	15,3
os que são mais importantes na temporada	10,6
os clássicos	4,7
os que tenho companhia	6,1
qualquer tipo	39,1
outro	9,3
N.A.	14,9

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

NOTA – N.A. refere-se à quantidade de mulheres que estavam indo ao estádio pela primeira vez, por isso, foram excluídas dessa questão.

Tabela 11
Distribuição dos outros motivos que fazem com que as torcedoras vão ao Mineirão

Outros motivos	%
coincidência de estar em Belo Horizonte	0,6
começa às 16 horas	0,2
contra o Flamengo	0,2
exceto clássicos	5,8
exceto times de menor expressão	0,2
quando é sorteada	0,2
jogos neutros	0,2
jogos tranquilos	0,9
período de férias	0,2
quando tenho vontade	0,2
uma torcida só	0,2
Total	9,3

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

De fato, tal preocupação com o clássico ocorre devido ao fato de o jogo ser classificado de alto risco por comumente haver um grande número de espectadores e, principalmente, por causa da rivalidade hostil entre as duas torcidas (REIS, 2006). De acordo com Campos e colaboradores (2008), o clássico entre Cruzeiro e Atlético-MG tem um número significativamente maior de ocorrências policiais e atendimentos médicos do que as demais partidas realizadas no Mineirão. Constataram também que essa preocupação se refletia na fala de alguns torcedores “quando é clássico, é perigoso (torcedor, 78 anos)” (CAMPOS et. al., 2008, p.18).

A sensação de segurança no estádio é um dos motivos de escolha de determinado jogo para ser a estreia da torcedora no Mineirão. Afinal uma boa estreia possibilita outras idas e uma má pode causar traumas ou superstições (sensação de ser *pé frio*, azarada, enfim). As 14,9% das cruzeirenses que estão indo ao Mineirão pela primeira vez escolheram tal jogo por não ser muito cheio (43,3%), 20,9% por ter companhia e 26,9% por outros motivos, como mostra a tabela 12.

Tabela 12

Motivos que fizeram escolher tal jogo para irem à primeira vez ao Mineirão

Escolha dos jogos	%
não é muito cheio	43,3
é importante na temporada	4,5
é clássico	1,5
tenho companhia	20,9
outro	26,9
N.I.	3,0

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

Os estudos de Silva e colaboradores (2007) e Campos e colaboradores (2008) apontam que a segurança e a violência são as duas categorias que mais

preocupam os torcedores no momento em que optam como momento de lazer a ida ao estádio de futebol. Tanto que essas categorias tornaram-se questão de segurança pública, uma vez que, em 2003, criou-se o Estatuto de Defesa do Torcedor – EDT – cujo principal objetivo é garantir normas de proteção e defesa dos torcedores em espaços públicos e privados nas mais diversas práticas esportivas. Com isso, verifica-se que as categorias supracitadas, segurança e violência, justificam a escolha por jogos mais tranquilos para irem à primeira vez ao estádio.

Por fim, no que se refere ao principal meio de comunicação para essas mulheres terem notícias do Cruzeiro, a tabela 13 demonstra que 37% afirmaram ser a televisão o principal veículo de informação. O *site* do Cruzeiro é consultado por 12,4% das mulheres e 11,3% obtêm informações conversando com outras pessoas: namorado, marido e filho, respectivamente.

Tabela 13
Forma principal pela qual você obtém notícias do Cruzeiro

Meio de comunicação	%
jornal	10,6
televisão	37,0
rádio	10,8
internet	16,7
<i>site</i> do Cruzeiro	12,4
revista do Cruzeiro	0,5
conversa com outra pessoa	11,3
outra	0,7

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

Após a apresentação da relação das mulheres torcedoras do Cruzeiro presentes no Mineirão, segue a relação das torcedoras com o Mineirão.

3.2.3 Relação com o Mineirão

No que se refere à ida da mulher ao estádio, somente 5,4% vão sozinhas. Habitualmente as mulheres estão acompanhadas das figuras masculinas. Em relação às figuras femininas, 3,8% estavam acompanhadas da mãe; 13,5% da filha e 9% da amiga, conforme se vê na tabela 14.

Tabela 14

Distribuição por pessoas que vão ao estádio junto à torcedora

Pessoa com que vai ao estádio	%
pai	5,6
mãe	3,8
marido	28,7
namorado	17,8
filha	13,5
amiga	9,0
amigo	15,0
irmã	6,8
irmão	6,3
outra pessoa	31,4

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

Sobre o meio de transporte utilizado para ir ao estádio, 79,7% afirmou utilizar carro próprio/da família; 12,0%, transporte coletivo urbano e apenas 0,9%, ônibus especial que é colocado à disposição dos torcedores e das torcedoras com uma passagem mais barata, em dias de jogos no Mineirão, como mostra a tabela 15. A baixa utilização desse transporte por parte das mulheres se deve ao fato de a maioria das torcedoras sentirem-se inseguras nesse local devido a sua superlotação e aos cânticos entoados. No que diz respeito a *outros*, 0,2% foram de excursão; 0,7% de moto; 0,9% alugaram van e 1,8% foi de taxi.

Tabela 15
Meio de transporte utilizado para ir para o estádio

Meio de transporte	%
venho a pé	1,1
carro próprio / da família	79,7
transporte coletivo urbano	12,0
carona	2,7
ônibus especial	0,9
outros	3,6

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

Já sobre a forma como essas mulheres voltam do estádio, houve uma redução nas que utilizam o transporte coletivo urbano (10,5%) e o ônibus especial (0,7%), como é visto na tabela 16. Em relação a *outro*, houve um aumento no número de mulheres que utilizam taxi para ir embora do estádio, passando para 3,4%.

Tabela 16
Meio de transporte utilizado para voltar do estádio

Meio de transporte	%
venho a pé	1,1
carro próprio / da família	79,7
transporte coletivo urbano	10,4
carona	2,9
ônibus especial	0,7
outros	5,2

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

Ao serem perguntadas com que idade foram pela primeira vez ao Mineirão, a maioria das mulheres (38,6%) teve acesso a esse espaço quando adultas, na faixa etária dos 18 aos 39 anos; 29,7% conheceram o Mineirão em sua adolescência e 21,7%, quando crianças. Na categoria de gênero, esses dados

corroboram a bibliografia. Uma vez que o estádio de futebol não é considerado um espaço para mulher, não há uma preocupação de fazer com que as meninas se familiarizem com o local, pois tal espaço não fará parte de sua formação (inicialmente). À medida que as mulheres vão ganhando idade, há um ganho de autonomia e, com isso, a possibilidade de poder frequentar esse espaço que outrora lhes foi restringido (tabela 17).

Tabela 17

Distribuição da faixa etária com que foi a primeira vez ao Mineirão

Faixa etária (anos)	%
criança	21,7
adolescente	29,7
adulta entre 19 - 39	38,6
adulta entre 40 - 59	8,0
idosa	2,1

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

Os dados acima, quando transformados na década em que as torcedoras foram a primeira vez ao estádio, apontam que, desde quando o Mineirão foi inaugurado, houve um aumento constante, ao longo das décadas, do número de mulheres que iam ao estádio pela primeira vez, como mostra o gráfico 2.

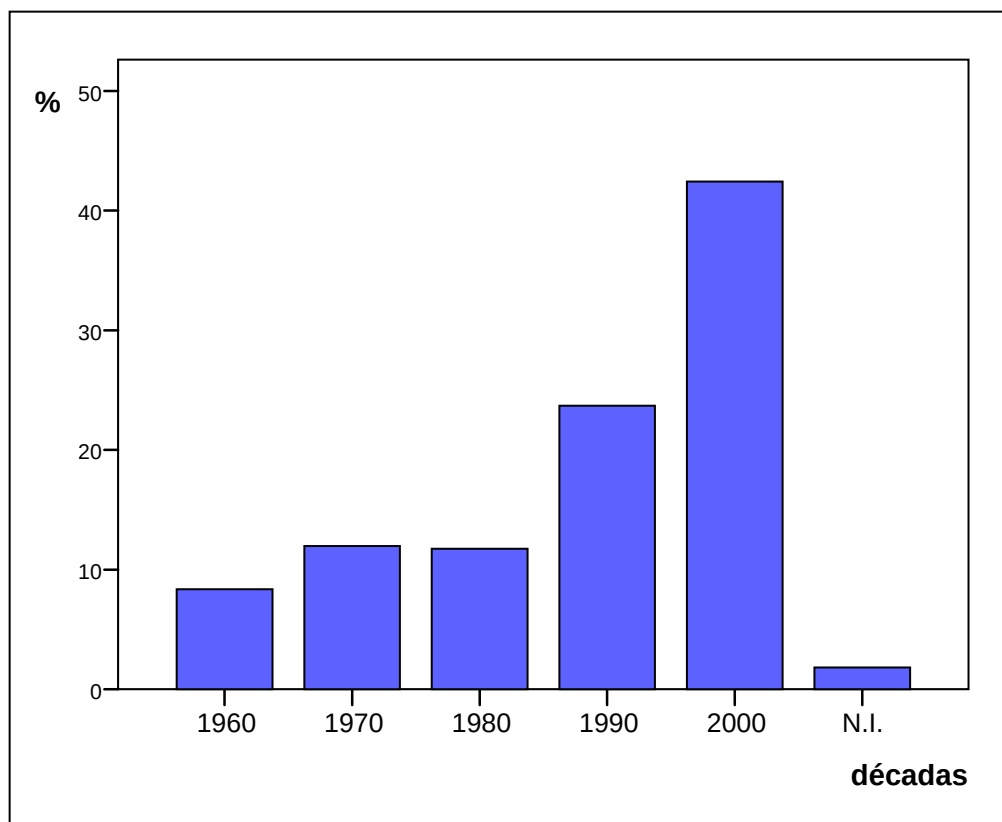


Gráfico 2 – Número de mulheres que vão ao Mineirão pela primeira vez distribuído por décadas

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

Os maiores responsáveis por levar a mulher à primeira vez ao estádio são os seus parceiros afetivos com 32,1%; em seguida vem a figura do pai, 27,1%; os amigos também têm participação nessa etapa, com 12,9%; a mãe só esteve nesse momento na vida de 8,4% das torcedoras e somente 1,6% foi sozinha ao Mineirão.

Esses dados reforçam que os responsáveis pela entrada da mulher nesse espaço são os homens. São eles que abrem uma concessão para que suas mães, esposas, namoradas e filhas frequentem esse local, desde que acompanhadas por eles, como mostraram os dados da tabela 14. A entrada da mulher nesse espaço masculino, de acordo com Mourão (1998), não foi marcada pela intenção de mudar a condição feminina, a ordem social ou mesmo a hierarquia de gênero que se estabelece na sociedade. As mulheres foram incentivadas à prática do

torcer, recebendo apoio velado ou aberto dos homens, a partir do momento em que as levam para o estádio pela primeira vez e as acompanham em outras idas.

Entretanto, uma vez apresentada a esse espaço, cada uma das torcedoras dele se apropria de forma diferente, umas reproduzindo a ordem das coisas e outras tentando mudá-la. Umas fazem a opção de ir ao estádio apenas quando têm companhia e outras procuram ir sempre, independentemente se têm ou não companhia, se o jogo é à tarde ou à noite. Cada uma busca a sua forma de expressar o seu pertencimento clubístico e de se legitimar dentro desse espaço. Todas essas são questões abordadas no capítulo seguinte por meio da análise das entrevistas.

4 COMPREENDENDO AS TORCEDORAS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

“Às vezes a gente se lembra de alguma coisa, de algum detalhe, porque... engraçado, a gente revive!...” (Fala da mãe da torcedora 179).

Como visto no capítulo anterior, 26,5% das mulheres disseram sempre estar presente no Mineirão em dias de jogos do Cruzeiro. Desse total, 94% adequavam-se ao critério de seleção para a entrevista semiestruturada: a torcedora se considerar sempre presente no estádio em dias de jogos do Cruzeiro, morar na cidade de Belo Horizonte e se disponibilizar a conceder a entrevista.

Na busca pela compreensão da relação das torcedoras com o Cruzeiro e com o Mineirão as torcedoras que cumpriram os critérios relacionados no parágrafo anterior foram contactadas. O processo de agendamento tornou-se lento, pois, se no contato pessoal do estádio, no calor do momento, muitas foram favoráveis a participar da entrevista, o mesmo não ocorreu ao telefone. Várias torcedoras desistiram de participar do estudo alegando incompatibilidade de agenda, falta de interesse ao ficar de retornar a ligação e não fazê-lo e, até mesmo, agendando uma data e local e não comparecendo. Deste modo, de forma aleatória, foram selecionadas 15 mulheres para a entrevista. Infelizmente, houve a perda de uma das entrevistas devido a problemas técnicos. Dessa forma, foram utilizadas 14 para a análise.

Primeiramente apresentam-se as torcedoras que participaram dessa etapa da pesquisa. Elas variam em idade, formação profissional, local de residência, condições econômicas e formas de se relacionar com o Cruzeiro. Fez-se a opção de não prestar informações relacionadas apenas aos itens apontados acima, visto que alguns detalhes mostrados ao longo das entrevistas trouxeram elementos para a compreensão das falas, pois, como já dito, toda mensagem contém uma

grande quantidade de informação sobre quem fala. De acordo com Franco (2008, p.25),

[...] o produtor/autor é antes de tudo um selecionador e essa seleção não é arbitrária. Da multiplicidade de manifestações da vida humana, seleciona o que considera mais importante para “dar o seu recado” e as interpreta de acordo com o seu quadro de referencia.

Complementando, a apresentação é feita na ordem de realização das entrevistas. As torcedoras entrevistadas são, porém, identificadas conforme o seu número de registro no formulário.

Torcedora 66 – 26 anos, mora na regional Oeste junto com o seu marido que também é cruzeirense e lhe fornece informações sobre o time. Atualmente trabalha como calígrafa e, nos seus momentos de lazer, gosta de sair com as amigas e os amigos. A entrevista foi realizada na casa de sua sogra.

Torcedora 50 – 41 anos, mora na regional Centro-Sul junto com a mãe. É formada em administração e trabalha como funcionária pública em um cargo de chefia. Obtém notícias do Cruzeiro pela televisão. Nos momentos de lazer, gosta de sair com as amigas e os amigos. Gosta de vôlei também e, desde quando o Cruzeiro montou um time de vôlei, o Sada Cruzeiro, ela abandonou o time do Minas Tênis Clube, pelo do Cruzeiro. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho, entre um compromisso e outro e suas respostas foram sucintas.

Torcedora 137 – 50 anos, nascida e criada na cidade de Montes Claros/MG, mas mora em Belo Horizonte há muito tempo, residindo na regional Nordeste, junto com seu marido e sua sobrinha. Trabalha como representante comercial e era a titular do *Cartão 5 Estrelas*. Sua principal opção de lazer é a ida ao estádio. A entrevista foi realizada na Escola de Educação Física da UFMG.

Torcedora 112 – Não quis informar a sua idade nem para quem lhe aplicou o formulário e nem para a autora dessa dissertação, durante a entrevista. Nasceu em Governador Valadares/MG, onde torcia pelo Flamengo, mas já era simpatizante do Cruzeiro. Ao mudar para Belo Horizonte, tornou-se cruzeirense. Tem longos cabelos vermelhos, seu símbolo de diferenciação no estádio. Participa

da torcida organizada Máfia Azul, mas não é sócia. Era titular do *Cartão 5 Estrelas*. Tem como hábito colecionar a revista do Cruzeiro, fotos, camisas, ingressos, enfim, tudo o que se remete ao Clube. Mora na regional Noroeste junto com a sua filha que também participou da entrevista completando e relembrando os feitos de sua mãe. A entrevista foi realizada em sua casa que é toda enfeitada por bibelôs do Cruzeiro pendurados na parede e em cima da estante, além das janelas e portas serem pintadas de azul e a parede de branco, *por coincidência*.

Torcedora 177 – 49 anos, só estudou até a 7ª série, dona de casa, mora na regional Noroeste junto com o marido e seus dois filhos. Obtém notícias do Cruzeiro por meio de seu filho caçula que, junto dela, são os únicos cruzeirenses da casa. No seu tempo de lazer gosta de sair com o marido. A entrevista foi realizada em um restaurante *self-service* em um bairro vizinho ao seu. Ela estava muito ansiosa por prestar a entrevista. Na mesa havia um jornal do dia, e ela não se conteve em olhar as notícias sobre o Cruzeiro.

Torcedora 215 – 50 anos, aposentada, nascida em Barbacena, atualmente mora na regional Norte junto com o seu único filho, que prestou atenção em tudo o que sua mãe falava durante a entrevista. Tem como sonho conhecer a Toca da Raposa II. Sua casa tem algumas menções ao Cruzeiro, principalmente o quarto de seu filho que é pintado de azul e branco e ostenta um pôster com o time Campeão Mineiro 2009 e o banheiro onde há uma casinha de madeira, azul e branca, pendurada na porta com os seguintes dizeres *uso exclusivo de cruzeirenses*. De acordo com a torcedora, esse bibelô é o grande causador de polêmica entre suas visitas.

Torcedora 19 – 62 anos, viúva, mora na regional Pampulha com a sua filha. Tem como lazer a ida ao estádio e o cinema. Costuma frequentar a Toca da Raposa I regularmente. É sócia da torcida organizada Raça Azul há 12 anos. Sua entrevista também foi realizada na Escola de Educação Física da UFMG, às vésperas da decisão da Copa Libertadores. Ela estava vestida com a camisa do Cruzeiro e preparada para o jogo da final, otimismo que influenciou suas respostas.

Torcedora 250 – 50 anos, formada em letras e trabalha como professora. Mora com o marido, com a filha e com o filho na regional Oeste. A entrevista foi realizada em sua residência, alguns dias após a final da Copa Libertadores. Ela ainda estava abalada com a derrota da equipe, o que influenciou suas respostas.

Torcedora 73 – 67 anos, viúva, nascida no interior de Minas, próximo a cidade de São João Del Rei, mora sozinha na regional Pampulha. É sócia do Clube do Cruzeiro o qual frequenta para jogar partidas de baralho junto com suas amigas e nadar. Seu marido pertenceu à diretoria do Clube. Ela recebeu a pesquisadora em sua casa, local que aparentemente não tem nada que faz menção ao clube, mas timidamente ela me mostrou o seu chaveiro: o símbolo do Cruzeiro. Entre uma pitada e outra respondia as perguntas.

Torcedora 68 – 19 anos, estudante de engenharia de minas. Mora na regional Pampulha junto com o pai, a mãe e o irmão. Sempre vai a pé para o estádio junto de seu pai. Obtém notícias do Cruzeiro via *site* oficial do Clube e também participa de uma comunidade virtual sobre o Cruzeiro. Sua entrevista foi realizada na Praça de Serviços da UFMG.

Torcedora 179 – 21 anos, descendente de italianos por parte de pai. Seu bisavô ajudou na fundação do Palestra Itália⁴⁰. Mora na regional Oeste junto com sua avó e seu avô, cursa engenharia civil à noite e trabalha como auxiliar técnica em um escritório de engenharia. A entrevista foi realizada à noite, após o seu expediente, em um café próximo à Praça da Liberdade. Durante a entrevista, sua mãe apareceu no local e contribuiu com algumas lembranças e opiniões, entre as quais, que o seu marido pensava que ela estava grávida de um menino, só foi descobrir que era uma menina no momento do parto. Interessante notar que a torcedora saiu da maternidade vestida com uma camisa do Cruzeiro.

Torcedora 76 – 64 anos, mora na regional Nordeste junto com sua irmã e cunhado, é descendente de italianos, trabalha como costureira e acompanha o Cruzeiro há muito tempo. Tem como principal opção de lazer a ida ao estádio.

⁴⁰ Até 1942 esse era o nome oficial do Cruzeiro Esporte Clube. O nome foi mudado durante a Segunda Grande Guerra Mundial por associar o Clube à Itália, país que fazia parte do Eixo.

Como hábito coleciona a revista do Cruzeiro, fotos, camisas, reportagens, bibelôs, enfim, tudo o que remete ao clube. Ela recebeu a pesquisadora em sua casa vestida com a camisa do Cruzeiro e com calça branca, uniforme de quando vai ao estádio. Na sua casa há um enorme escudo do Cruzeiro pendurado na parede. Durante a entrevista contou que foi ao casamento do jogador Raul, goleiro do Cruzeiro, na década de 1960, a Igreja estava cheia de convidados e torcedoras e torcedores. Também contou que, quando era jovem, ia ao salão arrumar o cabelo para poder assistir aos jogos no Mineirão.

Torcedora 331 – 52 anos, mora na regional Nordeste junto com sua mãe. Tem a sua história vinculada ao Clube desde quando era Palestra Itália (embora pouco se lembre dessa época). Como lazer gosta de frequentar o Clube do Cruzeiro. Atualmente é uma das cinco mulheres que compõem o Conselho Deliberativo do Clube. A entrevista foi realizada na Sede Urbana do Cruzeiro.

Torcedora 386 – 56 anos, reside na regional Noroeste junto com o marido, a filha e uma agregada. É descendente de portugueses por parte de pai e italianos por parte de mãe. Trabalha como agente penitenciária. Sua principal opção de lazer é a ida ao estádio. Em suas respostas durante o preenchimento do formulário no Mineirão, contou que esse tinha sido o local onde havia conhecido o seu marido. A entrevista também foi realizada na Praça de Serviços da UFMG.

Após essa caracterização, seguem as análises distribuídas em dois momentos: relação com o Cruzeiro e relação com o estádio. Ao detalhar os eixos de análise, optou-se, em alguns casos, por reproduzir os discursos das torcedoras na íntegra. Assim, é possível apresentar e discutir as mensagens compreendendo-as como produções socioculturais e, como tal, não encerrando em si próprias, e buscando o diálogo com a bibliografia levantada.

4.1 Relação com o Cruzeiro

*Cruzeiro, quem conhece a sua história, de conquistas e vitória, nunca mais de esquecerá. Zero, tua história é tão bonita, faz parte da minha vida, pros meus filhos vou contar. Zero, o guerreiro dos gramados, sou cruzeirense apaixonado e para sempre vou te amar*⁴¹

As análises apresentadas nesse tópico procuraram dar voz às torcedoras do Cruzeiro presentes no Mineirão, assim, buscou-se aprofundar a relação das torcedoras com o Cruzeiro, conhecer a origem do torcer pelo Cruzeiro, a construção da identidade cruzeirense e o que significa ser cruzeirense para essas torcedoras.

Durante as entrevistas, percebeu-se que a influência familiar é preponderante na escolha pelo Cruzeiro. Em sua maioria, a escolha foi feita quando criança e a opção, geralmente, é pelo time do pai, o responsável por narrar os fatos heróicos e cotidianos do clube, como pode ser observado por meio das falas de algumas das entrevistadas.

“Eu comecei a torcer pelo Cruzeiro desde que eu era criança, que eu comecei a entender um pouco, de ouvir meu pai falar, né, de futebol que eu sou cruzeirense” (torcedora 137).

“Eu era menina, eu torço porque meu pai era cruzeirense. Então eu o vi torcendo, aí eu fiquei sendo cruzeirense. Foi pouco tempo de convivência com ele também, ele faleceu rápido, mas eu lembro dele torcendo pelo Cruzeiro, falando dos jogadores do Cruzeiro, do Palestra, dos primeiros jogadores do Cruzeiro” (torcedora 76).

“Eu comecei a torcer pelo Cruzeiro desde quando eu estava na barriga da minha mãe, porque o meu pai colocava o radinho para eu escutar na barriga e minha mãe disse que eu dava uns chutes, ficava lá acho que torcendo, né. A família inteira é cruzeirense, tudo está ligado ao Cruzeiro” (torcedora 179).

⁴¹ Trecho de uma música cantada no Mineirão durante as partidas do Cruzeiro.

“Quando criança por influência de pai. Já viajei com ele, já fui para o interior de Minas ver os jogos...” (torcedora 50).

Torcer por um time é ter uma identidade social e corresponde a códigos e valores que dizem muito acerca de quem somos (DAMO, 1998).

De acordo com Giddens (1991), para vivermos em sociedade, é necessário confiar. Segundo esse autor, a confiança pode ser definida como sendo a

[...] crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico) (GIDDENS, 1991, p.41).

Ainda, conforme o referido autor, o primeiro sistema de confiança com o qual temos contato é com o parentesco. Embora haja tensão e conflito nessa relação, este sistema fornece condições para que os vínculos sejam amigáveis, íntimos e resistentes ao tempo, havendo um compromisso com os valores e princípios imbuídos nesse contexto.

Silva (2001) em seu estudo que teve como objetivo principal investigar a relação do torcedor com o clube de Regatas Vasco da Gama, também verificou que os vínculos familiares são um dos principais fatores que fazem com que os filhos optem por determinado clube. O autor argumenta que os pais, ao educarem seus filhos, apresentam-lhes uma proposta de vida, uma concepção de sociedade, transmitem seus valores, mesmo que alguns os considerem arbitrários.

Assim, pela admiração, pelo respeito ou por uma forma de estabelecer vínculos afetivos mais próximos com a figura paterna, a imagem do pai tende a ser respeitada pela maioria das torcedoras e junto dela seus gostos. Sua forma de pensar e agir tende a ser seguida, muitas vezes, sem questionamentos.

Entretanto, partindo da premissa de que o espaço público foi construído para o masculino, cabia ao homem, na figura do pai, trazer as notícias da rua para dentro de casa, bem como seus feitos, criando uma identidade e uma normalização dos fatos. Assim, algumas meninas (e vários meninos) cresceram

ouvindo seus pais contando *causos* sobre futebol: o clube, o estádio, os jogadores e suas jogadas, as viagens, enfim, fatos marcantes, sublimes ou não.

Já no que se refere à participação da mulher no estádio, durante muito tempo ela foi vista como uma figura coadjuvante. De acordo com Souza (1996, p.138),

[...] às mulheres resta o papel de auxiliares dos homens no futebol, torcendo em função de laços sociais próximos (com homens) e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol. Esta é a posição desejável para o feminino prescrita através do futebol [...] para a construção da nação

Assim, mesmo estando presente no estádio, a representação da torcedora foi sendo pautada na figura de acompanhante, incentivadora dos clubes e dos jogadores e não em um sujeito que tem os seus conhecimentos sobre futebol legitimados ou o espaço e o público necessários para contar seus *causos*. Embora essa concepção esteja mudando, ainda são muitos os lugares que continuam vendo a mulher como coadjuvante. De tal modo que não soa estranho que muitas deixem essa parte da socialização dos meninos e das meninas sob a responsabilidade do pai ou de outra figura masculina de convívio próximo, como o tio ou o avô, como dito pelas torcedoras 177 e 66, respectivamente.

Todavia, algumas entrevistas mostraram que essa preponderância tem exceções. Para algumas torcedoras a figura materna foi a principal responsável pela escolha do Cruzeiro.

“Minha mãe, meu irmão e minha irmã são cruzeirenses, meu pai é atleticano. Ela torcia, mas não era de ficar indo em jogos. Até hoje. Ela tem 83 anos, ela gosta de jogo. Ela... apesar de agora estar doente, mas ela com essa idade ainda gosta, ela fala ‘eu sou Cruzeiro, eu sou Cruzeiro’. 83 anos, com Alzheimer e é Cruzeiro!” (torcedora 215).

“Ela gostava, ela gosta, né, hoje até que ela não vai não [ao Mineirão], nessa época ela era nova, aí ela ia. Eu era criança e a acompanhava. Meu pai viajava, quando ele estava aqui, nos levava, mas ele não ia, ele não entrava no estádio. Então eu falo com ela, eu conto a ela que essa

paixão que eu tenho pelo Cruzeiro aprendi de mãe para filha. E aí vai... é de família, vai passando” (torcedora 331).

“Eu fico pensando nas minhas filhas que têm namorados atleticanos. Ao casarem, eles vão ter filhos e eu acho que vai ser uma guerra porque eu vou tentar fazer meus netinhos tudo ser cruzeirense! Vou, na hora que falar que engravidou, já vou comprar o enxovalzinho, tudo do Cruzeiro, vou lá na Cruzeiro Mania [loja temática do Cruzeiro] e vou comprar tudo, tudo, tudo, mamadeira, pagãozinho, tudo, tudo, tudo... vou levar para o estádio... E vai ser uma briga se o pai não deixar né. Mas eu já falei com minhas meninas... ‘oh, presta atenção, vocês são cruzeirenses e são mulheres, não aceita domínio de marido querendo fazer a cabeça de filho, então você tenta também’. (Risos). O menino vai ficar numa situação difícil, pode ser, depois faz terapia, sei lá... (Risos)” (torcedora 250).

Talvez pela admiração, pelo respeito, por uma forma de estabelecer vínculos afetivos mais próximos com a figura materna ou por ter uma figura paterna omissa, o que se observa na construção dessa relação é que também há o compromisso com os valores e princípios imbuídos no contexto familiar.

Outro fator que apresenta grande influência na escolha do time é a descendência. Muitas torcedoras são cruzeirenses por serem filhas ou netas de italianos, o que gera uma identidade italiana por parte dessas mulheres.

“Meu pai veio menino da Itália, por isso ele torce pro Cruzeiro, a família toda torce pelo Cruzeiro” (torcedora 76).

“Olha, eu acho que tem tudo a ver com a família. Minha família inteira foi... sempre torceu pelo Cruzeiro, minha avó, meu avô... meus bisavós eram da Itália. Então, desde a criação do Palestra Itália eles estavam envolvidos. É o O.N., meu bisavô, pai da minha avó. Eu me lembro do meu avô me contar, marido da minha avó, que eles iam ao estádio, viajavam junto com o Cruzeiro, mas assim... de me contar sobre meu bisavô eu não sei muito não” (torcedora 179).

De fato, os italianos e as italianas têm uma participação direta na história de Minas Gerais e, em particular, de Belo Horizonte e do Cruzeiro. No início do século XX, houve um incentivo do governo de Minas Gerais para a imigração italiana, com oferta de terras e de trabalho. Com isso, muitas famílias vieram para

terras mineiras. Pelo interior do estado muitos foram trabalhar na cafeicultura; na nova capital que se erguia trabalhavam na construção civil, nas oficinas de calçados, em panificadoras, empurrando carroça, enfim...

De acordo com Barreto e Barreto (2000), o sucesso da investida foi tão grande que houve casos em que todo um povoado italiano trocou sua província pela recém-inaugurada capital mineira. Esses autores citam ainda que a identificação por Belo Horizonte e pelo estado de Minas Gerais foi tão grande que o hino popular *Oh, Minas Gerais!* teve sua origem de uma valsa italiana *Viene Sul Mare*⁴².

Já fixada em Belo Horizonte, a colônia italiana mobilizava-se para criar um clube de futebol que a representasse e a integrasse. Em 1907, houve a primeira tentativa, fracassou, porém. Em 1914, a colônia italiana de São Paulo criou o Societá Sportiva Palestra Itália, fato que animou os italianos de Minas. Em 2 de janeiro de 1921, houve a reunião de algumas famílias para a fundação de um clube que fizesse frente aos principais times da capital mineira. Nascia, assim, em Belo Horizonte, o Societá Sportiva Palestra Itália, “[...] o uniforme com as cores da bandeira italiana – camisa verde e punhos vermelhos, calções brancos, meias nas cores verde, vermelha e branca. No escudo, em forma de um losango, estavam as iniciais SSPI” (BARRETO, BARRETO, 2000, p.22).

O nome *Cruzeiro* veio tempos depois, com a eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial. Nesse período, o governo brasileiro declarou guerra aos países do Eixo (Itália, Alemanha e Japão). Dessa forma, os descendentes de italianos, alemães, austríacos e suíços residentes em território nacional sofreram perseguições. Em 1942, um Decreto-Lei do governo federal estabelecia a nacionalização dos nomes e o Palestra Itália teve que mudar o seu. Em alusão ao rio às margens do qual foi proclamada a independência do Brasil, o clube passou

⁴² Esta canção foi apresentada ao Estado por meio das companhias líricas e teatrais italianas que chegavam ao Brasil no século XIX e início do século XX. A letra e a melodia da canção italiana *Vieni sul mare* foram adaptadas pelo compositor mineiro José Duda de Moraes, e deu origem ao hino não oficial do estado, *Oh, Minas Gerais!*, que foi gravado em 1942. Para maiores informações, consultar <<http://www.mg.gov.br/governomg/comunidade/governomg/conheca-minas/nossos-simbolos/5146>>.

a se chamar Ypiranga, mas esse nome, segundo a crença da época, não deu sorte, já que a estreia veio com uma derrota. O conselho deliberativo da agremiação elegeu, então, como nome, *Cruzeiro Esporte Clube*, uma homenagem ao principal símbolo do País, a constelação do Cruzeiro do Sul. As cores escolhidas para o clube foram o azul e o branco e, como símbolo, o desenho da constelação dentro de um círculo (BARRETO, BARRETO, 2000; FRANCO JÚNIOR, 2007).

Aspectos apontados que também influenciaram na escolha pelo Cruzeiro, mas não tão mencionados quanto os demais, foram: a boa fase pela qual o time estava passando no momento da escolha, o patrimônio acumulado e a presença de um ídolo.

Tal afirmativa pode ser comprovada nas falas das torcedoras 68, 250, 50 e 76.

“Gosto do Cruzeiro porque é o time mais vencedor em Minas, uai! Mais bem estruturado, tem mais títulos, mais perspectiva de ganhar outros títulos. Incentiva você a continuar seguindo o clube, mesmo com derrotas” (torcedora 68).

“Começou o time do Cruzeiro, que era um timão bom né, um toque de bola muito bonito. Tinha Raul, Piazza, Dirceu, Natal, Tostão... e aí eu comecei a me interessar, foi por isso. E o Raul em particular” (torcedora 250).

“De criança eu sabia a escalação do Cruzeiro. Eu sabia tudo, época de Tostão, Dirceu Lopes...” (torcedora 50).

“O Raul ficou famoso porque ele era... ele era bonito com aquela camisa amarela. Então assim, aí despertou a atenção das pessoas” (torcedora 76).

Na história do Cruzeiro a década de 1960 tem um grande destaque. De acordo com Lima (2004, p.42), ao tratar do futebol mineiro,

[...] ninguém torce por um time perdedor, e as crianças dos fins das décadas de 60 e de 70 aprenderam a torcer pelo vencedor. E o vencedor foi o Cruzeiro, que, após o pentacampeonato de 65 a 69, venceu os certames de 72, 73, 74 e 75, levando o tetra.

Tal década é especial devido aos títulos conquistados, o que forneceu credibilidade e aumento da torcida; a equipe formada, craques que defenderam não só o Cruzeiro, mas também a Seleção Brasileira e outras equipes do cenário nacional são lembrados saudosamente nos dias atuais como exemplos de competência e amor à camisa e à inauguração do Mineirão em 1965, estádio que passaria a ser conhecido, pela torcida cruzeirense, como a segunda casa do Cruzeiro (a primeira era a Toca da Raposa I, seu centro de treinamento). Essa associação com o estádio ocorre entre outros motivos pela estreia do Cruzeiro no recém-inaugurado estádio ter sido vitoriosa, por ter se sagrado campeão mineiro no final do referido ano e por mais cinco anos consecutivos. E por, de acordo com Barreto e Barreto (2000) e Lima (2004), desde a sua inauguração em 1965 nenhum outro time mineiro ter conseguido superar o Cruzeiro em títulos conquistados no Mineirão.

Até aqui se percebe que são fatores que influenciam no torcer pelo Cruzeiro: a família, a descendência italiana e a fase boa pela qual o time estava passando no momento da escolha, bem como o patrimônio acumulado ou a presença de um ídolo.

Esses dados concordam com os achados de Silva (2001), o qual afirmou que, para além da família, da identificação com a origem/história do clube e por vivenciar (na fase da escolha) momentos de sucesso da equipe, outros fatores também contribuem com a escolha de um clube como os vínculos de amizade, residir próximo ao clube ou vivenciar períodos de insucesso da equipe.

Entretanto, para além desses fatores, o relato de algumas torcedoras apontou que, se, por um lado, a família exerce forte influência na escolha de um clube, por outro pode causar repúdio.

“Minha família é toda atleticana, aí eu comecei a ouvir futebol e tal. eu tinha antipatia com aquela família inteira com Atlético, Atlético, Atlético, aí eu não me interessei muito pelo Atlético. Eu me simpatizei com o Cruzeiro. Lá em casa era uma briga. Em dia de Atlético e Cruzeiro era uma guerra, eu tenho um irmão que é assim, doente, então a gente brigava de sair no tapa. Meu pai me respeitava. Inclusive ele comprava flâmula do Cruzeiro, comprava revista Mineirão quando saiu, eu colecionava, é... chaveirinho, essas coisas todas, souvenir do Cruzeiro ele comprava para mim, mas meu irmão não aceitava não. Nossa, era uma briga” (torcedora 250).

Um caso mais dramático pode ser visualizado nas falas da torcedora 19, que, diferentemente da anterior, não conseguiu o apoio e nem o respeito da família.

“Minha família era toda atleticana. Eu era a única cruzeirense. Então eu torcia pelo Cruzeiro e eu tinha adoração pelo Cruzeiro, mas meus pais eram malvados... ignorantes. Meu pai era atleticano doente e minha mãe também doente e tinha raiva de cruzeirense. E tinha implicância comigo, meu pai tinha implicância comigo. Meu pai era alcoólatra, então, quando ele bebia, ele xingava, esbravejava, ele tinha implicância comigo por causa de eu ser cruzeirense querendo que eu fosse atleticana. Um dia ia ter um Cruzeiro e Atlético, isso foi a coisa mais marcante na minha vida, ia ter um Cruzeiro e Atlético, e ele pegou e falou, a gente naquela época não tinha condições financeiras de comprar presentes, então meus pais compravam um pedaço de pano e minha mãe fazia roupa e dava roupa nova pra gente de Natal. Então, no final de ano, teve Cruzeiro e Atlético, ou era no meio do ano, será?... era no meio do ano. Eu me lembro do meu pai falando que eu só ganharia presente se eu torcesse pro Atlético. Mas eu sempre tive um gênio ruim assim, (risos), sempre fui casca de ferida, e falei que eu não torcia. Meu pai falou ‘então você não vai ganhar presente’. E ficou de implicância comigo. E aí ele bebia toda noite e ficava implicando comigo com negócio de Cruzeiro e era aquela coisa... e minha mãe ficava me xingando porque eu tava criando problema dentro de casa por causa de Cruzeiro, mas eu insistia no Cruzeiro, porque eu gostava do Cruzeiro. Na época, chegou no dia de Cruzeiro e Atlético e eu torci foi pro Cruzeiro. Aí meu pai bebeu, eu acho que o Cruzeiro bateu, sei lá, aí meu pai bebeu, chegou em casa e me xingou todinha, e quis me bater, e falou que ele não era meu pai mais, que ele não tinha filha cruzeirense e que a parte de pai que ele tinha minha ele entregava pro diabo, sabe. Aí, como naquela época, a gente tinha muito medo que os pais faziam na gente de assombração, diabo, essas coisas assim, eu nunca tive medo de diabo não, mas a gente era criança e fica assim meio coisa, né, ajoelhei no chão e fiquei calada. Eu lembro que eu chorei tanto. Ajoelhei no chão e falei assim ‘Nossa

Senhora da Conceição, a Senhora que sempre me protegeu, tudo que eu precisei eu peço a Senhora, eu juro para a Senhora pelo resto da minha vida, enquanto eu viva tiver, eu vou torcer pelo Cruzeiro, mas torcer de coração mesmo, em homenagem a Senhora'. Tanto que eu tinha mania de colar Nossa Senhora da Conceição na bandeira do Cruzeiro (risos). E desse dia em diante, minha filha, eu tinha o Cruzeiro no sangue, no coração, na alma, na cabeça e virou doença esse Cruzeiro pra mim. O Cruzeiro virou doença, por causa disso. Foi o fato mais marcante" (torcedora 19).

Ora, sabendo que a família é a responsável por transmitir valores e visões de mundo (Giddens, 1991) e vendo que torcer por um time é carregar um conjunto de códigos que diz sobre quem somos (Damo, 1998), mas que, para se imbuir disso, é preciso confiar, os depoimentos apontam que essas torcedoras tinham o desejo de romper com os princípios que lhes foram apresentados, uma vez que não confiavam nos valores e códigos de suas famílias. Encontram seu acolhimento e acreditaram nos valores atribuídos ao ser cruzeirense.

Conforme foi percebido em todas as entrevistas, a visão das torcedoras sobre a torcida cruzeirense é ser chique, comedida, elitizada, exigente, apaixonada, divertida, fiel, calma, organizada, orgulhosa, alegre, ponderada, educada, respeitosa. Também é vaiar os jogadores e o técnico, ser apática quando o time não está jogando como o esperado, ser ingrata em não reconhecer que, mesmo jogando bem, nem sempre a vitória é possível.

Percebe-se que nessa reunião de características há uma relação dialética entre o ser cruzeirense. Afinal, ao mesmo tempo em que é o conjunto de qualidades que um sujeito pode ter, também é possuir algumas características negativas. Assim, há uma rejeição das torcedoras quando a torcida assume um comportamento que não condiz com a identidade positiva, como visto no exposto abaixo.

"Torcida é junto com o time o tempo inteiro, sabe, depois acabou o jogo, o Cruzeiro perdeu não vamos vaiar, vamos sabe, quem gosta de vaiar que vaie, mas eu acho que a vaia só da moral para o outro time. E tira muito a moral dos nossos. Você joga contra o patrimônio, né. É a mesma coisa de você falar mal de você mesmo" (torcedora 331).

Atribuir valores a um grupo faz parte da construção de sua identidade que está inserida em um processo de produção simbólica e discursiva em oposição ao diferente, isto é, o *outro* (SILVA, 2000). Segundo Beauvoir (1982, p.11), “[...] a alteridade é uma categoria fundamental no pensamento humano. Nenhuma coletividade se define como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si”.

No futebol não é diferente. Cada clube tem o seu *outro*. Assim, torcer por um clube é reforçar ou ganhar certa identidade por oposição a outra (DAMO, 1998; FRANCO JÚNIOR, 2007). Dessa forma, na relação entre as torcedoras e a identidade cruzeirense, o *outro* foi lembrado. Este é constituído na imagem do anticlube, do rival, o Clube Atlético Mineiro⁴³.

Enquanto os valores da identidade são tidos como referência e classificados como positivos, o *outro*, em oposição, é negativo em qualquer circunstância, como demonstra a fala da torcedora 66.

“Eu acho que o torcedor cruzeirense é muito diferente do torcedor atleticano. Tem gente que fala que é um pouco de preconceito, mas não é. Eu acho que independente da classe social, independente da cultura, quando fala de torcedor, eu acho o perfil completamente diferente, sabe? Da pessoa que escolhe torcer pelo Cruzeiro e a pessoa que escolhe torcer para o Atlético. É engraçado, eu sempre tive isso, sabe, quem torce para... quando a gente é criança a gente tem muito disso, né, quem torce para o Atlético é gente tipo assim... desculpa, mas é gente mal educado, sabe. Quando você cresce, vê que não é tanto assim. É o jeito da pessoa torcer. Eu acho que os atleticanos são mais eufóricos, sabe. E os cruzeirenses assim, eles amam o time, apoiam o time, mas são mais tranquilos” (torcedora 66).

O *outro* é taxado pelas torcedoras de lixo; suas cores – preto e branco – são feias e tristes; sua bandeira, mortalha de cobrir caixão; seu centro de treinamento, cemitério de cachorro e seu dirigente, uma diarreia mental (fala das

⁴³Em Belo Horizonte, observa-se uma polarização da população em torno do Cruzeiro ou do Atlético-MG. O outro clube da cidade, o América Futebol Clube, já teve seu período de glórias conquistando o título de Decacampeão Mineiro, no período de 1916-1926, mas infelizmente não conseguiu sustentar seus feitos e, hoje, disputa o campeonato brasileiro série B, além de ter a sua torcida pouco renovada.

torcedoras 66 e 19). A ele é destinado o sentimento de antipatia, de asco. Seus jogadores são desqualificados e seus jogos são tensos, confusos, de forma que muitas torcedoras deixam de ir ao estádio utilizando a camisa do seu Cruzeiro com medo da violência causada pela rivalidade entre as duas equipes, em dias de clássico (fala das torcedoras 215, 112, 250, 50).

Para a torcedora 19, a rivalidade entre Cruzeiro e Atlético se assemelha a oposição binária entre Deus e o Diabo.

“Eles não ganham nada mesmo, porque só vivem endividados, porque a torcida deles é nojenta mesmo, então eu vou ali, na batata. Muita gente fala assim ‘se você não gosta deles, por que você fica falando as coisas deles?’ Falo assim ‘uai, para você saber que Deus é supremo, que Deus é superior, que Deus é o máximo e acima de Deus só tem a coroa Dele de Rei Universal, você tem que estudar que o diabo está abaixo, que o diabo não presta, que o diabo é isso, que o diabo é aquilo. Se eu sou cruzeirense, eu tenho que saber tudo do lado deles, porque a hora que eles vêm conversar fiado eu dou o troco assim na hora, na moeda, ponho eles no lugar deles. Porque se eu não souber nada, eu fico engolindo asneira que eles falam, mas comigo eles não levam vantagem, não” (torcedora 19).

Assim, o *outro* é sobrepujado, sendo que, quanto maior a rivalidade, maior a desqualificação. De acordo com Damo (1998) e Franco Júnior (2007), as maiores rivalidades são entre os times da mesma cidade, principalmente quando há uma polarização do torcer observado via forte apelo esportivo e psicológico causado pelos clássicos.

Entretanto, a torcedora supracitada admitiu que seu ex-marido, atleticano, foi muito bom para ela, pois a ajudou em um momento difícil da sua vida e, por isso casou-se com ele. Tal argumento, contudo, foi colocado em xeque na sequência da fala...

“mas eu acho que o fator principal foi que Deus quis me castigar... minha mãe me rogava praga que eu ia casar com um atleticano. Então eu casei com um atleticano que é para pagar a praga que minha mãe rogava. Eu paguei a praga da minha mãe. Sempre falo isso com todo mundo ‘Olha, eu casei com atleticano para simplesmente pagar a praga que minha mãe me rogava por eu ter causado sofrimento para ela’, mas

Deus me ajudou e Graças a Deus eu tive duas filhas que não gostam do Atlético. A mais nova é mais doente do que eu no Cruzeiro” (torcedora 19).

Há um conflito na situação. Para ela, a existência do *outro* em sua vida é um castigo divino em punição ao sofrimento causado por ela a sua família por ser considerada a *outra* naquele espaço. Tal sentimento e sofrimento ela não deseja reviver com as suas filhas.

Segundo Franco Júnior (2007, p.302), “[...] deseja-se a destruição do rival, mas precisa-se dele para que a existência da própria divindade adotada tenha sentido”.

Em se tratando de divindade, foi percebida durante as falas uma religiosidade muito grande por parte das torcedoras. Isso ocorre pelo fato de o futebol poder ser encarado como uma “[...] manifestação religiosa, mesmo da parte de quem acredita não ter uma religião” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.297).

O fato de o clube ser algo etéreo, indefinível, que não é a sede social, não é o conjunto de dirigentes, não é o grupo de jogadores, não é a multidão imprecisa de torcedores, é ao mesmo tempo tudo isso e muito mais, dificulta talvez a apreensão do inegável caráter religioso dessa realidade (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.260).

Segundo o referido autor, metaforicamente os clubes podem ser comparados aos deuses de antigamente.

Se adaptarmos ao futebol a classificação dos seres proposta no século V a.C. pelo poeta grego Píndaro – deuses, heróis, humanos – os primeiros seriam os clubes, os segundos os jogadores, os terceiros os torcedores (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.261).

Durante as entrevistas, as torcedoras não mencionaram se tinham ou não o hábito de ir à missa, porém três delas afirmaram participar da missa de aniversário do Cruzeiro realizada todo dia 02 de janeiro, na Igreja de São Sebastião ou na Sede Urbana do Clube. No entanto, todas estão religiosamente presentes no

Mineirão em dias de jogos do time principal do Cruzeiro, e algumas ainda acompanham os jogos das divisões de base. Segundo a torcedora 331,

“é um compromisso. É igual uma religião, você tem que ir. Tenho que ir” (torcedora 331).

De acordo com Hobsbawn, citado por Franco Júnior (2007, p.259), o futebol pode ser visto como a “[...] religião laica da classe operária”.

Estudando o futebol enquanto fenômeno sociocultural, as palavras que expressam o ato de apoiar o time são muito importantes, visto que, a partir delas, torna-se possível compreender o significado do futebol para determinado povo.

Levando em consideração que a intensidade do sentimento religioso é pessoal, durante as entrevistas, observou-se que a fé em Deus é muito grande e pôde ser mensurada via o uso recorrente das expressões *Graças a Deus, se Deus quiser, Deus do céu, pelo amor de Deus*, em momento de alegria ou na súplica para que algo de errado não acontecesse com o time.

Tais atos de devoção – a ida à missa e a utilização do nome de Deus – podem estar relacionada à influência da Igreja Católica na educação, principalmente das mulheres, na qual a religiosidade, por meio das preces, orações, festejos comemorativos de santos padroeiros ou do ato litúrgico estavam presentes com o objetivo de formar uma sociedade católica, hierarquizada, antiliberal e antifeminista. Tais mulheres tornar-se-iam mães e, com isso, transmitiriam tais ensinamentos a seus filhos e filhas, de modo que, após um período, os hábitos católicos estivessem formados (MANOEL, 2008).

A tradição católica pode ser percebida por meio da fala da mãe da torcedora 179 que, em dado momento da entrevista, lembrou-se do seguinte fato, sem que houvesse um contexto específico para isso.

“Ela... tinha uma avó que morreu com 98 anos e botava umas velas para queimar quando o Cruzeiro começava a jogar. Ela ia para lá e ajoelhava também, ficava ajoelhada rezando. Ela não sabia nem o quê, mas os pequeninhos iam lá e ajoelhavam todos ao redor dela, os cruzeirenses.

E eles ficavam tudo lá rezando para o Cruzeiro ganhar” (mãe da torcedora 179).

Em dias de jogo, os rituais a serem cumpridos pelas torcedoras são muito vastos e se misturam com as práticas supersticiosas. De acordo com Daólio (2005), no senso comum há uma tendência de classificar certas manifestações como religiosas e como tal dignas de respeito e aceitação e outras como supersticiosas, algo menos valorizado. Essa distinção é fruto da identidade criada entre a religião católica e as outras crenças.

Em suas práticas elas fazem e pagam promessa para que o time ganhe, renunciando a algo de que gostam; algumas usam a mesma roupa todos os jogos (blusa, calça, tênis e até calcinha); outras têm uma rotina especial para o dia do jogo (não comer muito, chegar cedo ao estádio, sentar no mesmo lugar); fazem figa; rezam; convocam todos os santos, enfim... tudo isso para que o time não perca o jogo e nem o campeonato.

“Eu tenho a fé tremenda assim com Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora e as Almas da Corte Celeste. Toda vez que eu vou para o jogo do Cruzeiro ‘ó meu Deus todo poderoso...’ isso é hábito meu, eu olho para cima, tenho umas palmeiras imperial plantadas lá em casa, então, ‘ó meu Deus, todo poderoso, ajuda o Cruzeiro a vencer esse jogo. Nosso Senhor dos Passos guie os passos dos jogadores do Cruzeiro. Nosso Senhor do Bonfim feche o gol do Cruzeiro, não deixe a bola entrar. Nossa Senhora Aparecida do Norte, a torcida do Cruzeiro é a única torcida no mundo que clama pelo Vosso filho, que fala ‘ó meu Pai, eu sou Cruzeiro, meu Pai’, pelo amor de Deus, ajude o Cruzeiro’. Aí eu vou tranquila e, quando volto, já volto pulando de alegria... quando ganha ‘muito obrigada meu Deus! Muito obrigada Nosso Senhor Jesus Cristo!’” (torcedora 19).

Daólio (2005) ainda chama a atenção que o futebol não estimula o pensamento supersticioso, ele simplesmente expressa uma visão de mundo da população brasileira que busca explicações para os fenômenos imprevisíveis que ocorrem durante o jogo. Essa visão de mundo está pautada no senso comum com base nos conceitos de sorte ou azar, destino, milagre etc.

Observa-se que aquilo que foi feito uma vez e deu certo é repetido até o final e, se em algum momento o resultado não for satisfatório, é porque não se realizou da maneira adequada ou com a fé necessária. Segundo Daólio (2005, p.13), “[...] a crença numa tradição ou num hábito se autoconfirma devido a sua eficácia simbólica, e o mecanismo se perpetua”, conforme pode ser exemplificado pela fala abaixo.

“A coisa que eu mais corri risco foi da minha casa queimar. É que na Libertadores de 97, desde o primeiro jogo (dessa vez eu não fiz isso não!), desde o primeiro jogo eu comecei... eu comprava três caixas de vela, dessas velas grandes que queimam 8 horas, e acendi assim: uma vela para o anjo da guarda do Zezé Perrela [presidente do clube], uma vela para o anjo da guarda do Alvimar Perrela [vice presidente], uma vela para o anjo da guarda do Paulo Autuori [técnico], tinha comissão técnica, tinha a formação do Cruzeiro todinha e os jogadores reservas. Eu tinha uma bandeira do Cruzeiro e eu punha dentro de casa na parede e punha uma tábua comprida e punha as velas todas enfileiradas... eu tinha uma folha de jornal com a fotografia do Paulo Autuori, então eu punha ela bem na frente, uma do Zezé Perrela, Alvimar Perrela, aí eu punha as velas todas enfileiradas, durante todos os jogos da Libertadores. Foi dando tudo certo. Quando chegou no dia da final, eu esqueci, menina. Geralmente eu punha cedo para queimar e eu ia para o jogo tranquila, mas no dia da final eu fiquei tão louca, mas tão assim... desesperada para ir para o Mineirão, que eu levantei cedo já pensando naquilo que eu custei a lembrar que tinha que acender as velas. Quando eu lembrei já era mais tarde, então eu fui lá e acendi as velas todinhas, bandeira e pus tudo lá em ordem e acendi as velas. E nesse dia eu peguei uma tábua mais velha, dessas tábuas assim já meio acabadas, já velhas, pensei assim ‘vou pegá-la e vou queimar ela logo’. Pus aquela tábua comprida e acendi as velas todinhas, aí eu esqueci e fui para o Mineirão. O jogo era tarde e eu fui mais cedo. Eu fui acho que umas cinco horas antes do jogo. E esqueci-me das velas dentro de casa. E as velas ficaram queimando lá. Aí o jogo começou e tudo e naquele desespero e eu estou rezando para tudo enquanto é Santo, porque eu tenho mania de todo jogo do Cruzeiro eu pego um copo plástico, desses que o povo bebe refrigerante, e eu começo a rasgá-lo todo, rasgo e torço, aí quando os jogadores do Cruzeiro estão com a bola eu falo ‘Nosso Senhor dos Passos, Nosso Senhor dos Passos vai junto’, aí quando é a jogada contra o Cruzeiro eu falo ‘Nosso Senhor do Bonfim, Nosso Senhor do Bonfim fecha o gol do Cruzeiro...’ O jogo estava difícil, eu falei assim ‘Nossa Senhora ajuda o Cruzeiro a marcar o gol pelo amor que vos tem a Deus Pai todo poderoso e a Jesus Cristo, vosso filho, ajuda o Cruzeiro a marcar um gol para vencer esse jogo que eu prometo acender a vela’, quando eu falei ‘vela’ eu me lembrei das

velas... Aí o jogo acabou para mim. E eu falei 'Nossa Senhora, eu larguei as velas todas acesas em casa!...' (risos). Se aquilo pegar fogo... se ventar e o fogo bater na bandeira, minha casa vai queimar! Mas Deus ajudou, menina. Eu não tive mais tranquilidade para ver o jogo. Quando o jogo acabou, eu vim correndo igualzinho doida fui igual doida para casa. A vela já estava baixinha... aquele toquinho... Aí dessa vez [na Libertadores de 2009] eu falei 'dessa vez eu não vou acender vela, não'. Até comprei algumas velas, mas falei 'não, eu confio em Deus e o Cruzeiro vai ganhar'" (torcedora 19).

Como visto, há uma fé muito grande dessa torcedora em Deus e incorporada nos jogadores do Cruzeiro, os heróis. De acordo com Franco Júnior (2007), são eles que mantêm o elo entre o clube e os/as torcedores/as. No entanto, os heróis são passageiros, a entidade clubística não. Muda-se de religião, de país, de cônjuge, de opinião, mas dificilmente muda-se o clube pelo qual se tem admiração. Dessa forma, a reverência principal é feita ao clube, já que os sentimentos em relação a ele, no geral, não se modificam.

Por meio das falas, verificou-se que o principal sentimento atribuído pelas torcedoras ao fato de torcerem pelo Cruzeiro é a paixão. Algumas complementaram justificando que era um ardor que resulta em emoção, amor, arrepio, felicidade, fidelidade, vontade de estar viva, energia, abrir mão de outros compromissos. Algo que não pode ser explicado, apenas sentido e vivido.

"Eu deixo de ir a qualquer lugar. Deixo de ir a festas, às vezes tem festa, os aniversários dos meus sobrinhos, eu não vou. Eles já até ficaram com raiva de mim quando eles eram pequenos que não ia para eu ir ao Mineirão. Já deixei de ir à reunião na casa deles para ir ao jogo... Eles são cruzeirenses, mas agora que eles estão vendo que eu estou ficando, que eu estou ficando cada vez mais fanática que eu deixo tudo... para ir lá pro jogo. Pra mim é só o Cruzeiro, né. Para ver o Cruzeiro, eu deixo tudo" (torcedora 76).

A adoração pelo Cruzeiro é tão grande que a torcedora 378 recusou-se a mudar de cidade para não ficar longe de seu time.

"Ah, é uma paixão, Nossa Senhora. Acho que não consigo é... assim... não sei... Uma vez nós estivemos pensando em mudar de Belo

Horizonte e o que mais me preocupava era eu mudar daqui e não poder ir ao Mineirão, não poder acompanhar o Cruzeiro, porque a gente tava pensando em mudar para Campestre, cidadezinha perto de Ubá, um município. E lá não consegue pegar a Itatiaia de jeito nenhum. Eu ficava indo aos pastos, morros aí pegava, falhava sabe. 'Ai, meu Deus, se vier morar aqui como é que vou ouvir o jogo do Cruzeiro?'. Para ir lá a Belo Horizonte vai ficar difícil que são 380 Km. Falei 'ah não'. E eu ficava preocupada só com isso, sabe. Torcer pelo Cruzeiro é bom demais" (torcedora 378).

Outro sentimento envolvido é o vínculo afetivo com os entes queridos que ainda estão vivos, mas também a lembrança dos ausentes, como é o caso da torcedora 66 que remete o torcer pelo Cruzeiro à imagem do seu avô.

"Meu avô faleceu tem quatro anos. [emocionada, com os olhos cheios de lágrimas] É... quando eu comecei a ir ao Mineirão, meu avô deu um radinho pra gente, pra mim e pro meu marido, que era pra gente ficar escutando os jogos. E a gente sempre levava o radinho pro Mineirão. Só que infelizmente, numa dessas idas ao Mineirão, o radinho sumiu. E sempre quando a gente vai, a gente lembra dele, sabe. Então... assim, é, é muito gostoso, sabe? Para mim, o Cruzeiro eu lembro do meu avô, sabe? O Mineirão... essas coisas eu lembro dele" (torcedora 66).

De acordo com Silva (2001), o futebol se sustenta pela paixão do torcedor e pelos vínculos de pertencimento e de solidariedade que são formados. Entretanto, ele demonstra uma grande preocupação que esse vínculo, esse pertencimento, seja maculado por uma nova lógica que vem sendo adotada no universo do futebol. Segundo esse autor, a mídia, os dirigentes esportivos, os gestores públicos e algumas medidas advindas da lógica neoliberal tendem a igualar o torcedor a um consumidor do espetáculo futebolístico, o que pode trazer prejuízos a esse fenômeno cultural.

Com essa lógica, corre-se o risco de os torcedores e de as torcedoras não se reconhecerem enquanto tal, simplesmente espectadores, conforme a classificação de Reis (1998), apresentada anteriormente.

Ser torcedor ou torcedora de um clube é reconhecer e respeitar as suas cores, o seu hino, o seu escudo e o seu totem (FRANCO JÚNIOR, 2007). Em

algumas falas durante as entrevistas, alguns desses elementos estiveram presentes e são motivos de orgulho.

Um desses elementos foi a cor. De acordo com a história do Cruzeiro, a cor azul simboliza o céu. Entretanto, as torcedoras vão além dessa associação, agregando outros valores a essa cor.

“Olha, o céu é azul, a beleza do céu quando ele está azul; o centro do sol é azul [e minha filha diz] ‘não é. O centro do sol é uma bola de fogo e é vermelho’. E eu falo ‘é que você não consegue olhar para o sol. Quando você olha para ele assim, aquela bola central dele é azul’. A água quando está cristalina no mar é azul... Tudo é azul, minha filha, tudo é da cor da camisa do Cruzeiro. Ela fala que é fanatismo. Mas é o que tem de mais bonito” (torcedora 19).

Outro elemento citado foi o totem. De acordo com o referido autor, totem é “[...] a representação de animal considerado ancestral do grupo” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.220), ele fornece uma referência de identificação e pertencimento ao grupo, permeado por elevado valor simbólico.

O Cruzeiro tem como totem a raposa. A escolha do animal foi feita pelo chargista Fernando Pieruccetti, no ano de 1945, que se inspirou no presidente do clube, Mário Grosso, conhecido por sua esperteza e astúcia no comando dos negócios do clube. Durante algumas entrevistas, o Raposão, personificação do mascote do clube, foi lembrado. Ele é uma personalidade presente no estádio e na agenda social do Cruzeiro e faz a alegria da torcida.

“E o azul é mais alegre e, assim, criança gosta mais dessas coisas. Eu acho que a gente ficava assim encantada, sabe? Com o uniforme... com o Raposão, sabe. Com essas coisas assim que encantam” (torcedora 66).

Por fim, os títulos e o patrimônio também foram lembrados. Uma das torcedoras lamentou o fato de o Cruzeiro não mais contar com um estádio próprio que, dentro de toda a simbologia propiciada pelo futebol, representa a sua casa, o

seu território, e solidifica os laços identitários (SILVA, 2001; FRANCO JÚNIOR, 2007).

Como visto na história do futebol em Belo Horizonte, à medida que os clubes se consolidavam, transformavam os seus *grounds* em estádios (LIMA, 2004; RIBEIRO, 2007). Com o Cruzeiro não foi diferente. Na década de 1940, o *ground* do bairro Barro Preto transformou-se em um estádio moderno para a época, com arquibancadas de cimento para 10 mil pessoas, vestiários, sistema de drenagem do gramado, tribuna de honra, tribuna de imprensa e túnel para a entrada/saída dos jogadores sem interferência do público. O Estádio Juscelino Kubitschek, nome do cruzeirense e então prefeito de Belo Horizonte, tinha, além do campo de futebol, uma praça de esportes e foi inaugurado em 1945. Na solenidade de inauguração, o presidente do Cruzeiro, Mário Grosso, afirmou que tal feito era a realização de um sonho: “[...] dar ao Cruzeiro um estádio compatível com as suas tradições e com o que será para o futuro. Foi a sua melhor e maior vitória até agora conquistada” (BARRETO, BARRETO, 2000, p.78). Em 1953, começou a construção da Sede Urbana do Cruzeiro, situada junto ao estádio. Com ela, poderia aumentar a quantidade de associados do clube (de 200 para 2 mil sócios), o que geraria uma maior arrecadação e, por consequência, o fortalecimento do futebol. A Sede Social do Barro Preto foi inaugurada em 1954 (BARRETO, BARRETO, 2000).

Com o desenvolvimento do futebol na capital e a iminência da Copa do Mundo de 1950, foi construído o Estádio Independência e, tempos depois, em 1965, foi inaugurado o Mineirão. Com isso, o Estádio Juscelino Kubitschek foi perdendo espaço no cenário futebolístico da capital, tornado-se anacrônico. Assim, junto com a Sede Urbana, foi se transformando em um parque esportivo com piscinas, quadras, salão de festas visando o lazer dos associados e das associadas.

Desse modo, a identidade cruzeirense passou a ser relacionada com o Mineirão, depois de seu advento, devido aos motivos já explicados anteriormente. Com esse estádio, os vínculos identitários das torcedoras são tensos e intensos,

apresentando algumas contradições. Ao mesmo tempo em que há o prazer de ir ao estádio e estar nele, devido a sua beleza, a sua modernidade e o seu entorno, há um receio desse ambiente devido à insegurança e ao desrespeito e às más condições de higiene, principalmente dos banheiros, conforme será discutido no subitem seguinte.

4.2 A relação com o Mineirão

“Nos gramados de Minas Gerais, temos páginas heróicas, imortais. Cruzeiro, Cruzeiro querido, tão combatido, jamais vencido”⁴⁴.

Experiências boas e más marcam a trajetória dessas torcedoras no instante da estreia do Mineirão. Algumas não tiveram um bom *début*, como, por exemplo, a torcedora 66 que teve a sua iniciação no estádio, quando criança, por meio do seu tio atleticano que a levou para a torcida do arquirival do Cruzeiro e, além disso, obrigou-a a vestir a camisa do Atlético-MG para não revelar a sua identidade cruzeirense, como apontado em sua fala.

“Foi uma experiência péssima Eu sempre cruzeirense né, e era louca para ir ao Mineirão e, nessa época, quando eu fui à primeira vez, eu não morava em Belo Horizonte, morava em Nova União. Meu tio que é atleticano falou assim ‘se você quiser ir ao Mineirão eu te levo’. E era um jogo... era o Atlético e um outro time que não me lembro qual e tava tendo um jogo do Cruzeiro fora de Minas. E durante o jogo eles estavam transmitindo os gols do Cruzeiro pelo radinho. Fomos eu e minha irmã no jogo do Atlético conhecer o Mineirão que a gente não conhecia. E aí a gente teve que, eles deram a gente aquelas camisas do Galo e custamos a vestir, que a gente odiava e não queria vestir de jeito nenhum. E aí fomos para o Mineirão, eu e minha irmã. E aí teve uma hora que o Galo fez um gol e aí todo mundo ‘êêê!!!’ gritando e nós duas lá paradas de braços cruzados (risos) e com aquela cara de... uma olhando pra outra assim... Aí teve uma hora que eles anunciaram que o Cruzeiro tinha feito um gol e a gente ficou toda feliz (risos). E toda vez

⁴⁴ Trecho do hino do Cruzeiro.

que o Galo fazia um gol a gente ficava lá murchinha. E... quando o outro time fazia gol, que tava jogando com o Galo, a gente ficava eufórica, né. E tinham umas meninas na nossa frente que estavam comentando e a gente ouvindo 'essas meninas são cruzeirenses! Não são atleticanas' e toda hora que o Galo fazia um gol ou que o outro time fazia elas ficavam olhando pra gente para ver a reação que a gente ia ter. Aí o meu tio está assim 'nós vamos ter que sair daqui. Vocês duas não sabem comportar!'" (voluntária 66).

Nessa fala há a identificação de uma tentativa de cooptação do tio no esforço de que ela mudasse de time. Além disso, o não saber se comportar no estádio em meio a um jogo do Atlético-MG era ter os códigos do ser cruzeirense, isto é, vibrar com os gols do Cruzeiro e torcer para que o rival perdesse. Essa mesma torcedora afirmou que, embora achasse o Mineirão bonito, só passou a gostar do estádio quando ali foi pela primeira vez com o seu marido, que também é cruzeirense.

"Chegou lá, tava lotado o estádio! E... foi uma das primeiras vezes assim que eu vi o pessoal fazendo uma 'ola'. Aí eles fizeram, na hora que eles fizeram, nossa! Eu arrepiei. Eu falei 'nó, eu não quero sair daqui nunca mais'" (torcedora 66).

Já a torcedora 177 foi a primeira vez ao Mineirão quando tinha seis ou sete anos de idade e presenciou um grande tumulto na bilheteria do estádio no qual o seu tio estava envolvido.

"Menina, foi assim... foi triste. Porque nossa.... eu não me recordo direito. Não sei se foi com o Atlético mesmo, não me lembro. Mas ele [tio] enfrentou fila para comprar ingresso e eu fiquei para fora da bilheteria. Ele tava demorando, demorando e quando eu vi eles vieram jogando ele, passando ele por cima. Menina, eu fiquei em pânico, eu falava 'eu quero ir embora, eu não quero ficar aqui. Eles vão te matar, vão me matar', e ele falava 'calma, calma'. E aí depois que nós conseguimos entrar eu falei 'nossa gente, que alívio'. Nunca esqueci essa cena. E ele era alto, bem alto, forte, minha filha, e o pessoal jogando ele pra cima porque estava lotado, mas lotado" (torcedora 177).

Além dessas, há as torcedoras 68, 73 e 215 que não se lembraram de como foi esse momento, tendo apenas vaga lembrança.

Entretanto, outras torcedoras guardam boas recordações de suas estreias. A torcedora 250 relatou ter sido a realização de um sonho.

“O dia exato eu não sei não, mas sei o ano que foi em 1971. Eu era louca pra ir ao Mineirão, eu morava em Valadares e não tinha como ir, mas eu era assim... eu ficava imaginando como seria estar no Mineirão sabe, eu até sonhava... [quando eu fui] nossa, parecia uma coisa assim... parecia um outro mundo pra mim. Então eu assim, nossa eu fiquei louca com o Mineirão, achei aquela coisa assim... ah eu nem sei sabe, deixa eu pensar pra te dar uma ideia. Quando você sonha muito com uma coisa, vamos supor, casamento, fica imaginado ‘ah, meu vestido vai ser assim, a festa não sei o quê e tal não sei o que lá’, aí quando chega você está vivendo aquilo ali e você está entrando na igreja, você fica assim... ‘nossa mas é verdade mesmo que eu estou fazendo isso’... foi mais ou menos isso minha ida ao Mineirão pra ver o Cruzeiro” (torcedora 250).

Outra lembrança positiva da estreia no estádio foi a da torcedora 179 que, quando criança, entrava em campo junto com os jogadores na função de mascote. Ela conta que foi uma experiência muito boa, achava o Mineirão muito grande e gostava de, quando estava no gramado junto com o time, ficar olhando para a arquibancada procurando o seu pai.

“Eu lembro que eu achava tudo grande. Eu chegava lá e era tudo grande. Eu não lembro, se você me perguntar o nome de quem jogou, eu não lembro, não. Eu lembro que eu achava tudo muito grande, achava muito legal, eu ficava procurando meu pai na arquibancada, porque ele não entra, né, eu olhava assim, olhava para cima, era tudo grande e eu achava legal. Era muito bom [ser mascote], porque, além de entrar e de ficar muito emocionada, você olhava assim aquela imensidão do Mineirão. Eu achava... nossa! Era uma das melhores coisas que eu gostava de fazer. Até hoje eu gosto de ir lá. Mas era muito bom e antigamente iam menos meninos, agora está muito mais. Eu fico lá assim ‘nossa, que vontade de entrar de novo’. É muito bom, muito legal” (torcedora 179).

Vestir o uniforme do time e poder entrar em campo junto com os jogadores é o sonho de muitas crianças torcedoras do Cruzeiro. Essa oportunidade é muito

válida, pois contribui para que o sentimento de pertencimento e de identidade com o clube e com os ídolos se forme e se intensifique.

Algo comumente narrado entre as torcedoras que têm filhos ou filhas é que a ida ao estádio não foi um processo contínuo entre a primeira vez até os dias atuais, devido ao casamento e à maternidade. Elas relataram que foi apenas quando seus filhos e suas filhas cresceram que elas voltaram a frequentar o estádio, já que não tinham com quem deixá-los, como exemplificado na fala abaixo.

“Teve uma época que eu tive que parar. Porque eu tive três filhos seguidos, né. Aí, ficava meio difícil para ir, por causa das meninas pequenas. Meu marido ficava muito preocupado de levar. Aí, na hora em que elas foram ficando maiorzinhas, eu comecei a trazê-las comigo, né. Aí, já ficou melhor. Aí, já vinha comigo... Depois elas foram ficando adolescentes não quiseram vir mais. A minha caçula foi mascote do Cruzeiro” (torcedora 378).

Como visto anteriormente, a maternidade, os cuidados com a família e com a casa foram associados ao papel social da mulher e, mesmo tendo acesso ao espaço público, à educação e ao mercado de trabalho, a dupla jornada ainda lhe é colocada, o que limita o seu tempo disponível para o lazer. Entretanto, mesmo aquelas que só têm o trabalho doméstico, também contam com o seu tempo disponível para o lazer limitado. De acordo com os dados apontados pelo estudo de Goellner (2009) que tem por objetivo analisar a adesão e a permanência de homens e mulheres nas atividades de lazer, adotando como eixo as relações de gênero, as tarefas referentes aos cuidados domésticos exigem muita demanda, portanto, não sobra tempo para as mulheres cuidarem de si mesmas. Assim, há uma necessidade de abrir mão do seu tempo de lazer ou então reorientá-lo para as atividades feitas com a própria família no espaço doméstico: assistir a televisão, dormir, levar o(a) filho(a) para passear.

Ir ao estádio para muitas mulheres e, em particular, para as torcedoras entrevistadas, é um referencial de lazer. Muitas consideram o Mineirão um local

bonito e imponente pela sua arquitetura e pelo local da cidade onde está situado: a região da Pampulha.

“Eu sempre fui encantada com ele [Mineirão]. Eu acho assim, o máximo, principalmente quando a gente vinha. Era muito engraçado quando eu era criança, a gente sempre tinha aquelas excursões assim, que a gente vinha lá de onde eu estava morando para cá pra ir ao parque, ao zoológico e tal. E a gente sempre pedia para passar perto do Mineirão para a gente ver. A gente ficava encantada assim com o Mineirão. Aquele trem grandão... então era assim... tudo de bom. Eu achava lindo” (torcedora 66).

A torcedora 19 considera-o mais bonito do que o Maracanã.

“Eu acho o Mineirão muito bonito, bonito mesmo. Eu gosto demais do Mineirão, porque eu, por exemplo, eu acho o Mineirão mais bonito do que o Maracanã, antes da reforma, porque depois da reforma eu não fui lá mais. Mas eu acho o Mineirão mais bonito do que o Maracanã. Eu tive no Maracanã e não gostei do Maracanã, não. Eu não sei outros estádios, mas pelo menos o Maracanã que tem mais fama, eu achei o Mineirão mais bonito do que o Maracanã. Eu o acho confortável também” (torcedora 19).

Há relatos de que, desde quando o projeto para a construção do Mineirão foi aprovado, há comparações entre os dois estádios, sendo que a crônica esportiva nacional da década de 1960 considerava como qualidade do estádio carioca o seu tamanho, enquanto o estádio mineiro era valorizado pela sua modernidade e eficiência (SANTOS, 2005).

Conforme apontado nas entrevistas, para as torcedoras, o estádio representa um local para desestressar, relaxar, vibrar e expressar o seu amor ao time. Apenas a torcedora 66 alegou que, no início, ia para agradar o marido, pois sabia que ele gostava de tê-la como parceira nesses momentos. Entretanto, foi tomando gosto pelo estádio e hoje vai porque sente prazer em estar lá.

De acordo com Elias (1992), no dia a dia as pessoas, sob a ótica do trabalho, são submetidas ao controle de suas emoções e à impessoalidade das

relações. Contudo, no estádio de futebol, durante o momento de lazer, é permitido que haja a fruição dessas emoções, o que gera excitação, prazer, alívio e catarse.

Desse modo, muitas torcedoras cantam, pulam e... falam palavrão. Fato que chamou a atenção durante as entrevistas foi que muitas das que assumiram falar palavrão no estádio não conseguiram reproduzir os cânticos e nem os xingamentos, durante as falas em um contexto fora do Mineirão.

Como dito por Daólio (1997) e Pimenta (1997), o estádio de futebol tornou-se um espaço de permissividade para certo tipo de violência simbólica. Com isso, algumas atitudes reprováveis dentro da sociedade são admitidas nesse espaço, como, por exemplo, o uso de palavrão pelas mulheres. Algumas entrevistadas, por sofrerem com o constrangimento simbólico ou com o peso na consciência, preferem não manifestá-los, mas a maioria se sente livre no Mineirão para expressar a sua revolta com o juiz, com os jogadores e com própria torcida. Em meio à multidão, o anonimato é o principal conforto para o uso dos palavrões, conforme mostram os seguintes trechos.

“Eu acho bacana [ir ao estádio], é um jeito de dar uma desestressada. De falar palavrão, porque mulher não pode falar palavrão que é feio. Eles falam, a sociedade não deixa a gente ficar falando palavrão. E lá a gente pode falar (risos). Que ninguém vai ficar olhando pro’cê ‘nossa, você está falando palavrão’. (risos) Lá você pode dar uma desestressada assim. Tem até uma situação que é muito engraçada, que eu comecei a ir no Mineirão e tem aquelas partes assim quando o juiz faz alguma coisa que o povo começa, né, ‘ei, juiz, tã...’ e falando palavrão, né. E aí eu comecei, estava lá cantando toda empolgada e tal e xingando o juiz, aí estou lá, ‘p..., não sei o quê’, aí tinham umas mulheres assim na frente, elas viraram e começaram a me olhar com aquele olhar de recriminação, tipo ‘nossa, que coisa feia, ela está falando palavrão’. Aí o meu marido parou e começou a olhar para mim e eu falando toda empolgada. Aí, sabe quando assim, você... parece que cai a ficha do que está acontecendo. Eu estava meio fora de órbita, toda empolgada. Aí eu fui, parei e percebi que as mulheres estavam me olhando... Aí eu falei assim ‘agora eu não posso parar (risos), porque se eu parar, elas vão perceber que era porque elas estavam me olhando, né’. Eu continuei e meu marido está assim ‘você não tem jeito não, você não tem vergonha na cara não’. Aí eu falei assim ‘não uai, vou parar só porque elas estão me olhando?’” (torcedora 66).

É porque eu acho que lá é um local assim... parece que você é anônima mesmo né, não tem muita gente te policiando. Aliás, tem, porque os de cima ficam olhando assim. Um dia um menininho olhou pra mim, ele não olhava para o jogo não, ele ficava assim, eu sentia que ele ficava quase quebrando o pescoço, aí eu olhei pra trás, fiz assim pra ele, ele assustou comigo porque... Parece que eu sou doida sabe! Eu falo muito alto, eu xingo e tal. Então, eu falo 'joga essa bola, olha o Jonathan sozinho, joga a bola lá, mas que m.' sabe? É. Então eu falo 'ó meu Deus do céu para quê que você foi perder essa bola, mas não é possível e tal'. Eu xingo muito. Então, quer dizer, tem 1.000 pessoas que me olham, mas eu não tenho vínculo com ninguém, não tenho sabe, que me preocupar. Eu acho que é por isso mais que eu vou... porque aqui em casa eles me policiam... Nossa Senhora!... Mas eu não estou nem aí não, eu já deixei jogo aqui e fui assistir sozinha né, porque eu não podia torcer da maneira que eu queria. Eu não sento, eu fico em pé, eu levanto, eu ando, eu dou tapa na televisão, dou tapa na parede, eu vou à cozinha, bebo água, fico parecendo uma doida, aí começam a me encher muito. Eu falo... 'olha, quer saber de uma coisa, eu não posso torcer do meu jeito, vocês torcem sozinho, vocês ficam então sozinhos assistindo', aí eu saio... deve ser por isso que eu vou pro Mineirão, porque lá ninguém me policia nem me xinga. Eu sou apenas uma qualquer lá, ninguém ta nem aí pra mim..." (torcedora 250).

O anonimato da torcida é que faz com que as mulheres tomem coragem para a realização de um ato reprovável socialmente. Dentro do estádio elas não são reconhecidas como indivíduo que tem uma série de documentos e obrigações, mas, sim, como o grupo de torcedoras do Cruzeiro, bem como toda a população presente no Mineirão.

Algumas não vão sozinhas vivenciar esse momento de lazer, pois nunca foi preciso ir só, já que sempre arrumam companhia, como narrado pelas torcedoras 66, 68 e 250.

Outras já foram sozinhas e continuam indo se for preciso, mas preferem ir acompanhadas, pois sentem falta de ter alguém próximo para abraçar na hora do gol ou para conversar durante o trajeto estádio-casa.

"Foi ótimo, porque eu sei que não preciso... não dependo de ninguém para ir ao Mineirão. Porque se eu ficar naquela e a pessoa falar assim 'hoje eu não posso ir' eu não vou porque fulano não pode ir? Não. Então foi ótimo, porque não tinha ninguém pra ir comigo e eu falei com meu marido 'oh bem, vamos ao jogo?', 'que é isso, que não sei o quê' e ele

falou algumas bobagens e eu peguei o carro e fui, sabe. Então assim, eu me diverti do mesmo jeito, pulei na hora dos gols, normalmente. Só faltou gente pra eu abraçar, porque, quando faz o gol e você está com, igual eu estou com as meninas, é abraço e abraço e beijo e tal. Então só faltou pessoa pra me abraçar assim, mas.... foi tudo bem. Foi uma experiência boa” (torcedora 137).

Já as que têm como opção ir sozinhas para o estádio revelam que não vêem problema algum nessa prática.

“A maioria das vezes que eu vou para o Mineirão, à noite, eu vou sozinha. Eu saio do meu serviço, termina às 18 horas lá na Praça Sete. Eu pego o especial e vou sozinha para o Mineirão. Porque a minha filha trabalha até as 19 horas, então não dá para ela assistir aos jogos. E muitas vezes eu encontro com as meninas lá. Cada uma sai do seu serviço e vai para lá, aí a gente encontra lá, entendeu?” (torcedora 112)

“Eu não ligo não. É bom demais! você sair com... com outras pessoas é... As pessoas ficam ansiosas, querem vir embora, sair antes do horário. Eu não tenho pressa. Eu saio para ir ao Mineirão sem pressa. Não tenho pressa de voltar. Quando o Cruzeiro foi campeão da Libertadores em 97, cheguei em casa e estava amanhecendo. Eu e I., sozinhas. Aí um saltando foguete. O povo festejando na porta do Mineirão. E eu ir embora? Não fiquei lá, ué! Fiquei... você vai com os outros tem problema de horário, a pessoa quer voltar, então não gosto de nada que me prende, nada. É minha liberdade de... tudo. E também não tem quem vem. Só eu. O F. não vem sempre. Ele veio em todos os jogos da Libertadores e no campeonato brasileiro ele veio nos dois jogos só, então venho sozinha mesmo” (torcedora 378).

“Agora eu não dependo das pessoas para ir não, eu vou só. Se não tem companhia, eu vou só, vou com amigos, amigas, mas a maioria das vezes eu vou só. Já fiz amizade no Mineirão, já conheço o pessoal, já tenho um lugarzinho lá marcado, aí... Aí agora hoje eu vou só. A maioria das vezes, mas costuma meu sobrinho ir, mas a maioria das vezes vou sozinha. É como você ir para sua casa sozinha. Vou de carro, guardo no estacionamento, tudo certinho, quando o carro não tem, eu vou de ônibus e volto de táxi. Eu só não posso deixar de ir. Não importa como, eu tenho que ir. Se o Cruzeiro estiver jogando, eu tenho que ir” (torcedora 331).

Retornando a Giddens (1991), na sociedade moderna, as relações de intimidade foram se transformando e, com isso, outros sistemas de confiança

foram se desenvolvendo. As relações pessoais passam a não envolver somente os laços de família, mas também os de sociabilidade, reforçados pela lealdade e autenticidade de um grupo. Esses fatores contribuem para a construção dos laços de confiança dos indivíduos desse grupo, já que esta requer a abertura de um indivíduo para o outro, em um contínuo processo mútuo de autorrevelação. Assim, como essas torcedoras possuem grupos de amigadas em determinado pedaço do estádio, ir sozinha não significa estar só. Além disso, a frequência das idas faz com esses laços identitários sejam reforçados e os riscos locais conhecidos, o que confere maior segurança.

Nesse espaço de lazer, o estádio de futebol, embora as entrevistadas tenham como hábito estar ali em dias de jogos do Cruzeiro, reconhecem que o Mineirão apresenta alguns problemas e também que há um ônus por terem essa opção de lazer, de tal forma esses fatores influenciam na relação das torcedoras com o estádio.

Todas as entrevistadas foram unânimes ao considerar a falta de higiene e de cuidados dos banheiros um dos principais problemas existentes no Mineirão, com a ressalva de que antigamente era pior. Entretanto, duas argumentaram que não adianta investir em conforto do banheiro se o público frequentador do estádio não o conservar.

Há 30 anos a Administração do Estádio Minas Gerais publicou um relatório informando sobre suas atividades anuais e constava a execução de melhorias nos sanitários, por meio da troca das peças estragadas ou danificadas por “[...] torcedores que ainda não entenderam que o conforto colocado à sua disposição visa ao seu próprio bem” (ADMINISTRAÇÃO DO ESTÁDIO MINAS GERAIS, 1979, p.8). Ainda hoje, agora por parte das torcedoras, o pedido de mais educação das frequentadoras do banheiro do estádio se mantém, não conseguindo fazer com que algo de uso comum seja preservado.

Segundo as entrevistadas, os bares também carecem de maior higiene. Algumas chegaram a declarar que têm nojo dos produtos vendidos ali, por não saberem como são feitos e conservados. Algumas consideram os alimentos de

baixa qualidade, outras falam que deveria haver mais opção além do (tradicional) tropeiro ou sanduíche de filé. Por fim, também concordaram que os preços são abusivos em relação ao serviço oferecido. Contraditoriamente, porém, algumas consomem os produtos vendidos no estádio.

“A comida eu não gosto, eu acho que os restaurantes deviam melhorar, vai ter a Copa do Mundo... Eu fui pedir um sanduíche lá de pernil e só tinha gordura, sabe. Eu acho que tem que melhorar esse negócio da comida” (torcedora 179).

“A alimentação assim, eu acho que as coisas são muito gostosas, mas são muito caras. É... você vê assim... não só as pessoas é... porque na parte da cadeira central, por exemplo, tem as pessoas de várias classes, e você vê as pessoas reclamando. Na parte da cadeira especial você também vê todo mundo reclamando que é muito caro. Imagina você pagar 2,00 reais numa água? Num copico assim de água? Eu acho o fim da picada, sabe? Mas eu toda vez que eu vou ao Mineirão eu tenho que tomar o meu picolé de coco e comer o tropeiro. Não tem jeito!” (torcedora 66).

Um acontecimento que dividiu a opinião das entrevistadas foi a suspensão da venda de bebidas alcoólicas dentro do estádio desde 2007. Uma das torcedoras, consumidora da cerveja, não gostou de tal medida, mas se organiza para poder bebê-la antes do início do jogo, nos arredores do estádio. O incômodo foi devido à suspensão de um prazer. Outra achou essa medida ótima.

“Antes, quando tinha cerveja, o Mineirão fazia até nojo aquela quantidade de homem que bebia muita cerveja e depois urinava nas beiradas de parede, nos corredores, nas escadas. Era aquele mau cheiro e também, falta de moral, né, falta de respeito e tudo. Então adorei de cortar a cerveja, melhorou demais da conta. Sou contra a cerveja dentro do estádio. Uma vez eu tinha que ir com a minha filha a um coquetel e tinha um jogo também. Então, eu fui para o Mineirão arrumada. Só levei a camisa para vestir por cima, para assistir o jogo e depois vir, tinha arrumado o meu cabelo e tudo. Quando eu vi, os caras mandaram um copo cheio de urina em mim, minha filha. Esse dia eu fiquei com muita raiva, aquele trem fedorento, aquele fedor de urina, eu tive que ir em casa tomar banho e trocar de roupa e tudo. E ir com o cabelo atrapalhado, preendi o meu cabelo, fiz um coque de cabelo molhado. E também, um cado de briga acabou” (torcedora 19).

De fato a proibição das bebidas alcoólicas em alguns estádios contribuiu para uma diminuição da violência nesse local (REIS, 2006; CAMPOS et al., 2008) e para uma melhor imagem do estádio perante a sociedade.

Algumas entrevistadas não gostaram das cadeiras colocadas em todo o anel superior do estádio. Segundo elas, além de limitar a comemoração do gol, machuca as pernas.

“Não gostei muito das cadeiras, porque eu já me machuquei lá, sabe? Tenho até um machucado na perna, tem um ano e pouco. O Cruzeiro fez um gol e o pessoal lá de cima veio. E nisso eu caí para trás sentada e o moço veio e caiu em cima da minha perna e a prensou, porque, quando era a arquibancada, eu acho que tinha mais espaço, a gente ficava mais confortável. Porque cadeira só serve para subir, ninguém senta, né” (torcedora 177).

“Eu gosto de ir é na arquibancada! Não vem com cadeira numerada, esse negócio para mim não, porque eu não gosto.

E como é que você está fazendo hoje, já que na arquibancada também tem cadeira?

Sim, mas eu digo arquibancada é o público, entendeu. Aquele pessoal que ia em pé, vibrava e que hoje está sentado entre aspas, porque ninguém assiste jogo assentado. Você só fica assentada até começar o jogo e depois no intervalo. O resto é em pé” (torcedora 73).

Outras associam o uso da cadeira à perda da rede de socialização, porque, junto com as cadeiras, veio a setorização do Mineirão e, como consequência, preços diferenciados para cada setor do estádio, o que deslocou o fluxo de torcedores e torcedoras reconfigurando os grupos.

“Eu gostei demais de ter conhecido aquela turma lá. A turma foi muito legal. Você também chegou a participar de algumas vezes, né, mas agora eles, eles afastaram também de lá. Então... eu gostava que a gente ficava ali conversando, brincando. Mas agora acabou isso também. Eles mudaram de lugar, de posição ali no Mineirão. Parece que uns estão indo lá pra cadeira especial, né? Outros estão indo pro lado de lá também...” (torcedora 76).

Segundo Freitas (2005), dentro do estádio os torcedores se configuram em pequenos grupos formados pelas pessoas que estão situadas ao seu redor, independentemente da classe social. Isso permite inferir que o futebol “[...] induz as pessoas a fazerem parte de uma ‘comunidade de gostos’ onde os significados, as práticas e as obrigações são compartilhadas” (FREITAS, 2005, p.331).

A necessidade de colocar cadeiras no estádio surgiu como uma adequação às normas do EDT que prevê, no artigo 22, que todos os torcedores têm o direito de sentar no local correspondente ao número contido no seu ingresso (BRASIL, 2003). Essa medida é uma tentativa de organização do estádio, o que provoca uma (re-)significação do comportamento dos torcedores e das torcedoras nesse espaço. Entretanto, essa normalização é questionável, pois, segundo Schröder (2007), o EDT foi criado sob um modelo europeu. Assim, tal medida não se mostrou eficiente, porque os torcedores e as torcedoras não sentam no local indicado, alguns nem assentam nas cadeiras permanecendo em pé conforme ilustra a fala da torcedora 177 e contribuiu para que laços de sociabilidade fossem desfeitos⁴⁵.

Outro problema apontado foi a falta de segurança do estádio principalmente na bilheteria e na saída do jogo. Essas falas corroboram os dados apontados por Campos e colaboradores (2008), os quais constataram que a sensação de segurança dos torcedores era maior dentro do estádio do que em seu arredor, devido a um maior policiamento, o que não ocorre na saída do estádio e nem na bilheteria.

Entretanto, contrariando os dados supracitados que foram coletados majoritariamente com os homens presentes no estádio, a torcedora 177 não se sentiu insegura na bilheteria somente pelo fato de estar cheia, com pouco policiamento ou pelo risco de assalto, conforme apontam os resultados da referida pesquisa, mas por ter seu corpo abusado, uma forma de violência contra a mulher.

⁴⁵ Para informações complementares, consultar SILVA, Silvio R. O Estatuto de Defesa do Torcedor e a questão da violência: uma análise sobre a apreciação do lazer a partir dos torcedores de futebol. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15, 2007, Recife. *Anais...* Recife: CBCE, 2007.

“Priscila, eu entrei na fila [da bilheteria], só tinha homem, mas aquilo eles me passaram a mão pra tudo quanto foi lado, mas eu estava ali, eu estava sujeita aquilo. E estou na fila, minha filha, aquela confusão, aquela multidão, aí quando olhei minha irmã em cima da árvore, chorando. Ela viu o tumulto que estava ali. Eu saí de lá da bilheteria parecia que eu estava debaixo de um chuveiro. Eu saí molhada de suor, mas comprei meu ingresso e o dela. Ela falou ‘não vou ficar aqui, não vou entrar’. Eu falei ‘vai. Depois de tudo o que eu sofri?! Que isso!’ Deveria ter um guichê só para mulheres. Porque hoje não, porque hoje a gente tem facilidade da internet e tal, mas nos tempos que eu ia, eu enfrentava fila, sabe, preconceito nunca assim de xingar e de falar, não. Mas assim, corre a mão na gente, a gente está sujeita a cair..., os outros dar um tapa e sobrar pra gente, e nem por isso eu deixava de ir, não, ta? Mas eu acho que deveria de ter um espaço para a mulher” (torcedora 177).

A torcedora 250 sofreu abuso semelhante já dentro do estádio no setor destinado a geral, local onde se concentram os torcedores com nível socioeconômico mais baixo.

“Deixa eu ver... não sei se é bem um preconceito, mas um abusozinho eu já senti. Foi Cruzeiro e Bayer de Munique... a primeira vez que o Cruzeiro foi disputar o Mundial, estava assim lotado e nesse dia eu fui com um cunhado que é americano. Não tinha ninguém pra me levar porque meu marido, naquela época namorado, ele era responsável pelo policiamento do trânsito do Mineirão, então ele ficou ocupado desde cedo até não sei que horas lá com isso, então não tinha ninguém para me levar e eu tava assim louca da vida. Aí meu cunhado foi e falou comigo que me levava, mas só conseguimos ingresso na geral, sabe. Aí realmente, o que me passaram a mão ali... vou te contar... E tava assim... toda hora um passava a mão, por fim meu cunhado ficou atrás de mim me cercando porque, Nossa Senhora, chegava um alisava minha perna, alisava de lá, eles abusaram bastante, quer dizer, não é bem um preconceito, bom não deixa de ser, porque se fosse homem ninguém ia estar passando a mão... Isso foi em 1977. Não era assim tão natural estar ali, mulher era um bicho raro” (torcedora 250).

Na concepção de que o estádio é um espaço para a vivência do masculino e que, desde a inserção das mulheres nesse local, elas deveriam estar acompanhadas de homens – pais, maridos ou irmãos – para serem respeitadas perante a sociedade, tais valores ainda são conservados. Dentro do estádio há um código velado de onde as mulheres podem ir e como podem ir para serem

respeitadas ou protegidas pelos frequentadores do local. Nos locais impróprios a sua presença, elas ficam vulneráveis.

De acordo com Stahlberg (2009), nos estádios, os homens tendem a proteger as mulheres, desde que elas não descumpram os códigos de conduta preestabelecidos tacitamente. E completa afirmando que a assiduidade ao estádio faz com que elas reconheçam os espaços mais ou menos adequados a sua presença.

Tal análise corrobora a tese de Mourão (1998) de que a inserção das mulheres nos espaços masculinos deu-se por conciliação, já que ainda hoje os homens ditam os locais em que as mulheres podem transitar dentro do estádio.

No contexto citado, observa-se, além da presença da violência física, a violência simbólica em relação às mulheres. Violência pode ser definida como conjunto de “[...] manifestações simbólicas ou físicas de um indivíduo ou grupo com o intuito de provocar, atingir ou ferir outros indivíduos ou grupos” (CAMPOS et al., 2008, p.12).

Todavia, a maioria das entrevistadas tem uma visão reduzida da violência no estádio, associando-a a arrastões e brigas entre torcedores organizados. De acordo com as entrevistadas, perto das torcidas organizadas há mais bagunça, é mais tumultuado, principalmente se essa agremiação for a Máfia Azul.

A torcida organizada Máfia Azul está localizada centralmente no setor cidade, é conhecida por ser a maior torcida organizada do Cruzeiro e é criticada por algumas torcedoras por cantar músicas que incitem a violência e façam menção ao Atlético-MG. De acordo com as falas das torcedoras 19, 68, 177 e 250, é irritante em competições importantes, tais como a Copa Libertadores, cantar as músicas que citam o nome do rival, mesmo que para desqualificá-lo. Já com as outras torcidas organizadas não há tanta rejeição, em especial, a Torcida Fanati-Cruz que surgiu em oposição a Máfia Azul e tem como conduta no estádio cantar músicas de incentivo ao Cruzeiro, excluindo o *outro*.

Exceção a essa opinião foi a torcedora 112, membro da Máfia Azul. Segundo ela, a torcida organizada é sua família. A maioria de seus amigos

pertence a essa torcida e os laços de sociabilidade ultrapassam a arquibancada do Mineirão.

“Muita gente que eu conheço hoje em dia foi por causa de Cruzeiro e a gente tem aquela amizade fora. Quando tem festa ‘vão pra tal lugar assim?’ ‘Vão!’. No meu aniversário estão sempre vindo aqui na minha casa ou quando alguém faz aniversário a gente vai... É uma família. Acaba que a gente participa do que acontece na família deles e tudo... Eu fiz agora em março e os meninos quando subiram na arquibancada começaram ‘Parabéns...’ Ai que ver-go-nha! Minha cara foi lá no chão. Mas teve parabéns pra mim, foi todo mundo, a torcida toda olhando pra cima” (torcedora 112).

Analisando as entrevistas são poucas as torcedoras que consideram a violência simbólica como uma das formas de violência sofridas no estádio ou fora dele. Quando perguntadas se elas sofriam algum tipo de preconceito no estádio, uma das manifestações da violência simbólica, a maioria respondeu que não. Ao explicar o que estava sendo considerado preconceito, desde as formas explícitas quando as veladas, elas afirmaram que sim.

O locus do preconceito é o mais diverso e ocupa vários ambientes. É praticado por ambos os sexos, a partir do momento em que não reconhecem a ida ao estádio como um lazer também pertencente à mulher. Algumas torcedoras retrucam, outras levam na brincadeira e algumas nem reconhecem que foram vítimas de preconceito.

“Nossa, você vai ao Mineirão?! Isso é coisa de homem’, ‘isso é coisa de homem, não é coisa de mulher’. Isso aí acontece sim, muito, não é uma nem duas. ‘Vamos sair hoje?’ ‘Ah, eu não vou não’, ‘por quê?’, ‘porque hoje eu vou no Mineirão’, ‘que isso? Você ao Mineirão?’, ‘eu vou! Vou ao Mineirão, sim’. O preconceito é dos dois. Ainda mais quando o homem não gosta de futebol, aí é muito pior... é muito pior! Quando o homem não gosta de futebol ‘Nossa! Você vai ao Mi-nei-rão? Que isso...’. Eu falo ‘uai gente, **eu vou... eu gosto, eu quero**. Eu vou, **eu posso**, deixa eu ir’. Então isso assim... fora tem muito, muito preconceito mesmo. E é geral” (torcedora 50, grifo meu).

Como observado em algumas entrevistas e demonstrado na fala acima, ainda é visto com estranhamento a mulher deixar de sair com as amigas, os amigos, familiares e namorados para ir ao estádio, como opção de lazer. Fato que não ocorre com o público masculino, já que, em nossa sociedade, sair com os amigos, jogar uma pelada, reservar a tarde de sábado ou o domingo para ir ao estádio é um comportamento *natural dos homens*, faz parte da sociabilidade masculina, como deixou escapar a mãe da torcedora 179.

“Nesse aspecto ela puxou o pai que podia ter o que fosse na família que ele não abria mão. Qualquer evento que tivesse. Ele ia para o jogo” (mãe da torcedora 179).

Como muitas vezes ocorre, as mulheres não têm o seu conhecimento e a sua opinião acerca do futebol, dos jogadores e das jogadas respeitados. Elas precisam estar sempre certas. Implicitamente há um limite de tolerância entre o que pode ou não ser dito, pois, ultrapassando esse limite, elas passam a não ser ouvidas. Em uma discussão de uma comunidade de relacionamento da internet, a torcedora 68 teve a sua opinião desqualificada e a sua condição de mulher que não entende de futebol foi reforçada por meio do xingamento recebido.

“No *Orkut* eu participo de discussão na comunidade do Cruzeiro. Nem lembro direito como é que foi, mais tava falando sobre um jogador e eu tava defendendo o jogador. E um cara falou assim ‘ah eu não discuto com mulher não. E não sei o quê, achando fulano de tal bom, é porque não entende nada, porque é mulher e não sei o quê. Vai lavar prato...’” (torcedora 68).

O fato foi resolvido com a exclusão da comunidade do autor da fala, já que a referida torcedora conhecia um dos moderadores da comunidade.

Algo semelhante ocorre com a torcedora 250 quando vai conversar sobre futebol com seu marido ou fazer algum comentário sobre o jogo.

“Eu não digo que entendo 100%, porque, de vez em quando, meu marido fala assim ‘Isso é bobagem!’, mas a opinião é minha então deixa

minhas bobagens. Eu acompanho os comentários de futebol, leio muito. Tem certas coisas, muitas vezes, no próprio Mineirão. Eu falo, olha lá, impedido, está impedido, impedido, impedido, sabe, falta só eu entrar no campo, tomar a bandeirinha do cara e levantar, aí, às vezes, meu marido fala: 'Não o gol foi válido', você vai ver depois realmente tava impedido. É eles não gostam de dar o braço a torcer, não porque eles ficam pensando que mulher só entende de fogão..." (torcedora 250).

Segundo Stahlberg (2009), no futebol, em situações semelhantes, a tolerância aos erros cometidos pelos homens é maior em detrimento aos das mulheres. O fato de ser mulher faz com que ela esteja constantemente sujeita às provações e reafirmações de sua legitimidade.

Dentro do estádio, o preconceito também existe. A torcedora 112 foi chamada de maria-chuteira quando estava no hall do estádio pleiteando autógrafo dos jogadores.

"A gente ia pra lá, as meninas, os caras passavam 'as marias-chuteiras'. Hoje, eu não ligo (risos). Podem falar, eu estou com as meninas também, as meninas não deixam ninguém chamar, entendeu? Eu falo 'sou mesmo, sou mesmo'. Estão com inveja, né? E é só homem que fala. A mulher vai ver eles lá, né. Mulher... não vejo porque a maioria das mulheres que estão lá, estão olhando também, então como é que vão chamar a outra de maria-chuteira, entendeu? Hoje eles falam que as que vão depois do jogo... depois do jogo aparece aquelas mulheres com um saltão. Eu creio que essas aí talvez sejam mesmo, as piriguets que eles falam. Chegam lá com aquele saltão, toda arrumadona, depois do jogo. Você está toda pelos cocos, saindo do estádio e está lá vendo jogador, como é que você vai ser maria-chuteira? Tem nem como. Agora... essas aí eu acredito que sejam mesmo. Chegam aí de salto, esses negócio todo lá, toda produzida, no estádio é que elas não estavam. Ou são mulher de jogador ou foram para lá pra sair com algum jogador. Só para pegar um autógrafo? Elas não estavam no campo, elas foram lá só para pegar um autógrafo lá fora? Eu creio que não, talvez essa sim" (torcedora 112).

Fato notório é a associação entre a presença da mulher no estádio e sua atração sexual por um jogador, o que enaltece a masculinidade e virilidade dos jogadores e, por identificação, a dos torcedores. Em um espaço onde há a necessidade de identificar, isolar e conter o homossexualismo masculino (SOUZA, 1996), em nenhum momento cogita-se que também pode haver homens no

estádio que prestam atenção não só no jogo, mas também nos atributos físicos e econômicos (por que não?) dos jogadores. De acordo com Lovisolo, Soares, Bartholo (2006, p.183)

[...] o elogio à beleza masculina poderia ser visto pela maior parte dos consumidores do espetáculo esportivo no Brasil como uma atitude homossexual ou gay, por essa razão, os jornalistas, por vezes, usam artifícios como “elegante” e outros qualificativos. É evidente que há transformações em curso, mas o campo dos esportes em termos gerais ainda trabalha com a divisão e a oposição estrutural entre homens e mulheres.

Nesse sentido, segundo Sampaio (1985)⁴⁶, citado por Souza (1996, p.146), os meios de comunicação procuram

[...] mostrar ao grande público que o futebol, ‘esporte de macho’, é uma instituição séria, com uma moral rigorosa. O jogador é sempre mostrado com seus familiares, no seu dia-a-dia, para que haja identificação da parte do torcedor.

Assim, há uma exacerbação da heterossexualidade e, ao mesmo tempo, um silêncio sobre a homossexualidade masculina nesse espaço. Quando o homem se aproxima dos jogadores de futebol para tirar foto ou pedir para que autografem a sua camisa, a conotação social do ato é de que estão próximos de seus ídolos, seus heróis ou talvez de um ideal do que gostariam de ter sido (afinal, no imaginário popular, que homem nunca sonhou em ser um jogador de futebol?), e não de uma figura masculina desejável.

Outras entrevistadas disseram sofrer preconceito em relação à roupa com que vão ao estádio, como pode ser observado na fala das torcedoras 177 e 66.

“Vou de tamanco, lá em casa é uma briga, porque não pode ir ao Mineirão de tamanco. Eu falo ‘eu vou de tamanco, vou de rasteirinha’. Meu marido fala que é um local onde eu vou pular, gritar... Eu falo ‘e... meu filho, eu ponho meu tamanquinho lá debaixo da cadeira, subo na

⁴⁶ SAMPAIO, Nadja. O esporte na televisão. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). *Esporte e poder*. Petrópolis: Vozes, 1985, p.66.

cadeira e fico numa boa'. Ah... não tem nada a ver. Pelo menos para o meu lado, não. Porque eu sou uma pessoa que não uso sapato fechado. Não gosto de tênis, pode estar a chuva ou o que for que eu estou de tamanco, de sandália, estou de rasteirinha, sabe? Então, no Mineirão, tem o tamanco que eu vou com ele, aí meu filho ainda fala 'mãe, é um absurdo você vim no Mineirão de tamanco', eu falo 'R., os pés são meus, não se preocupe'. Chega lá eu tiro mesmo e ponho debaixo da cadeira, subo e fico numa boa... não quero nem saber do que estou ali no momento, não. Tem nada... isso aí eu acho que é preconceito mesmo, ne? Eu vou do jeito que eu gosto, que me sinto bem, entendeu? Agora porque o sapato... que sapato vai... ah... que isso? Não interfere não, ué. O negócio é o meu óculos que eu tenho que levar, porque eu não enxergo de longe, então eu tenho que por o meu óculos para ver os jogadores mais de perto" (torcedora 112).

"Eu acho que quando você se caracteriza, põe o uniforme, põe o tênis e uma roupa larga... a pessoa acha que você está.... não sei o que passa na cabeça da pessoa, sabe. Às vezes quando você vai assim, de calça jeans apertada e de sapato de salto alto, eles acham que você está indo como acompanhante. Entendeu? Você não está indo como uma torcedora que gosta de ir, que sofre pelo seu time, que tem vontade. Você está indo para acompanhar, simplesmente pra ficar lá olhando para o tempo, sabe? Não sei... talvez não teria isso... Mas eu gosto de por, de ficar balançando a bandeira... eu gosto" (torcedora 66).

Como percebido, a roupa de ir para o estádio é algo importante, principalmente na representação social do tipo de torcedora que pretende ser reconhecida. Não se deve ir de tamanco, nem sandália, segundo a ala masculina da família da torcedora 177 e não se deve ir de roupa justa ou salto alto conforme a fala da torcedora 66.

De acordo com Bourdieu (1995), toda vez que uma pessoa se julga dentro de uma categoria estabelecida pela visão dominante, ela aplica e reforça em si mesma a naturalização daquilo que foi socialmente construído. Assim, o estádio de futebol tem, implicitamente, um código de conduta criado pelos homens e também reforçado pelas mulheres que estabelece "[...] quão femininas as mulheres podem ser" (STAHLBERG, 2009, p.158). Tal código propicia uma distinção entre as torcedoras. O que elas não percebem, porém, é que tal distinção acaba gerando classificações, normalizações, hierarquizações e relações de poder que contribuem para que a ordem das coisas seja mantida.

Nesse caso, de que o estádio continue sendo um espaço de sociabilidade masculina no qual a mulher precisa pedir licença para entrar e se contentar com alguns de seus pedaços.

As falas das torcedoras, bem como as análises ajudam a demonstrar o tão (in-)tensa é a relação da torcedora com o estádio. Ao mesmo tempo em que buscam o seu espaço, acabam reforçando normas sociais existentes.

Ao adotar como referência a forma de torcer masculina, as mulheres acabam reforçando uma visão unívoca do que é ser uma torcedora dificultando a sua apropriação e inserção legítima nesse espaço e desconsiderando que existem várias formas de torcer e de manifestar o pertencimento clubístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, procurou-se analisar quem são as mulheres torcedoras da equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão e compreender a relação estabelecida dessas torcedoras com o clube e com o Mineirão.

A investigação justifica-se por entender que a ida ao estádio de futebol é uma opção de lazer para muitas mulheres que, enquanto cidadãs, fazem parte de uma rede de sociabilidade gerada por um pertencimento clubístico.

Por meio do breve histórico pode-se perceber que a entrada da mulher no espaço futebolístico aconteceu – e ainda acontece – por inserção, isto é, as mulheres foram incentivadas à prática do torcer, recebendo apoio velado ou aberto dos homens, a partir do momento em que as levam para o estádio pela primeira vez e as acompanham em outras idas. Não se percebe um desejo político organizado por parte da sociedade civil e dos/as gestores/as públicos de mudar a ordem das coisas nesse espaço. Na história do futebol, a presença das mulheres foi construída no espaço das arquibancadas, sobre as representações de ornamentos da prática esportiva masculina, incentivadoras dos clubes e dos jogadores, ou como modelos estereotipados de torcedoras.

Assim, ao estudar as torcedoras frequentes no Mineirão e traçar o seu perfil sociológico, buscou-se dar notoriedade e representatividade a esse grupo social que, desde o surgimento do futebol, está presente na torcida. Pouco se sabe sobre suas características, pois não entram nas estatísticas oficiais dos clubes, dos/as jornalistas esportivos/as, dos/as gestores/as públicos e de alguns e algumas estudiosos/as do futebol, sendo tratadas no conjunto *dos torcedores do clube*.

Através das informações coletadas nos formulários, pode-se perceber que a presença da mulher no estádio é constante e que não há uma idade específica

para adotar a ida ao Mineirão como uma opção de lazer, uma vez que, ao longo da pesquisa, foram encontradas mulheres de todas as idades frequentando o Mineirão. Entretanto, há um predomínio de mulheres entre 18 e 39 anos. As torcedoras dessa faixa de idade, embora sejam maioria no estádio, são as que menos frequentam o Mineirão regularmente. O público feminino mais fiel ao Cruzeiro é o da faixa etária acima de 60 anos, pois independentemente dos compromissos familiares e pessoais agendados, basta o Cruzeiro jogar para elas estarem presentes na arquibancada do Mineirão. No conjunto de torcedoras, a maior parte mora em Belo Horizonte, corresponde à classe média, não tem rendimento mensal e não se considera a responsável pelo domicílio onde mora. Esses dados permitem questionar a autonomia delas, visto que, sem serem emancipadas, não dispõem de condições econômicas para prover o seu sustento e suas necessidades. Isso influencia as opções de lazer, bem como sua presença e ausência no estádio de forma independente e a sua representatividade nesse espaço.

Ainda, no que se refere a esse grupo, percebe-se que a maioria não estava desacompanhada no estádio. A figura masculina do pai, namorado ou marido é a responsável por apresentá-la ao Mineirão e é a companhia mais assídua nesse momento de lazer. Em um espaço simbolicamente representado pela construção do masculino, estar acompanhada por homens, mais do que companhia, significa a sua segurança e a sua senha para entrar e permanecer nesse meio.

A pesquisa confirmou que houve um aumento contínuo do número de mulheres presentes no Mineirão a partir da década de 1990. Ao realizar o somatório das torcedoras que vão frequentemente e as que sempre estão presentes no estádio, há um elevado número de mulheres que adotam a ida ao estádio como uma opção de lazer.

Já no que tange às torcedoras entrevistadas, que sempre estão presentes no estádio, verificou-se que grande parte recebe alguma forma de rendimento, salário, pensão, aposentadoria. Ao dar voz a essas mulheres, ficou notório que a família, principalmente a figura paterna, tem grande influência na escolha pelo

Cruzeiro. A descendência italiana, a vivência dos momentos de sucesso da equipe no momento da escolha por um time e, até mesmo, o rompimento com o grupo familiar também influenciaram algumas torcedoras.

A relação da torcedora com o Cruzeiro é pautada por laços de fidelidade, compromisso e paixão. Ir ao estádio implica participar ativamente das vitórias e derrotas do Clube, bem como uma liberdade de expressão. Nesse espaço, há um afrouxamento das normas sociais. Assim, no anonimato da multidão, elas podem manifestar as suas emoções: vibrar, falar, gritar e xingar utilizando, inclusive, palavrões. Entretanto, essa liberdade não ocorre de maneira plena, pois certo controle ainda existe. Ela pode extravasar suas emoções, mas com moderação dentro de um comportamento que não chegue aos limites do masculino.

No funcionamento social do estádio de futebol, ao longo dos tempos, foi sendo criada uma série de normas para ocupar esse espaço, tomando como base os códigos masculinos. Essas concepções e práticas foram e são apreendidas e interiorizadas, tornando-se, aparentemente, *naturais*. Algumas mulheres que estão presentes com frequência no Mineirão, embora reconheçam e dominem os códigos locais, não consideram o estádio como local seguro para que possam ir e vir independentemente de estarem acompanhadas da figura masculina ou não. Outras buscam sua autonomia e o exercício de sua cidadania indo sozinhas ao Mineirão.

O que se verifica nessa relação é que algumas torcedoras, na tentativa de se legitimarem nesse espaço conseguindo o aval e o respeito, principalmente, dos homens, buscam a sua diferenciação reforçando estereótipos e preconceitos outrora criados pelos homens e introjetados e reforçados pelas próprias mulheres.

Um dos preconceitos vividos e reforçados pelas torcedoras refere-se à vestimenta utilizada para ir ao Mineirão. Verificou-se, ao longo da história do futebol, que houve uma mudança de significado dado a tal prática. Antigamente os homens e as mulheres iam para o campo, como se estivessem indo para um acontecimento social. Assim, as mulheres utilizavam seus vestidos, chapéus, luvas e tudo o mais que representava ser mulher dentro da sociedade da época.

Atualmente, o vestuário é pautado no modelo masculino. Às mulheres é permitida certa dose de feminilidade, expressadas em acessórios, bijuterias ou maquiagens discretas tornando-se mais respeitadas ou camufladas em meio à multidão. Com isso, ampliam o seu acesso e o direito de pertencer a esse local. As que estão dentro dos padrões de feminilidade, por opção ou por não conhecerem os códigos locais, recebem o constrangimento verbal e simbólico tanto dos homens como das próprias mulheres. Talvez essa violência e, mais, a dificuldade de assimilar os códigos locais fazendo-as abrir mão da sua performatividade façam com que muitas mulheres não voltem ao estádio.

Com base nos resultados obtidos, esta pesquisa pode subsidiar políticas públicas para que se invista na acessibilidade das mulheres aos estádios de futebol e sua permanência neles como opção de lazer, procurando melhorar a logística e a infraestrutura desses locais de modo a atendê-las em suas particularidades.

Entre algumas providências, uma bilheteria e um portão de entrada próprios, como feitos em alguns estádios para os estudantes, idosos e sócios-torcedores. Enquanto não houver uma mudança na ordem social, em todas as dimensões, de forma que as cidadãs e os cidadãos sejam respeitados de maneira efetiva, são necessárias leis para assegurar os direitos de ir e vir das torcedoras, de viver em sociedade e frequentar todos os espaços sociais, independentemente se têm ou não companhia.

Como extensão, pontos que viriam a contribuir para aumentar a autonomia não só das mulheres, mas de toda a população que frequenta esse local, tais como segurança, transporte público, limpeza do estádio, qualidade na alimentação dos bares.

Atualmente, ampliaram-se as necessidades das mulheres e dos homens e, com isso, as temáticas de pesquisa referentes ao gênero. As questões de gênero deveriam ser trabalhadas na escola, abordando, não só a igualdade entre os sexos no âmbito econômico e político, mas também o direito social de estar no espaço público, o respeito pelos homens e pelas mulheres, o exercício da

cidadania, da identidade e da sexualidade, o direito ao lazer e a torcer por um time de futebol, manifestando a sua paixão em um espaço que deveria ser de todos, por ser o futebol lazer de meninos e meninas, mulheres e homens.

Conhecendo seus direitos, os sujeitos poderiam buscar intervir de forma mais concisa nas políticas públicas. Assim, elas não seriam pensadas de forma descontextualizada da sociedade e dos desejos dos grupos sociais ou de forma unilateral.

Portanto, considera-se importante a necessidade de ampliar o presente estudo, investigando outras torcedoras, de outros clubes e, até mesmo, do Cruzeiro, em outros contextos.

REFERÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO DO ESTADIO MINAS GERAIS – ADEMG. *Relatório de atividades – 1978*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1979, 42p.

ARANHA, Maria L. de A.; MARTINS, Maria H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ÀS TORCEDORAS. O Foot-Ball. Belo Horizonte, 13 set. 1917, p.2.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Plínio; BARRETO, Luiz O. T. *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias*. Belo Horizonte: [s.n.], 2000.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORI, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2007, p.607-39.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1982.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.133-184, jul./dez. 1995.

BRASÃO, Inês. Improváveis simetrias: um retrato do futebol feminino. In: NEVES, José; DOMINGOS, Nuno (Orgs.). *A época do futebol: o jogo visto pelas ciências sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p.375-87.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil, 1988*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

_____. *Lei n. 10.671*. Estatuto de Defesa do Torcedor. Brasília: DOU, 2003.

_____. *Lei n. 10.741* de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.741.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2008.

CAMPOS, Priscila A. F.; MELO, Marcos de A.; ABRAHÃO, Bruno O. L.; SILVA, Silvio R. As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.30, n.1, p.9-24, set. 2008.

COSTA, Leda M. O que uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e sociedade*, n.4, p.1-31, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es405.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2007.

DaMATTA, Roberto; NEVES, Luiz F. B.; GUEDES, Simoni L.; VOGEL, Arno. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

_____. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n.22, p.10-7, jun./jul./ago. 1994.

DAMO, Arlei. S. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.11-48, 1998.

DAÓLIO, Jocimar. A violência no futebol brasileiro. In: _____. *Cultura, educação física e futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p.111-8.

_____. O drama do futebol brasileiro: uma análise socioantropológica. In: _____. *Cultura, educação física e futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p.101-9.

_____. A superstição no futebol brasileiro. In: _____ (Org.) *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 3-19.

DeSOUZA, Eros; BALDWIN, John R., ROSA, Francisco H. A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v.13, n.3, p.485-96, 2000.

DUNNING, Erik. O desporto como uma área masculina reservada. In: ELIAS, Norbert; _____ (Orgs). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p.389-412.

DUNNING, Erik; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.5, n.2, p. 321-48, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Erik. A busca da excitação no lazer. In: _____ (Orgs.). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p.101-85.

FRANCO, Maria L. P. B. *Análise de conteúdo*. 3.ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Clara M. S. M. As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v.5, n.3, p.329-34, set. 2005.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. 5.ed. São Paulo: UNESP, 1991.

GOELLNER, Silvana V. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. In: FERREIRA-NETO, Amarilio (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Aracruz: FACHA, v.5, 2000. p.127-49.

GOELLNER, Silvana V.; FIGUEIRA, Márcia L. M.; DERÓS, C. C.; OLIVEIRA, Caroline C. Lazer e gênero: considerações iniciais a partir da experiência do Programa Esporte e Lazer na Cidade. In: FRAGA, Alex B. (Org.). *Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos*. Porto Alegre: Gênese, 2009, p.53-61.

GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Ana Maria R.; FARIA, Eliene. *Lazer e diversidade cultural*. Brasília: SESI/DN, 2005.

GOODE, William J. *Métodos em pesquisa social*. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1969.

GUEDES, Simoni L. Um dom extraordinário ou “cozinhar é fácil, mas quem sabe driblar como Beckham?”: comentários a partir do filme *Driblando o destino*. In: MELO, Victor A.; ALVITO, Marcos. *Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.41-53.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese dos Indicadores Sociais 2009*. Departamento de Comunicação Social. 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1476&id_pagina=1>. Acesso em: 30 out. 2009.

LIMA, Jairo A. *Estádio Independência*. Belo Horizonte: Conceito, 2004. Coleção BH. A cidade de cada um.

LOURO, Guacira L. Construção escolar das diferenças. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 1997, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1997, p.68-76.

LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio J.; BARTHOLO, Tiago L. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. *Movimento*, Porto Alegre, v.12, n.3, p.165-91, set./dez. 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAGNANI, José G. Quando o campo é a cidade. In: _____ (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 41-56.

MALUF, Marina; MOTT, Maria L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil* (Org.). v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 367-421.

MANOEL, Ivan A. *Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo*. 2.ed. Maringá: Eduem, 2008.

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. 12.ed. Campinas: Papirus, 2007.

_____. *Estudos do lazer: uma introdução*. 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética: de Platão a Foucault*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Victor A. Futebol: que história é essa?! In: CARRANO, Paulo C. R. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.11-28.

MELO, Victor A.; ALVES JÚNIOR, Edmundo D. *Introdução ao lazer*. Barueri: Manole, 2003.

MOURA, Eriberto J. L. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. 2003. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MOURÃO, Ludmila. *A representação social da mulher brasileira na atividade física desportiva: da segregação à democratização*. 1998. 322f. Tese (Doutorado em educação física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

_____. Representação social da mulher brasileira na atividade física desportiva: da segregação à democratização. *Movimento*, Porto Alegre, v.6, n.13, p.5-18, 2000.

NEGRINNI, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, V. M.; TRIVIÑOS, A. N. S. *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999, p. 61-93.

NICÁCIO, Luiz G.; SANTANA, Thiago J. S.; GOMES, André S.; ABRANTES, Felipe V. P. Campeonato Brasileiro de 2007: a relação do torcedor de futebol com o estatuto de defesa do torcedor na cidade de Belo Horizonte (MG). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.30, n.2, p.25-38, jan. 2009.

PAIVA, Fernanda S. L. Constituição do campo da educação física no Brasil: ponderações acerca de sua especificidade e autonomia. In: BRACHT, V.; CRISORIO, R. (Orgs.). *A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidades, desafios e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 2003, p.63-80.

PEREIRA, Leonardo A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTA, Carlos A. M. *Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação*. Taubaté: Vogal, 1997.

PINTO, Leila M. M. *Políticas participativas de lazer*. Brasília: SESI/DN, 2006.

PNUD – Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento. *Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte*. 2000. Disponível em: < http://www.pnud.org.br/publicacoes/atlas_bh/index.php >. Acesso em: 24 jan. 2010.

PULEO, Alicia. Olympe de Gouges o la radicalización de los ideales ilustrados. In: _____. *La ilustración olvidada. La polémica de los sexos em el siglo XVIII*. Madrid: Anthropos, 1993, p.153-63.

REIS, Heloísa H. B. *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*. 1998. 127f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. *Futebol e violência*. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

RIBEIRO, Raphael R. *A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. 2007. 180f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RODRIGUES, Marilita A. A. A cidade e o lazer: modernidades na cultura de Belo Horizonte. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2001, Caxambu. *Anais eletrônicos...* Caxambu: Entidade patrocinadora, 2001.

_____. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. 340f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANTOS, André C. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. *Lecturas, EF y deportes*, n.86, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd87/minerao.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2009

SCHRÖDER, André. *Estatuto de Defesa do Torcedor gera polêmica*. Disponível em: <<http://pagina.terra.com.br/arte/359/48estatuto.htm>> Acesso em: 20 abr. 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*. Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

_____. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v.13, n.1, p.11-30, jan./abr. 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Introdução. In: _____ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 7-48.

SILVA, Silvio R. *Tua imensa torcida é bem feliz*: da relação do torcedor com o clube. 2001. 130p. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SILVA, Silvio R.; NICÁCIO, Luiz G.; SILVA JÚNIOR, Mauro S. L.; ABRAHÃO, Bruno O. L.; SANTANA, Thiago J. S.; VIEIRA, Yuri V. G.; MELO, Marcos A. Futebol e lazer: refletindo sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor no campeonato brasileiro de 2006 em Belo Horizonte. In: SEMINÁRIO LAZER EM DEBATE, 8., 2007, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro: Grupo de pesquisa “Anima”/PPGHC/IFCS/UFRJ/Celar-UFMG, 2007. p.201-9.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e diferença: perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, v.1, p.73-102. Disponível em: <http://ead.uces.br/orientador/turmaA/Acervo/web_F/web_H/file.2007-09-10.5492799236.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2010.

SOUZA, Marcos A. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.6, n.7, p.109-52, 1996.

STAHLBERG, Lara T. Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero. In: TOLEDO, Luiz H.; COSTA, Carlos E. (Org.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009, p.141-66.

TOLEDO, Luiz H. *Lógicas no futebol*. São Paulo: HUCITEC, FAPESP, 2002.

TRIPODI, T.; FELLIN, P.; MEYER, H. *Análise da pesquisa social*. Tradução Geni Hirata. Rio de Janeiro: F Alves, 1975.

WERNECK, Christiane L. G. Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física. In: _____; ISAYAMA, Hélder F. (Org.). *Lazer, recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 15-56.

WITTER, José S. O futebol: do esporte de elite ao elitismo no esporte. *Ciência e Cultura*, Campinas, v.34, n.12, p.1.637-9, dez. 1982.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindicación de los derechos de la mujer*. Madrid: Debate, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Formulário perfil sociológico das torcedoras

	Universidade Federal de Minas Gerais Centro de Estudos em Lazer e Recreação – CELAR Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – GEFuT Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha Responsáveis: Silvio Ricardo da Silva e Priscila A. F. Campos Tel.: 34092345 – Email: gefutufmg@gmail.com	
---	--	---

Formulário – Perfil sociológico das torcedoras

CRUZEIRO X _____

Competição: _____ **data:** _____ **Sector do estádio:** _____

- 1.Nome: _____ 2.Idade _____
- 3.Estado civil: () solteira () casada () viúva () divorciada () outra _____
- 4.Escolarização _____ 5.curso/ série/ modalidade _____
- 6.Tem ocupação profissional? () Sim () Não
- 7.Qual: _____ 8.Renda: _____
- 9.Bairro onde mora: _____ 10. Cidade: _____
- 11.Qual é o tipo de residência de sua família: () própria () alugada () outro _____
12. Você é a principal responsável pelo domicílio?
 () Sim () Eu e _____ () Não 13. Quem é? _____
- 14.Qual o número de pessoas que moram junto com você? _____
- 15.Quem são essas pessoas? (colocar no parêntese a quantidade, quando for mais de 1)
 () pai () mãe () marido () empregada doméstica
 () filh _____ () irm _____ () outra _____
- 16.Qual o meio de comunicação que MAIS utiliza para se manter informada sobre os acontecimentos atuais?
 () internet () televisão () jornal () rádio () outros _____
- 17.Tipo de torcedora (pode ter mais de uma resposta):
 () possui *Cartão 5 estrelas* () pertence à Torcida Organizada
 () uniformizada () comum
- 18.Com quem você veio ao estádio hoje? (pode marcar mais de uma pessoa e anotar a quantidade)
 () pai () mãe () marido () namorado () filh _____
 () amig _____ () irm _____ () outro _____

19. Quando foi a 1ª vez que você veio ao Mineirão: _____

20. Com quem você veio ao Mineirão pela 1ª vez?

() pai () mãe () marido () namorado
() irm _____ () amig _____ () outro _____

21. Com que frequência você costuma vir ao Mineirão assistir aos jogos do Cruzeiro?

() 1ª vez () raramente () frequentemente () sempre

22. A qual tipo de jogo você costuma vir assistir? (**exceto 1ª vez**)

() os que não são muito cheios () os que são mais importantes na temporada
() os clássicos () os que tenho companhia () qualquer tipo () outros _____

23. (**Só para 1ª vez**) Por que você escolheu esse jogo?

() não é muito cheio () é importantes na temporada () é clássico
() tenho companhia () outros _____

24. Qual o meio de transporte utilizado para vir para o estádio?

() venho a pé () carro próprio/da família () transporte coletivo urbano
() carona () ônibus especial () outro _____

25. Qual o meio de transporte utilizado para ir embora do estádio?

() volto a pé () carro próprio / da família () transporte coletivo urbano
() carona () ônibus especial () outro _____

26. Qual é a forma PRINCIPAL pela qual você obtém notícias sobre o Cruzeiro?

() jornal () televisão () rádio () internet () site do Cruzeiro
() revista do Cruzeiro () conversa com outras pessoas Quem? _____ () outra _____

27. Você aceitaria, em outro momento, ser contactada para uma entrevista com o objetivo de dar continuidade a esta pesquisa? () Sim () Não

Telefone para contato: _____ E-mail: _____

Assinatura ou rubrica: _____

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista

	Universidade Federal de Minas Gerais Centro de Estudos em Lazer e Recreação – CELAR Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – GEFuT Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha Responsáveis: Silvio Ricardo da Silva e Priscila A. F. Campos Tel.: 34092345 – Email: gefutufmg@gmail.com	
---	--	---

Roteiro – Entrevista semiestruturada

1. Quando você começou a torcer pelo Cruzeiro?
2. Por que você escolheu o Cruzeiro?
3. Quais são os valores que você atribui à torcida do Cruzeiro? ou Como você vê a torcida do Cruzeiro?
4. Para você o que significa torcer pelo Cruzeiro?
5. Quando foi a primeira vez que você foi ao Mineirão?
6. Com quem você foi?
7. Como foi essa experiência?
8. Você, a partir desse momento, passou a ir ao estádio com frequência?
(Em caso negativo, por quê? Repetir perguntas de 5, 6 e 7)
9. Atualmente, com quem você costuma ir ao Mineirão?
10. E o que você acha do Mineirão em questão de estrutura física, limpeza, segurança?
11. Por que você vai ao Mineirão assistir aos jogos do Cruzeiro?
12. Ao longo dessas idas ao estádio, você já sofreu algum tipo de preconceito?
13. Você já foi sozinha ao Mineirão?

ANEXO C

Tabela sobre a distribuição da idade por frequência

Tabela 18
Distribuição da idade por frequência (continua)

Idade	Frequência	%
18	12	2,7
19	11	2,5
20	14	3,2
21	23	5,2
22	20	4,5
23	18	4,1
24	20	4,5
25	18	4,1
26	18	4,1
27	13	2,9
28	14	3,2
29	14	3,2
30	5	1,1
31	5	1,1
32	10	2,3
33	7	1,6
34	10	2,3
35	6	1,4
36	7	1,6
37	8	1,8
38	5	1,1
39	8	1,8
40	9	2,0
41	13	2,9
42	10	2,3
43	2	0,5
44	4	0,9
45	9	2,0
46	11	2,5
47	7	1,6
48	6	1,4
49	11	2,5
50	9	2,0
51	4	0,9

Tabela 18
Distribuição da idade por frequência (conclusão)

Idade	Frequência	%
52	7	1,6
53	5	1,1
54	4	0,9
55	7	1,6
56	6	1,4
57	5	1,1
58	7	1,6
59	3	0,7
60	7	1,6
61	4	0,9
62	4	0,9
63	3	0,7
64	3	0,7
65	1	0,2
66	3	0,7
67	4	0,9
68	1	0,2
69	2	0,5
72	1	0,2
74	1	0,2
76	1	0,2
82	1	0,2
84	1	0,2
N.I.	1	0,2
Total	443	100,0

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

APÊNDICE D

Tabela sobre o estado civil por faixa etária

Tabela 19
Estado civil por faixa etária

Faixa etária	Estado civil	%
18 - 39	solteira	65,3
	casada	30,2
	divorciada	2,6
	outra	1,9
	Total	100,0
40 - 59	solteira	13,7
	casada	63,3
	viúva	7,9
	divorciada	13,7
	outra	1,4
	Total	100,0
acima de 60	solteira	15,8
	casada	31,6
	viúva	42,1
	divorciada	10,5
	Total	100,0

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.

NOTA – Os formulários validados para cada faixa etária foram: 18 – 39; 266; 40 – 59, 139 e acima de 60, 38 formulários.

APÊNDICE E

Tabela sobre o curso de graduação

Tabela 20
Cursos de graduação (continua)

Curso	%
engenharia civil	1,4
psicologia	2,0
letras	3,4
nutrição	1,6
ciências contábeis	1,4
direito	5,0
medicina	1,4
pedagogia	5,4
fonoaudiologia	0,5
terapia ocupacional	0,2
odontologia	0,5
administração	5,2
engenharia de agrimensura	0,2
arquitetura/urbanismo	0,7
gestão de comércio	0,2
engenharia de minas	0,2
turismo	0,2
geografia	0,9
educação física	1,1
ciências biológicas	1,1
fisioterapia	1,4
jornalismo	1,4
enfermagem	1,6
comunicação	0,9
história	1,8
biblioteconomia	0,7
economia	0,7
recursos humanos	0,2
engenharia de produção	0,2
relações públicas	0,5
farmácia	1,1
veterinária	0,2
biomedicina	0,2
moda	0,5

Tabela 20
Cursos de graduação (conclusão)

Curso	%
sistema da informação	0,2
comércio exterior	0,2
belas artes	0,2
gastronomia	0,2
secretariado	0,5
eventos	0,2
ciências sociais	0,2
CHO - PMMG	0,2
física	0,2
matemática	0,2
gestão em marketing	0,2
geologia	0,2
serviço social	0,2
química	0,2
engenharia ambiental	0,2
N.A.	5,8
N.I.	1,8
Total	100,0

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação.